

# Arquivos de Zoologia

Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo

Volume 43(1):1-108, 2012

[www.mz.usp.br/publicacoes](http://www.mz.usp.br/publicacoes)  
<http://portal.revistasusp.sibi.usp.br>

ISSN impresso: 0066-7870  
ISSN *on-line*: 2176-7793

## A ESTRANHA HISTÓRIA DA COBRA NARRADA NA “RELAÇAM PRODIGIOZA DA NAVEGAÇAM DA NAO CHAMADA S. PEDRO, E S. JOAM DA COMPANHIA DE MACAO” (FASCUNH, 1743) – UMA OBRA PORTUGUESA SOBRE HERPETOLOGIA

NELSON PAPAVERO  
CHRISTIAN FAUSTO MORAES DOS SANTOS

## PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS

O Museu de Zoologia publica dois periódicos, *Papéis Avulsos de Zoologia* (previamente *Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura de São Paulo*, iniciada em 1941) e *Arquivos de Zoologia* (previamente *Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo*, iniciada em 1940). Os artigos são publicados individualmente e trazem a data de recebimento e de aceite pela Comissão Editorial.

São derivados ambos os periódicos de documentos zoológicos da *Revista do Museu Paulista*, de forma que os volumes 1-3 de *Arquivos de Zoologia* englobam os volumes 24-26 da *Revista do Museu Paulista*. Com o estabelecimento de um periódico diferente para documentos zoológicos, a *Revista do Museu Paulista* foi reiniciada então como uma Nova Série, dedicado a assuntos não-zoológicos.

## SCIENTIFIC PUBLICATIONS

The Museu de Zoologia publishes two journals, *Papéis Avulsos de Zoologia* (previously *Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura de São Paulo*, started in 1941) and *Arquivos de Zoologia* (previously *Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo*, started in 1940). Papers are published as separate issues, which contain the dates of receipt and acceptance by the Editorial Committee.

Both journals are derived from zoological papers in the *Revista do Museu Paulista*, so that volumes 1-3 of *Arquivos de Zoologia* bear volumes numbers 24-26 of *Revista do Museu Paulista*. With the establishment of a different journal for zoological papers, the *Revista do Museu Paulista* was then restarted as a New Series, dedicated to non-zoological subjects.

## PUBLICACIONES CIENTÍFICAS

El Museu de Zoologia publica dos periódicos, *Papéis Avulsos de Zoologia* (previamente *Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura de São Paulo*, que iniciou en 1941) y *Arquivos de Zoologia* (previamente *Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo*, que iniciou en 1940). Los artículos son publicados individualmente y contienen las fechas de recepción y aceptación por la Comisión Editorial.

Ambos periódicos se derivan de los artículos zoológicos de la *Revista do Museu Paulista*, de forma que los volúmenes 1-3 de *Arquivos de Zoologia* llevan la numeración de los volúmenes 24-26 de la *Revista do Museu Paulista*. Con el establecimiento de un periódico diferente para los artículos de zoología, la *Revista do Museu Paulista* se reinició como una Nueva Serie, especializada en asuntos no relacionados con zoología.

# Arquivos de Zoologia

Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo

[www.mz.usp.br/publicacoes](http://www.mz.usp.br/publicacoes)  
<http://portal.revistasusp.sibi.usp.br>

ISSN impresso: 0066-7870  
ISSN *on-line*: 2176-7793

## A ESTRANHA HISTÓRIA DA COBRA NARRADA NA “RELAÇAM PRODIGIOZA DA NAVEGAÇAM DA NAO CHAMADA S. PEDRO, E S. JOAM DA COMPANHIA DE MACAO” (FASCUNH, 1743) – UMA OBRA PORTUGUESA SOBRE HERPETOLOGIA

NELSON PAPAVERO  
CHRISTIAN FAUSTO MORAES DOS SANTOS

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**Reitor:** Prof. Dr. João Grandino Rodas

**Vice-Reitor:** Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

© **MUSEU DE ZOOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**Diretor:** Prof. Dr. Hussam El Dine Zaher

**Vice-Diretor:** Prof. Dr. Marcos Domingos Siqueira Tavares

**COMISSÃO EDITORIAL**

Carlos José Einicker Lamas – Universidade de São Paulo (*editor-chefe*)

Hussam El Dine Zaher – Universidade de São Paulo (*editor associado*)

Luís Fábio Silveira – Universidade de São Paulo (*editor associado*)

Marcos Domingos Siqueira Tavares – Universidade de São Paulo (*editor associado*)

Mário Cesar Cardoso de Pinna – Universidade de São Paulo (*editor associado*)

Sérgio Antonio Vanin – Universidade de São Paulo (*editor associado*)

**SEÇÃO DE PUBLICAÇÕES**

Airton de Almeida Cruz (*arte-finalista*)

**INDEXADORES**

Biological Abstracts, BIOSIS, Portal de Revistas da USP,

ULRICH's, Zoological Record.

**VENDA, PERMUTA, DOAÇÃO E ASSINATURA**

Museu de Zoologia da USP – Caixa Postal 42.494 – CEP 04218-970 – São Paulo – SP – Brasil

Serviço de Biblioteca e Documentação – Fone: (55-11) 2065-8121 – e-mail: biblmz@usp.br

Os periódicos *Papéis Avulsos de Zoologia* e *Arquivos de Zoologia* estão credenciados na Comissão de Credenciamento do Programa de Apoio às Publicações Científicas e Periódicas da Universidade de São Paulo.

**Tiragem:** 500 exemplares.



Publicado com o apoio financeiro do  
Programa de Apoio às Publicações  
Científicas Periódicas da USP

**Ficha Catalográfica de acordo com o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2)**

Arquivos de Zoologia / Universidade de São Paulo. Museu de  
Zoologia. Vol. 15(1967)-  
São Paulo : O Museu, 1967-  
v. : il. ; 26 cm.

Continuação de: Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo:  
Vol. 1(1940)-14(1966).

Irregular: Vol. 15(1967)- 37(2002/2006)

Anual: Vol. 38(2007)-

ISSN: 0066-7870 (versão impressa)

ISSN: 2176-7793 (versão on-line disponível em:

<http://portal.revistasusp.sibi.usp.br>

1. Zoologia. I. Universidade de São Paulo. Museu de Zoologia.



## SUMÁRIO

- 43(1):1-108 A estranha história da cobra narrada na “relaçam prodigioza da navegaçam da nao chamada S. Pedro, e S. Joam da Companhia de Macao” (Fascunh, 1743) – uma obra portuguesa sobre herpetologia  
*Nelson Papavero & Christian Fausto Moraes dos Santos*



# Arquivos de Zoologia

Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo

Volume 43(1):1-108, 2012

www.mz.usp.br/publicacoes  
http://portal.revistasusp.sibi.usp.br

ISSN impresso: 0066-7870  
ISSN on-line: 2176-7793

## A ESTRANHA HISTÓRIA DA COBRA NARRADA NA “RELAÇAM PRODIGIOZA DA NAVEGAÇAM DA NAO CHAMADA S. PEDRO, E S. JOAM DA COMPANHIA DE MACAO” (FASCUNH, 1743) – UMA OBRA PORTUGUESA SOBRE HERPETOLOGIA

NELSON PAPAVERO<sup>1</sup>

CHRISTIAN FAUSTO MORAES DOS SANTOS<sup>2</sup>

### ABSTRACT

*The Portuguese ship “São Pedro e São Paulo” left Macau, China, bound for Portugal, in January 1743. She arrived at the port of Lisbon on 12 September 1743. While unloading the ship, it was discovered that a snake had embarked in her, which was immediately killed and taken to the church of Nossa Senhora da Penha, together with a miniature of the ship, as a token of gratitude to the Virgin, for saving the crew from several dangers and because the snake had not killed any member of it. A wooden model of the snake was made afterwards, to accompany that of the “lagarto da Penha” already existing in that church. Out of curiosity, the Augustinian Father Francisco da Cunha, tried to identify the snake, publishing in that same year of 1743, under the pseudonym of “Ricardo Fineça Fascunh”, the booklet Relaçam da prodigiosa navegaçam da nao chamada S. Pedro, e S. Joam da Companhia de Macao. In this work, in a certain way a treatise of herpetology, Cunha discussed the creation of reptiles by God in the fifth day of the Creation, the etymologies of several snake names, the generation of these reptiles (both sexual and by spontaneous generation), their sympathies and antipathies in relation to other animals and plants, finally listing some 50 species of snakes, in a frustrated attempt to identify the snake which had come from Macau. His commentaries are abridged paraphrases, with some alterations and translation errors, of the works of Jonstonus (1653), precipuously, and Nieremberg (1635), secondarily; he also seems to have consulted the books of Gesner (1587) and Ray (1693), besides some other works. Through his short and insufficient description of the snake transported by the ship “São Pedro e São Paulo”, we can only conjecture that it was a specimen of Pelamis platura (Linnaeus, 1766) (Elapidae, Hydrophiidae).*

**KEY-WORDS:** Ricardo Fineça Fascunh (Frei Francisco Cunha); 1743; *Relaçam da prodigiosa navegaçam da nao chamada S. Pedro e S. Joam da Companhia de Macao*; Macau; *Pelamis platura* (Elapidae, Hydrophiidae); Church of Nossa Senhora da Penha; Lisboa; “lagarto da Penha”; history of zoology.

1. Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo. Caixa Postal 42.494, 04218-970, São Paulo, SP, Brasil. Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: nelsonpapavero@gmail.com

2. Departamento de História, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá. Avenida Colombo 5.790, 87020-900, Maringá, PR, Brasil.

## 1. COBRAS, LAGARTOS, JACARÉS E CROCODILOS COMO EX-VOTOS

*Então o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a fera, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida.*

*E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.*

Gênesis 3:14-15.

Esses versículos do Gênesis foram interpretados pela Igreja de Roma como alusivos à Virgem Maria e seu poder contra o demônio, simbolizado por uma cobra ou por um dragão, como aparece frequentemente na iconografia religiosa, principalmente a relacionada com a Imaculada Conceição. Não é de admirar, portanto, que pessoas piedosas ameaçadas por répteis tais como cobras, crocodilos ou jacarés e deles tendo escapado ilesos ao invocarem a proteção da Virgem, levassem os despojos desses animais como oferendas votivas a alguma igreja de sua particular devoção como penhor do agradecimento pelo milagre e para proclamá-lo publicamente para outros fiéis.

Como assinalou Callejo (2001:108):

“Lo cierto es que a raíz de la conquista de las tierras americanas se han magnificado las hazañas de estos animales hasta convertidos casi en dragones (otros reptiles, al fin y al cabo). Esto ha ocurrido cuando ciertos misioneros, colonos o conquistadores trajeron a España caimanes, lagartos y cocodrilos – animales desconocidos por estos pagos en aquellas fechas –, que rápidamente la imaginación popular les atribuyó toda clase de fechorías propias de un dragón, a sabiendas, la mayoría de las veces, que tan sólo se trataba de animales raros que cuando morían (o los mataban) su piel era expuesta en los templos religiosos como algo digno de que vieran sus conciudadanos y sus descendientes, convirtiéndose al final en una atracción de feria con las consiguientes exageraciones en cuanto a sus cualidades, atributos e, incluso, en la forma de matarlos”.

Não são raros lagartos, jacarés ou crocodilos oferecidos como ex-votos, expostos em igrejas da Península Ibérica. Em seu magnífico artigo *Cocodrils i balenes a les esglésies*, Doménech (2000:272-274) listou igrejas de Espanha, Portugal e França, nas quais se encontram ou encontravam crocodilos ou jacarés preservados:

### (i) Com crocodilos:

Cervera, Lérida, Catalunha, Capella de Nostra Dona del Miracle – “Con este glorioso apellido goza esta villa de su imagen, intitulándola del Milagro por los muchos que ha obrado Dios con los fieles por ella [...]. Había un cocodrilo, o lagarto cerca del lugar donde tenía su capilla, que hacía grandes danos a las personas que se acercaban allí; por lo cual haciendo voto los de la villa a esta gran Señora, de que si les libraba de aquel peligro la llamarían del Milagro; sucedió que hallaron muerto el dicho animal, y le colgaron después en la iglesia mayor, a la parte de la epístola, delante del coro”; Camós, 1657:385-386. [Doménech, 2000:272].

Cáceres, Cáceres, Estremadura, Real Monasterio de Santa María de Guadalupe – “Vimos la piel de un corpulento cocodrilo cazado en Guinea por unos portugueses que, encomendándose a la Virgen, escaparon de ser devorados por aquel monstruo; un desmesurado espaldar de tortuga en el que pudiera bañarse una persona como en una pila”; Münzer, 1494, *in* Puyol, 1924:203. [Doménech, 2000:272]. Cf. também Pfandl, 1920.

Lisboa, Convento dos Franciscanos – Crocodilo proveniente da Guiné, visto por Hieronymus Münzer em 1495, pendurado no coro. [Doménech, 2000:273].

Lisboa, Santuário de Santa Maria da Luz – Münzer também deu notícia deste crocodilo. A seu lado havia um bico de pelicano e rostros de peixe-serra. [Doménech, 2000:273].

Montserrat, Barcelona, Catalunha, Claustre de l'Església Vella de Montserrat – “Aux voûtes de laquelle [Església Vella] pendent de grands lézards et de bêtes monstreuuses, des cadenes des esclaves sauvés...”; Barthélemy Joly, *in* Bennassar & Bennassar, 1998. [Doménech, 2000:273].

- Saint Bertrand de Cominges, Haute-Garonne – Crocodilo pendurado numa coluna no interior do templo. [Doménech, 2000:273].
- Santo Domingo de la Calzada, La Rioja, La Rioja, “Hospital des Pelegrins” (atualmente o albergue “Casa del Santo”) – “Nous entrâmes dans cette ville pour aller à l’hôpital, qui était comme un long cloître, où nous sommes entrés, où nous avons vu, élevée en l’air la peau d’un lézard remplie de paille, de la longueur de 5 à 6 pieds, d’une grosseur à proportion”; Guillaume de Manier, *in* Bonnault d’Houët, 1890:53. [Doménech, 2000:273-274].
- Sevilla, Sevilha, Andalúcia, Catedral de Sevilha – Em algum momento da segunda metade do século XIII havia um crocodilo dissecado, pendurado na nave lateral, por isto conhecida como Nave do Lagarto. Ao deteriorar-se o exemplar, foi substituído por uma réplica de madeira, já registrada em documentação de 1465. [Doménech, 2000:274]. À p. 162 de seu artigo, Doménech (2000) diz também: “El millor amplaçament que pot tenir un crocodil és la paret d’una església. Aquest serà el cas de Sevilla. El 1260 un ambaixador del soldà d’Egipte regalà a Alfons X un cocodríl; quam morí, fou dissecat i penjat en una de las naus de la catedral”. Também brevemente mencionado por Callejo (2001:109).
- Vilallonga del Camp, Tarragona, Catalunha, Ermita de la Mare de Déu del Roser – Havia um crocodilo no interior do templo, sobre o arco da entrada, doado pelo cirurgião Pere Virgili (1699-1776), natural da cidade. O animal desapareceu em 1936. [Doménech, 2000:274].
- Zamora, Zamora, Castilla y León, Nuestra Señora de los Remedios – Segundo Doménech (2000:274): “està mutilat, i des fa un temps l’animal dissecat és a l’Estudi Taller Diocesà de Conservació i Restauració del bispat de Zamora. Com la majoria dels cocodrils del catàlog, aquest també te la seva llegenda. En el bosc de Valoria hi havia un enorme llangardaix que causava molts estralls a la població. Com a Cervera, es feren processons i rogatives perquè el cel els alliberés de la bèstia. Tanmateix, aquí hi hagué un cop de mà. Un grup d’homes armats amb forques i xarxes decidiren passar a l’acció i anar a capturar l’animal. Gràcies a la protecció de la Verge del Remei, el pogueren matar i, en acció de gràcies, en feren ofrena a l’ermita”.

Doménech (2000:259) citou ainda um crocodilo numa igreja de Paris: “El que hi havia a París, a Saint Antoine, havia estat preparat mitjançant una curiosa tècnica d’embalsament: bullit en oli”, e à p. 262: “a París, quan el 1517 Francesc I rebé dels venecians un cocodríl, el féu posar a la paret de l’església de Saint Antoine”.

Na lista apresentada por Doménech faltou o “Drac de na Coca”, de Mallorca, Ilhas Baleares. Uma das lendas mais conhecidas da cidade de Palma é a do ‘Drac (dragão) de na Coca’. Trata-se de um crocodilo que viveu nas ruas de Palma no século XVII, entre o bairro chamado ‘del Call’ e a Portella. Acredita-se que um jovem crocodilo chegou a essa ilha a bordo de um barco. Uma vez na cidade de Palma, instalou-se na labiríntica rede de esgotos da cidade e à noite saía em busca das vítimas de que se alimentava – gatos e ratos a princípio, mas à medida que crescia e com o aumento de seu apetite passou também a atacar bebês em seus berços e crianças pequenas que se aventuravam a andar pelas ruas. Segundo a lenda, a besta morreu nas mãos do capitão e governador de Alcúdia, Bartomeu Coch, quando se encontrava na Portella de Palma durante uma noite do ano de 1776. O capitão cortejava uma dama dessa zona e enquanto dirigia seu olhar à sacada da casa, dirigindo palavras de amor a sua namorada, emergiu das trevas da noite a terrível besta. Valorosamente o cavaleiro sacou sua espada e tirou-lhe a vida; arrastou-a até os pés de sua amada, oferecendo-a como prova de seu amor, exclamando: “Vet aci es drac, es drac de na Coca” (aquí está o dragão, o dragão do Sr. Coch). A partir da façanha do capitão Coch o “dragão” recebeu seu nome atual, com a femininação (“coca”) de seu nome. Esse crocodilo foi embalsamado e atualmente pode ser visto no Museu Diocesano de Palma de Mallorca. Este crocodilo também mereceu um monumento na cidade, na Praça Santa Eulália. Cf. Quintana i Torres (1992).

## (ii) Com jacarés:

- Berlanga del Duero, Soria, Castilla y León, Colegiata de Santa Maria del Mercado – Trazido em 1541 por Frei Tomás de Berlanga, natural dessa cidade, dominicano, bispo do Panamá e descobridor das ilhas Galápagos. O animal é conhecido como *ardacho*, está decapitado e esposto no costado da porta de entrada. [Doménech, 2000:272]. À p. 261 de seu artigo (2000), Doménech apresenta uma foto desse jacaré.
- Córdoba, Córdoba, Andalúcia, Santuario de Nuestra Señora de la Fuensanta – Doménech (2000:272) cita um texto de 1618: “Todas las paredes de su santa iglesia están llenas de trofeos, galeras y navíos; hay culebras

de notable grandeza, lagartos...”. Esse jacaré foi brevemente mencionado por Comes Ramos (1990:101); Doménech (2000:259) apresenta uma foto desse jacaré.

Jaén, Jaén, Andalucía, Santuario de Nuestra Señora de la Capilla y Sacra Iglesia Parroquial de Santo Ildefonso – citado por Eslava Galán (1991:30) – A notícia mais antiga foi dada por Ordóñez de Ceballos (1628) e assim citada por Alarcón Herrera (2004:192): “Em 1628 Ceballos la recoge así: ‘Una sierpe asolaba a quienes acudían al fuente de la Malena [ou Magdalena, bairro de Jaén]. Un pastor dió en pensar una industria para acabar con ella. Degolló un cordero, tomó la piel, la rellenó de yesca y la cerró. La roció con sangre para hacerla apetitosa como si fuese cordero muerto. Prendió fuego a la yesca, silbó, se escondió, salió la sierpe y engulló el cordero fingido. La yesca le abrasó sus entrañas, y reventó. Cesó el peligro y se celebró la memoria del industrioso pastor decorando con pinturas alusivas a su hazaña la fuente de la Malena”. Nesse mesmo ano de 1628, outra notícia foi publicada por Ximénez Patón. O deão Martínez de Mazas (1794), no prólogo de sua obra, assinalava que “tampoco se debe dar mayor autoridad con la pluma a los muchos cuentos y vulgaridades que reinan en todas partes. Por ejemplo, no se debe hacer aprecio de la Historieta que refieren Ordoñez y Patón [Ximénez Patón, 1628] de la Gran Serpiente en la fuente de la Magdalena quando el sitio era un bosque y dicen que la mató un Pastor con un Cordero fingido, o con un pellejo de Cordero ensangrentado, y lleno de yesca encendida. Lo mismo digo del otro cuento de la piel de Caimán que se halla colgada en la pared detrás del Coro de la Parroquia de San Ildefonso, y se traería de Indias por alguno de sus hijos de esta ciudad que estuvieron en aquellas Provincias” [este trecho é citado por Eslava Galán (1991:30)]. Apenas de passagem, essa lenda é mencionada por Espantaleón Molina (1905). Alfredo Cazabán Laguna publicou um artigo sobre o assunto em sua revista *D. Lope de Sosa*; recolheu três versões distintas da história do lagarto; cf. Rodríguez Plasencia (2007). O lagarto tornou-se tão famoso que até um monumento existe para ele em Jaén (uma foto foi publicada por Anônimo (2009:56)). Callejo (2001:109) refere-se ao lagarto brevemente: “el de la iglesia de San Ildefonso, en Jaén, hoy desaparecido, correspondiente al denominado ‘lagarto de la Malena’”. Cf. também Eslava Galán (1987).

Madrid, Parroquia San Ginés – “Segons Tarazona, citat per Vergés i Mirassó [1871], l’animal havia estat col·locat damunt la porta principal. Ara està sota l’ara de l’altar de la capella de la Virgen de los Remedios. García Gutiérrez & Martínez Carbajo [1994] el daten de finals del segle XV” (Doménech, 2000:273). Em Callejo (2001:107-108) lemos: “En el último [altar más pequeño] del pasillo de la derecha [de la iglesia de San Ginés] se encuentra el altar dedicado a la Virgen de los Remedios, y a sus pies, sin necesidad de forzar mucho la vista, podrá contemplar un auténtico cocodrilo momificado que más de miedo da pena [à p. 106 há uma foto desse animal]. Por supuesto que tiene su historia. Cuentan las crónicas que un personaje de la Corte de los Reyes Católicos (allá por el siglo XV) fue amenazado por un saurio durante uno de sus viajes. Se llamaba Alonso de Montalbán, había desempeñado funciones de aposentador junto a los Reyes Católicos, y ahora se hallaba comisionado por ellos en América. A su regreso, acompañado de familia y criados, un grupo de cocodrilos atacó su barco en alta mar, viéndose en tan comprometida situación, que hubieron de refugiarse en la isla de Portobello. Una vez en tierra, cuando ya se creían a salvo, sufrieron la persecución de un enorme caimán que se había separado del grupo. La mujer de Don Alonso suplicaba a la Virgen que les remediará en aquel trance, cuando el tronco de un árbol se abrió, de arriba abajo, y en él apareció la efigie de una imagen, que desde entonces bautizaron con el nombre de Virgen de los Remedios. El árbol, con su caída, originó la muerte del animal, que fue traído a Madrid y disecado posteriormente. La imagen también los acompañó, protegida durante la travesía por la corteza del árbol donde fue encontrada. La familia Montalbán, en acción de gracias, erigió un altar en el templo de San Ginés, colocando en él a la Virgen de los Remedios, y muy cerca al reptil que originó el milagro. La leyenda es tan increíble, que no repara en un pequeño ‘detalle’ que en alta mar no hay cocodrilos (tan sólo existe una especie que suele frecuentar el mar: El *cocodrilo marino* o *poroso*, en algunas zonas de Asia y Oeanía)”. Sobre ele também escreveu Rodríguez Plasencia (2007).

Montcada i Reixac, Vallès Occidental, Barcelona, Cataluña, Ermita de Sant Pere de Reixac – “La ermita tiene un altar muy antiguo y una multitud de presentallas, caimanos, costillas de animales marinos y otras memorias de esta naturaleza presentadas a la Virgen”; texto de 1787 citado por Zamora (1973:115). [Doménech, 2000:254, 273].

Ripoll, Girona, Cataluña, Església de Sant Eudald – “La iglesia en donde está el cuerpo de San Eudaldo es antigua [...] y en su puerta hay un cocodrilo”; texto de 1787 citado por Zamora (1973:85). Ampla documentação em Romeu i Figueras (1993). [Doménech, 2000:254, 273].

Sonsoles, Ávila, Castilla y León, Ermita de Nuestra Señora de Sonsoles – Jacaré trazido pelo cavaleiro Luís de Pacheco (séc. XVII). À esquerda do altar há um quadro em que se vê como o cavaleiro matou o animal. [Doménech, 2000:274]. À p. 259 diz Doménech (2000): “Quan al caiman de Sonsoles fou restaurat el 1993, l’equip encarregat de la tasca es trobà amb un ‘caimán disecado, sin tratamiento de taxidermia, realzando sus características animales por medio de injertos, que consisten en alargar el tamaño de la cola por medio de maderas e imitar la forma de la cabeza com tarlatana. Tanto dientes como lengua estan hechos en madera; ésta última pieza, articulada, se mueve por medio de cuerdas. Una pintura de color verde intenso cubre toda la piel’, segons escriví el restaurador en l’informe del tractament efectuat”. “En el santuario de Sonsoles (Ávila) aparece un caimán disecado, entregado por un devoto Caballero abulense al ser salvado de sus fauces gracias a la intercesión de la Virgen de Sonsoler, cuando se hallaba em tierras americanas” (Callejo, 2001:108).

Toledo, Castilla y León, Catedral – Jacaré pendurado em frente à porta da catedral, comentado por Llompart (1984:165). [Doménech, 2000:274].

Utrera, Sevilla, Andalucía, Santuario de Nuestra Señora de la Consolación – Comentado por Caro (1622:13).

Valencia, Valencia, Col.legi del Patriarca (Real Colegio-Seminario Corpus Christi) – “Dimecres a 7 de juny 1606 al matí lo Ilustrisim y Excelentisim señor patriarcha feu posar en lo font de la entrada de la primera porta del seu seminari un cocodrilo” (Porcar, 1934:89). [Doménech, 2000:258, 274]. “Así encontramos diversas pieles de estos animales en otros lugares de la Península Ibérica como, por ejemplo, la piel del caimán, llamado ‘dragó del patriarca’. Éste es el nombre popular con el que los valencianos conocen, desde el siglo XVII, a un caimán disecado que se halla colgado del techo sobre la pila de agua bendita del templo del Real Colegio del Corpus Christi de Valencia (conocido popularmente como Colegio del Patriarca). Fue un obsequio del Marqués de Monterrey, Virrey del Perú, al arzobispo de Valencia, don Juan de Ribera, patriarca de Antioquia, quien lo mandó colocar allí en el año 1600. Em realidat recibí dos caimanes, el outro lo colocó en el Monasterio de Puig de Santa María” (Callejo, 2001:108-109).

Valencia, Valencia, Monestir Mercedari de Santa Maria del Puig – “Este cocodrilo, como su hermano mayor, el célebre Dragó del Col.legi, de Valencia, fue donativo del Patriarca Ribera” (Llorente, 1887:436). Esse jacaré foi destruído em 1936. [Doménech, 2000:274].

Valladolid (?), Castilla y León, Real Monasterio de San Quirce y Santa Julita – “Y en el monasterio de San Quirce, por aquellos días, limpiando un pozo o cisterna muy honda, hallaron entre la putrefacción, que era mucha, un animal a modo de caimán, con sus conchas y garras, tan grande como un lebrél, que mataron luego y colgaron en la iglesia. He visto hoy carta de esto. Montruosidades son de la naturaleza”; texto de 1655 citado por Barrionuevo (1968:213). [Doménech, 2000:274].

Doménech (2000:260) acrescenta ainda: “A partir del segle XVI, els caimans s’imposen en l’ornamentació de les esglésies catòliques. A més de les hispàniques que he esmentat, a Itàlia, per exemple, la ruta del cocodril ens portaria a Santa Maria de la Gràcia, prop de Mòdena; al santuari de la Madonna de Campagna, a Verona; a Sant Giorgio di Almenno, Bèrgamo; entre altres ciutats”.

Um raro exemplo de “lagarto” associado a Cristo, e não à Virgem, é o “lagarto de Calzadilla” (Cáceres, Extremadura). Segundo Rodriguez Plasencia (2007):

“Según la tradición, hace más de cuatrocientos años – según otros aconteció en el siglo XVIII – en los alrededores de esta localidad de pastores había muchos reptiles, y especialmente un lagarto tan grande que diezmaba los rebaños, y engullía a algún pastor que anduviese descuidado o que había osado hacerle frente, de modo que los habitantes de la localidad andaban atemorizados. Uno de éstos, de nombre Colás, se topó cierto día con el maligno animal, que hizo además de atacarle, trás despezar a uno de sus perros. Colás se encomendó entonces al Cristo de la Agonía, que milagrosamente convirtió su cayada de pastor en una escopeta o trabuco – otros dicen que fue una ballesta – con la cual, y de un certero disparo, acabó con la bestia. Uma vez muerto el lagarto, el arma se rompió, mientras Colás escuchaba una voz sobrenatural que decía: Rota quedarás para que a nadie más mates más! El agradecido Colás decidió ofrecer como presente a su Divino Protector la piel del animal; de la cual – aunque carcomida por los años – aún pueden verse algunos retazos en la ermita del Cristo, erigida entre los siglos XVI y XVII”.



Mais adiante diz o mesmo autor:

“Esta leyenda se une – según algunos – a la presencia en la población de un indiano, natural de Calzadilla, que una vez enriquecido en las Américas volvió a la población y pudo traer la cría de uno de estos saurios, que al crecer sembró el pánico en la población. Del único calzadillano del que se tiene noticias como pasajero a las Indias es el dominico reverendo Fray Tomás Ortiz. De él dice el también sacerdote D. Vicente Navarro del Castillo: ‘Estaba em Salamanca en 1510, en la isla de Santo Domingo en 1516 y en Méjico en 1526, de donde era Vicario General de su Orden. Vino a España em 1528, regresando de Nuevo Méjico con 20 religiosos. Este mismo año fue nombrado Obispo de Santa María y al regresar a España para ser consagrado murió em 1532. Fue este prelado el indiano al que se une la leyenda? O fue outro personaje desconocido, de los muchos que de las Tierras de Coria emigraron clandestinamente a América, quien trajo el lagarto a su pueblo, si es que volvió?’”.

Na praça em frente à Ermida do Cristo da Agonia, em Calzadilla, existe uma estátua em bronze desse temível lagarto e do pastor Colás; fotos dessa estátua são apresentadas por Alarcón Herrera (2004:190) e (em cores) por Marcos Arévalo (2003:66).

Acrescenta ainda Rodriguez Plasencia (2007):

“Pero la leyenda del lagarto no es exclusiva del pueblo de Calzadilla. Al SE de la provincia de Salamanca – a unos 54 kilómetros de la capital – se encuentra la localidad de Santiago de la Puebla, donde conservan una fábula semejante a la carcereña. Cuentan sus vecinos que durante una crecida del rio Margañán apareció por sus inmediaciones un enorme caimán, que atemorizó a los naturales con sus ataques. Cierta día, el animal se tragó a una niña de corta edad; ello hizo que los santiagueses – armados de valor – se dispusieron a dar caza y matar a tan nefasto animal. Conseguido el objetivo, y abierto en canal lograron sacar con vida a la niña. Luego, los restos del lagarto fueron disecados y colocados a la entrada de la iglesia parroquial de Santiago Apóstol, donde pendió de un pilar. En realidad, el caimán fue un regalo de un familiar del Licenciado Toribio Gómez de Santiago, que se encontraba en América. Después de ser disecado, el fundador de la iglesia mandó colocarlo a la entrada. Y durante mucho tiempo sirvió como símbolo de identificación del pueblo, que – al igual que los calzadillanos –, eran conocidos popularmente como lagartos”.

## 2. O “LAGARTO DA PENHA” EM LISBOA

Em Lisboa, na igreja de Nossa Senhora da Penha, acha-se o mais famoso lagarto de Portugal – o “Lagarto da Penha”. Segundo Dias (2004:96):

“Conta-se que certo peregrino, que fora em demanda do templo aos altos do monte da Cabeça do Alperche [Fotos 1-3], se deitara a dormir no alto entre as ervas altas da encosta e ali permanecera umas horas [Fotos 4-6]. Apareceu-lhe, então, um enorme lagarto ‘do tamanho de um jacaré’. A Senhora da Penha [Fig. 1], de quem era muito devoto, acorreu a acordar o seu peregrino, mostrando-se num resplendor de luz, para que este não fosse devorado pelo monstro. O lagarto foi morto, sendo embalsamado e colocado na parede do templo. Um registo de azulejos evoca esta tradição lendária [Fotos 13-18]. Ignora-se a data de início da propagação da lenda ou que parcela de verdade poderá ela conter. Em 1739 já existia uma capela chamada ‘do lagarto’ numa das bandas da igreja. Media o bicho 14 palmos de comprimento desde a boca até à ponta do rabo. Era verde-escuro, manchado no ventre, possuindo escamas córneas, impermeáveis, que adquiriam um tom opalino quando sobre elas caía a luz filtrada pelos vidros da igreja. Ainda antes do terramoto já a carcaça do bicho se degradava a olhos vistos. Fez-se um lagarto de madeira para a substituir





FIGURA 1: Nossa Senhora da Penha de França e o lagarto (Cortesia do Prof. Dr. Miguel Trefaut Rodrigues).

[Fotos 8-9]. (...). Quando o animal foi apeado, o povo desfê-lo em mil bocados, pois cada um queria levar consigo a purga para todos os males futuros. Moeram os restos da carcaça num almofariz, misturando-o depois em líquido que se queria remédio infalível para qualquer doença. O novo lagarto de madeira foi colocado com pompas de santidade no local do antecessor, e a sacristia viria a ser crismada com o nome de ‘casa dos milagres’”

Frei Santa Maria (1707) também escreveu sobre esse famoso lagarto.

Fascunh (1743:19-21) assim discorreu sobre o lagarto da Penha:

“... sendo bem celebre neste Reyno, e visto nesta Corte o grande, e prodigiozo Lagarto de Penha de França, a singular, e própria diviza de tão celebrada Imagem, e de tão prodigioza Senhora. He comum proloquio nas continuas romagens, ou romarias, que fazem os seus devotos a sua santa Caza a ver aquella milagroissima Senhora, Sanctuario mais celebre, e mais frequente desta Corte, onde nunca acabou desde o seu principio a sua grande devoção, nem ao menos se intibiou por algum tempo, como a devoção, e romaria de outras milagrozas Imagens. Costumaõ pois huns aos outros dizerem com devoção mas por graça: *Oh Mana fostes á Penha, vistes o Lagarto, feyo bicho*. A noticia da sua aparição, que dizem foi neste citio, ou lugar da sua Igreja, e Convento Augustiniano, que como filhos primogenitos, e em tudo legitimos da grãde Aguiã da Igreja, e dos Doutores seu Pai, e primeiro fundador S. Agostinho, como Aguias buscaraõ, e so se lhe devia dar o citio daquella Penha; porque só nas Penhas, como disse Job, he onde habitaõ, e vivem as Aguias. Antigamente era huma Penha, ou penhasco inculdo chamado cabeça de Alperche. A incuria, e pouca coriozidade dos nossos antigos, que so tratavaõ mais da sua sincera devoção a tão prodigioza Senhora, do que da noticia, e historia singular de tão milagroza Imagem, e de tão prodigiozo Lagarto, faz com que so ficasse em pia tradição huma historia certa, e verdadeiro milagre do seu Lagarto; sendo tambem comua tradição, que acometendo para matar, e comer ao Hermitaõ da mesma Senhora; este implorando o grande poder, e singular patrocínio de tão milagroza Imagem; ouvio della hume [sic] vós, que lhe dizia; *tem animo contra esse bicho, e matao [sic] com essa navalha, que tens comtigo*; o que tudo succedeo assim, collocando-se logo o mesmo Lagarto na Igreja da mesma Senhora, para vizivel despojo do seu triumpho, e insignia especial, que quis ter na sua Igreja a mesma milagroza Imagem. Até o anno de 1739. se conservou na dita Igreja, e na caza que nella tem, e se chama ainda caza do Lagarto o mesmo montruozoo bicho com a sua pelle desde o pescoço até a cauda, todo formado, e organizado com os seus pés, e maõs, e cheyo por dentro de palha; mas como se hia corrópendo por cauza da humidade, e do munto tempo se tirou, e se vio de novo, a que concorreu munta gente por devoção, e coriozidade, naõ so desta Corte, mas de todos os seus redores, e de muntas terras, e distantes Villas deste Reyno; sendo tal a sua sincera devoção, e grande fé na Senhora<sup>1</sup>, que pediaõ delle pedaços, como se fossem reliquias, furtando humas, e cortando outras, persuadidos da mesma fe, e devoção, que eraõ antidoto, e remedio para cezoens, e febres; pois sei de algumas pessoas, que fazendo os mesmos pedaços em pos be [sic] Lagarto, sem serem esses da botica, mas da Apotheca Medicinal da mesma prodigioza Senhora, a quem S. Bernardo chama Apotheca, ou Botica Medicinal: *Maria est Apotheca Medicinaria*; sendo nella Christo seu filho o melhor, verdadeiro, e Divino Medico, e a Senhora a melhor Botica, e singular Apotheca, nella formou a medicina specifica, e singular triaga, para curar todo o mundo enfermo pello mortal veneno da primeira culpa original, que originou a Serpente, Cobra, ou Lagarto, que logo no Paraizo terrial tentou, e enganou a Eva nossa Mãy, que como mulher enganadora, corioza, e guloza atè se tentou logo com hum bicho, ou com huma horrenda Serpente, e a todos os homens transfuzos na cabeça de Adam, enganou, perdeo, e envenenou a todos, e porisso fallando da Senhora, Richardo de S. Lourenço: *Maria est Apotheca Christi Medici, qui per Mariam venit sanare*

<sup>1</sup> Um exemplo dessa devoção e gratidão por um milagre concedido pela Senhora da Penha é o folheto mandado imprimir por “Huma Devota” (1756) [Fig. 2].





OBSEQUIO DEVIDO  
 Em louvor da Virgem Nossa Senhora de  
**PENHA DE FRANCA,**  
*Que á mesma Senhora offerece huma sua devo-  
 ta em agradecimento de huma mercê, que  
 confessá ter recebido por intercessão  
 da mesma Senhora.*



**LISBOA:**  
 Na Offic. de DOMINGOS RODRIGUES.  
*Com as licenças necessarias. Anno de 1756.*

FIGURA 2: Frontispício de folheto publicado por "Huma Devota" (1756); à direita da figura vê-se um pingente em forma de lagarto.

*mundum languidum qui per Evam aegrotabat morsu Serpentis.* Sendo a Senhora de Penha de França, Penha verdadeiramente da saúde de todos, como na gentildade veneravaõ Penha da saúde aquella Penha, ou monte de Arnon de quem disse Ambrozio Tarvisino: *Mons Arnon, qui in fastigiatam protenditur Rupem*, a que elle especializou este lemma: *Te pereunte salus.* O cõprimento do prodigiozo Lagarto de Penha de França mostrava ser de 14 palmos da cabeça ate á cauda todo elle cor verdenegro, e em partes mais claro formado de escamas taõ duras, e groças, que o não passariaõ tiros de balas, mas antes poderiaõ servir de escudos para rebater as balas, tiros, ou golpes; a sua grossura de mais de hum homem bem gordo. Para rebater o grande concurso de gente, que o vinha ver, ou admirar, e não o cortarem de todo, e o levarem comsigo, para assim se não perder a sua apparencia, e conservarse a tradição do milagre do Lagarto da Penha, se penduráraõ na sua antiga caça muntos pedaços delle, ou muntas postas, que ainda hoje se conservaõ, e parecem postas de toucinho, ou pespernas, pas, ou prezuntos, que estaõ pendurados. Da outra parte, e onde estava antigamente a sua mesma caza do Lagarto se collocou outro de madeira entalhada, e pintada [Fotos 8-9], que representa o seu tamanho, e figura, para memoria eterna do prodigiozo cazo do Lagarto da Penha, insignia, que tanto quer, e com que se conhece nesta Corte, e neste Reyno a prodigioza, e milagroziissima Imagem de N. Senhora de Penha de França. Ha muntos destes Lagartos no nosso Brazil, a que la chamaõ Jacareos”.

Sobre a igreja da Penha e o “Lagarto da Penha”, lemos em Anônimo (1840:247) o seguinte:

“Quem chega ao adro da Penha, para onde guia a estrada, que seguimos, olhando para o nascente acha-se n’um ponto quase central em relação ao semi-circulo que o Tejo vai descrevendo.

Aqui encontramos outro convento que foi de religiosos agostinhos, sobre um monte, á feição de promontorio, dos mais altos da cidade, e que antigamente se chamava Cabeça d’Alperche. Se pela parte de traz, isto é do poente, do edificio, ou das suas janellas estendemos a vista goza-se o conspecto de bellissima paizagem: na raiz do cabeço elevado as bem cultivadas hortas d’Arroios; a sumir-se pelo valle, que já mancionámos, a cidade, e muita della quase na nossa frente; para o septentrião e nordeste courellas de terras lavradas, vinhedos, e casas campestres; o horizonte limitado por serras a muita distancia; a fita azulada das aguas d’um rio caudal; eis o que a coroa desta eminência se descortina com suave recreio dos olhos, e completa satisfação do coração portuguez. (...).

A esta igreja vem cirios de varias povoações em diversos tempos do anno festejar N. Sr.<sup>a</sup> da Penha de França, e concorrem navegantes, livres de naufragios, como votivas offerendas, traquetes, mastaréis, e outros signaes da salvação de seus navios, fazendas e vidas. Com o fatal terremoto se arrazou o templo, mas foi logo reedificado sob os regios auspicios e com auxilio de D. Pedro, 2.<sup>o</sup> marques de Marialva, dos mareantes e de outros devotos; o que se lê commemorando n’uma inscripção latina em lapida quadrangular, posta na balaustrada fronteira á rua e arco principal de entrada, e com a data de 1755; donde se collige quão prompta foi a reparação [Foto 19].

Já em 1597 havia neste logar um templo dedicado á Senhora, mas só em 1603 começaram os religiosos com esmolas e doações o seu convento. Um quadro de azulejos com formosa moldura dos mesmos e cores ainda hoje mui vivas, incrustado na parede do altar-mór do lado de fóra por debaixo de uma fresta orbicular, consigna a tradição da apparição da Santa Imagem que na igreja se venera [Fotos 13-18]; e do mesmo modo o simulacro d’um disforme e grandíssimo lagarto, semelhante ao jacaré, que se conserva na sachristia [Figs. 8-9]. Diz a tradição que um peregrino, buscando a devota imagem neste cabeço, fatigado se deitára a dormir e que então aquelle monstro horrivel da classe dos reptis estava pronto a devora-lo, quando a St.<sup>a</sup> Virgem, apparecendo cercada d’uma auréola ou gloria no pincaro do monte, acordára e advertira o seu devoto, libertando-o de tão imminente perigo: o medonho animal foi morto, e erigiu-se um templo para memoria do successo. Eis o que representa o painel de azulejos, a que nos referimos e que nos causou admiração



pelo bem conservado, jazendo, ainda que pouco antigo seja, exposto á acção da humidade e de ventos destruidores. Quanto ao lagarto da Penha lá está de bocca aberta, convidando os curiosos para tambem a abrirem de pasmaceira, quando se dignarem fazer-lhe visita”.

Notícia sobre o “Lagarto da Penha” apareceu também no *Handbook for travellers in Portugal* (Anônimo, 1856:19-20), como um dos pontos turísticos de Lisboa:

“Nossa Senhora da Penha da França. On the summit of a third hill, at some distance from the last [Nossa Senhora da Graça]. This church is held in especial veneration by sailors, and abounds with their ex-votos. Do not omit to ask for the celebrated lizard which is preserved in the sacristy, if you would not be spoken of as one ‘que foi á Penha e não vio o lagarto’. The legend is, that a pilgrim on his way to perform his devotion here, slept by the road-side. A huge lizard appeared to devour him; but by the timely appearance of our Lady the pilgrim woke, and the reptile was killed. The lizard, therefore, is the attribute of Nossa Senhora da Penha in her numerous engravings. The following curious history is given of the origin of this church. A certain Antonio Simões, a gilder by trade, being present with the king Dom Sebastião at the disastrous battle of Alcaçar Quiber, made a vow that, if he returned to Lisbon in safety, he would make a certain number of images of the Virgin under different titles. He was enabled to fulfil his vow; but was puzzled what name to give to the last image. By the advice of a Jesuit, devoted to a miraculous image much venerated at Salamanca under the name of Nossa Senhora da Penha da França, he gave it the same name. Having after some years succeeded in obtaining a piece of ground in the Alquerdes [sic; Alperche] from the owner, who imagined himself cured of some infirmity by the intercession of this Senhora, Simões commenced the church in 1597. The following year the image was conducted to its new habitation in solemn procession, and soon became exceedingly popular. This popularity was much extended during 1589, when the plague raged in Lisbon. The Spanish troops, headed by their Captain-General the Conde de Portalegre, went in procession to the Ermida, and the municipality of Lisbon made a vow to renew the same procession every year from the church of San Antonio to this Senhora, if the pestilence should cease. The procession started for the first time on the 5<sup>th</sup> of August, 1599, and was continued annually until 1633: the money required being raised by a tax on wine and meat, sanctioned by Philip II. The original patron made over his rights to the Augustinians, and the convent and church being rebuilt, in 1625, the image was transferred to its new resting-place, the procession which conveyed it numbering 200 banners and 118 crosses. Its popularity with sailors is said to have originated from the circumstance of the plague having broken out in the year 1599 on board of a fleet proceeding to India under Don Geronimo Coutinho, who had with him a taper from this church. He made a vow to form a brotherhood in honour of Nossa Senhora da Penha; many immediately inscribed their names as members; and as all who did so escaped the plague, they went on their return to Lisbon in procession to the shrine; and from that time the reputation of this Senhora as the protectress of sailors became established”.

Guimarães (1872) e Araújo (1895) também trataram da lenda do lagarto. Theophilo Braga (1885:162-163) comentou: “Nas lendas da Edade media as cheias dos rios ou as inundações embaraçadas por certos Santos que foram substituidos ao Sol, tambem foram symbolisadas por Serpentes ou Dragões representados como subjugados ou vencidos por estes Santos. (...). D’este emblema da *Serpente*, empregado na procissão do Corpus, (d’onde o ditado *Velho como a Serpe*) se deriva a devoção do *Lagarto da Penha* (Lisboa) do qual diz o Dr. Ribeiro Guimarães, depois de transcrever de um folheto as suas virtudes medicinaes *contra sezões e febres*: ‘O caso é que o *Lagarto da Penha* ainda lá leva gente: tem resistido á acção do tempo esta devota babaquice’ (*Summ. de Varia Historia*, t. 1, p. 218)”.

O lagarto passou a fazer parte do folclore português, tanto que Mello (1904:206), em uma peça de teatro (*O negro de Alcantara. Tragedia em 4 actos. Parodia ao ‘Othello’*), coloca na boca de um “homem do cyclorama” os seguintes versos:

“Quem quer ver uma vista de Hespanha  
Com seis *niñas* que fazem vibrar,  
Quem quer ver o lagarto da Penha?  
Um vintém, um vintém, é entrar!...”

Vasconcellos (1959:654-655) assim discorreu sobre o tema:

“Senhora da Penha de França. – Lê-se na *Noticia historica da Senhora da Penha de França*, por F. Augusto José de Araújo, Lisboa 1895, pp. 18-19, que um peregrino, que fôra ao santuário da Senhora, em Lisboa, adormecêra de cansaço no caminho; veio um horrível lagarto, que estava prestes a devorá-lo, quando a Virgem acorda o peregrino. O lagarto foi morto, e a sua pele colocada na capela, mas substituída depois por imitações de madeira. Do caso trata também Ribeiro Guimarães, *Summario de varia historia*, I, 216-218. Com esta lenda concordam os *registos* que se vendem no santuário, e de que se reproduz aqui um na fig. (...). O *Santuário Mariano*, I, 56, diz que entre os ex-votos da igreja estavam ‘pelles de grandes lagartos marinhos’”.

Podemos conjecturar que esse lagarto, caso não se trate de animal lendário, seja *Timon lepidus* (Daudin, 1802) (Reptilia, Squamata, Lacertidae), o *sardão*<sup>2</sup>, como é conhecido em Portugal. É o maior lagarto europeu, variando de 30 a 60 cm de comprimento, mas podendo chegar até 90 cm, dos quais 2/3 pertencem à cauda (mas o comprimento atribuído ao “lagarto da penha” era de 14 palmos, ou seja, 3 metros!). O seu dorso é normalmente verde, por vezes cinzento com tons de castanho, especialmente na cabeça e na cauda. Por baixo tende a ser em tons de amarelo ou verde. O macho tem muitos pontos azuis no flanco, muito menos ou nenhum nas fêmeas. O macho é mais claro que a fêmea. Os novos são verdes, cinzentos, ou castanhos, os castanhos com tons de amarelo ou branco com muitas pintas por todo o corpo. Ocorre na Península Ibérica, sul da França, noroeste da Itália e Gibraltar. Alimenta-se normalmente de insetos, mas também assalta ninhos de aves e ocasionalmente ataca répteis, sapos e alguns pequenos mamíferos; pode também consumir frutas e certas plantas em zonas mais secas.

Se há algo de verdadeiro na lenda do lagarto da Penha, poderia ser que originalmente o peregrino ter-se-ia assustado com um *sardão*! Posteriormente esse lagarto foi confundido com algum jacaré ou crocodilo empalhado que havia na igreja da Penha, muito mais espetacular para testemunhar um milagre.

## 2. A ESTRANHA HISTÓRIA DA COBRA DE MACAU DA NAU SÃO PEDRO E SÃO JOÃO

A 14 de março de 1742 zarpava de Lisboa, rumo a Macau, a nau “São Pedro e São João”<sup>3</sup>. Levava a bordo o recém-nomeado bispo Dom Frei Hilário de Santa Rosa, “franciscano de la Provincia de la ‘Arrabida’, en un tiempo Guardián del convento de San José de Ribamar y también profesor en el convento real de Mafra. Dos franciscanos y cuatro jesuítas lo acompañaron hacia Macao. Llegaron el 5 de noviembre a su destino (...). El

<sup>2</sup> Sardão. O nome também se aplica em Portugal aos crocodilos e jacarés. Assim, dizem Cleto & Faro (1999): “Ainda no interior da igreja [de Nossa Senhora de Cáqueres, Cáqueres, concelho de Resende, distrito de Viseu], junto das escadas que dão acesso ao côro, o visitante pode contemplar numa parede a pele de um enorme *sardão* [nossa ênfase] que, segundo a lenda, surgiu a uma mulher que se dirigia ao mosteiro com um cesto deovelos à cabeça. Face à evidência do bicho a querer comer e ao filho que a acompanhava, implorou o auxílio de Nossa Senhora de Cáqueres que, de imediato, lhe terá aparecido e indicado que atirasse os novelos ao lagarto, ficando, no entanto, com todas as pontas dos fios nas mãos. Ora, depois de o animal os ter engolido, a mulher puxou todos os fios em simultâneo provocando a morte do sardão por ‘engasgamento’. Uma visão mais atenta do visitante revelará, no entanto, que não estamos perante a pele de um gigantesco sardão, mas antes de um pequeno jacaré ou crocodilo, possivelmente oferta de algum devoto de Nossa Senhora de Cáqueres que a ela terá recorrido numa situação de aflição em terras distantes e provavelmente enfrentando o referido animal”.

<sup>3</sup> Em Godoy (2007:611) encontramos: “São Pedro e São João – Nau comandada pelo capitão-de-mar-e-guerra Vitoriano Dias Jordão, que partiu em 1º. de setembro de 1735 de Lisboa para Macau, com escala no Rio de Janeiro, onde se verificou que estava incapaz de continuar viagem. Procedente da Índia, aportou na Bahia em janeiro de 1744 sob o comando de Fernando Coelho de Melo. Em 1738, uma galera ‘com a mesma invocação’ foi mandada para o Rio de Janeiro apanhar a carga da nau e levá-la finalmente para Macau (Documentação Ultramarina Portuguesa 4:102, 103, 131, 153, 154, 157, 162. José Roberto do Amaral Lapa, A Bahia e a Carreira das Índias, 339)”. Essa nave foi citada duas vezes por Branco (1888:32, 34): “Em a nau S. Pedro e S. João, sahida em 14 de março para Macau, embarcou também para aquella diocese seu bispo D. fr. Hilario de Santa Rosa, e alguns padres missionários” e “Entraram no porto d’esta cidade [da Bahia de todos Santos] no dia 6 [?] de janeiro de 1744] a nau S. Pedro e S. João vinda de Macau, e costa de Coromandel com quinze meses, havendo-se dilatado 74 dias na Bahia”.

Obispo Don Hilario tomó posesión de su diócesis el 12 de noviembre de 1742” (Schütte, 1964:39). Entre outros, acompanhavam-no nessa viagem o Pe. José de Jesus Maria, franciscano da mesma província da Ordem, e o jesuíta Pe. José Montanha, “nacido en Coimbra en 1708; ingresado en la Compañía [de Jesus] en 1722, y acabados sus estudios en su patria, había trabajado algunos años en los Azores” (Schütte, 1964:41), ambos com o fim de coligir materiais para a Academia Portuguesa de História (cf. Biblioteca Nacional de Lisboa, 1971, *sub* no. 85. Aparatos para a história do bispado de Macau, pelo Pe. José Montanha. Século XVIII).

Durante as preparações para a viagem de regresso ao porto de Lisboa (a nau deve ter partido em janeiro de 1743),

“Para ella se prepararaõ de novo as pipas, e se encheraõ de agoa, para elemento da sua viagem. Na agoada, que fizeraõ no Porto de Macao casualmente, como só assim se pode conjecturar, entrou na dita pipa huma antão pequena Cobra, a qual criando-se mais, e crescendo nella chegou ao comprimento de quatorze palmos, tendo de grossura mais de hum de circunferencia, cabeça comprida, a cauda farpada, ou dividida em duas pontas; a sua cor fusca com malhas amarelas, e por algumas partes verdeneira. Este famozo, e horrorozo bicho se foi criando na dita pipa, e depois augmentando-se na mesma Nao. Ao principio da viagem, e quando hia tirar agoa da pipa, para se fazer o sustento aos navegantes, e para elles beberem, la deu fé della hum Rapas da mesma Nao, ou hum Gurumete pequeno, pois como elle referio ao Capitaõ do Navio, sentia movimento de algum bicho, quando tirava agoa da pipa, e pello suspiro da mesma pipa la vio de algum modo, que era bicho grande. Paresseu incrivel o cazo, ou o dito do Rapas, pois de ditos de Rapazes, e ainda de muntos homens se não deve fazer cazo algum, e não se acreditou pellos passageiros da Nao aquelle dito, parecendo incrivel a afirmação do Rapas. Beberaõ todos da agoa da pipa, ou da agoa da Cobra, ou da Cobra de agoa, e quando esta se acabou, sahio, mas sem ninguem a ver pela portinhola da pipa a mesma Cobra, e metendo-se no conves da Nao lá se escondeo, e nunca deu sinal de si com o seu sibilo, ou com o seu assubio. Chegou ao porto desta Cidade a Nao no dia 12 de Setembro, e passados muntos dias, quando se descarregou a Nao apareceo a Cobra. Foi grande antão o medo dos navegantes, vendo na sua companhia hum hospede, ou tal bicho, que não só o não quereriaõ vello, e munto menos trazello comsigo; e acreditarãõ antão com a experiencia, e com a vista a sincera afirmação do Rapas inocente. A Cobra se mostrou tambem inocente com todos, pois não fes, nem cauzou mal a ninguem. Pertenderãõ matalla com espadas, tiros, e paos, e finalmente lançando-lhe huns arpeos da mesma Nao, e pegando nella a feriraõ, sangraraõ, e assim morreo, e veyo finalizar na [sic] maõs dos Rapazes de Lisboa, que são piores, que as Cobras; porque a lançaraõ na praya, e tomando logo posse della os Rapazes a arrastaraõ, e trouxeraõ como em porcissaõ pellas Ruas, e Praças desta Cidade com grande admiração de todos, que atribuhiraõ a produção, inocencia, vida e morte da mesma Cobra a prodigio singular de N. Senhora de Penha de França para dar nesta horrivel Cobra, huma tambem horrenda companheira ao seu horrorozo Lagarto” (Fascunh, 1743:30-31).

\*

O milagre da cobra não foi o único feito por Nossa Senhora da Penha. Dois outros ocorreram durante a viagem de volta da nau São Pedro e São João:

“Este soberano imperio de taõ Magestoza Senhora, e grande poder de taõ prodigioza Penha, experimentaraõ duas vezes na sua viagem os seus devotos navegantes de Macao, tendo nella duas horrendas, ou horrorozas tempestades, onde destituidos de todo o remedio humano, pois quazi sempre hindo ja a Nao a pique, e dando a costa, o Divino amparo da Senhora da Penha de França, a que só recorriaõ, e em quem só confiavaõ, os livrou de todo o perigo. Foi o primeiro vendo-se quazi dar a costa em huma Ilha desconhecida habitada de homens Silvestres, ou humanas feras, a que chamamos Papagentes, e se chamaõ Negros bravos, onde seriaõ lastimozo despojo das suas vidas, e deliciozo manjar do seu depravado

gosto. Foi o segundo aportarem por instantes a outra terra dezerta de homens, e só habitada de feras, onde a escaparem de serem sustento dos peixes do mar, não escapavao por instantes a serem pasto dos bichos da terra, das Serpentes e das Cobras. Estes forao os dois prodigios, que experimentarao no mar, e de que os livrou a Senhora na dilatada navegacao de oito mezes a hida, e de perto de outros oito na vinda” (Fascunh, 1743:29-30).

A Virgem concedeu-lhes ainda um quarto e último milagre:

“Navegava do Porto de Macao para este Porto de Lisboa a Nao S. Pedro, e S. Joao, e como ja nao era tempo opportuno da sua navegacao, porque era fora da moncao a sua viagem; tao precisa, e necessaria circunstancia para viagem tao grande; logo ao sahir do Porto de Macao a impulsos da sua grande devocao, e mayor fe no auxilio, e favor de N. Senhora de Penha de Franca persuadio o Capitaõ da dita Nao, que vindo a ella a salvamento, e trazendo felis viagem, todos os seus navegantes veriao agradecer a mesma Senhora o seu felis arribo, e publicar com huma grandioza festa o seu benefico; para o que todos lhe fizerao publicamente hum voto, e promessa solemne, e de lhe trazerem por final da sua felis viagem a mesma Nao na representacao de hum pequeno Navio; que de facto trouxerao em huma devota procissao cantando o Rozario da Senhora no dia 27 de Outubro deste presente anno [1743]; e per, publico sinal do prodigio da Senhora, muntos dias esteve exposto atodo [sic] o povo, que concorreo a vello, e admirar a sua galantaria, custo e perfeicao na Igreja da mesma Senhora, e depois se collocou, e esta pendurado como triumpho publico da mesma Imagem na caza anterior a Sanchristia do mesmo Convento. Nao pareceo acazo, mas novo prodigio da milagroza Senhora de Penha de Franca, que estando o tempo muntos dias munto tempestuozo com muntos ventos, e copiozas chuvas, e amanhecendo o dia da sua custoza festa, ou grandioza açcao de Graças dos mesmos navegantes devotos, e agradecidos a Senhora, munto mais medonho, e carrancudo ate as nove horas da manhan, prometendo, e com ella a universal, e espessa nevoa, que cobria a terra, e que se desfes em munta agoa, que todo o dia seria hum universal Diluvio, que nao so impediria assistir a festa da Senhora toda esta Corte, que desejoza, e devota a tao milagroza Imagem, dezejava, que o seu Templo fosse toda esta Corte, e ainda munto mayor o seu exceço para entrarem nelle; e louvarem a Senhora, e prezenciarem o publico louvor dos seus devotos; mas nem elles poderiaõ vir, e assistir a ella pella grande distancia das suas cazas, a caza, Sanctuario, Templo, e Convento da mesma Senhora, nem os mesmos Muzicos, que sendo os mais distinctos, e os melhores da Corte poderiaõ concorrer a cantar os seus aplauzos; quazi como milagrozo acazo, ou cazo prodigiozo; logo que sahio a procissao por seus devotos cantando a Senhora o seu agradavel Rozario, trazendo nella o seu prodigiozo Navio na companhia dos seus devotos da Companhia de Macao, que de-sejavaõ por mayor devocao, e fineza virem por bacho de agoa do Ceo, pois tambem escaparaõ por merce da mesma Senhora nao ficarem todos debacho da agoa do mar; serenou o tempo logo de tal sorte, e com tao prodigiozo acazo, e misteriozo successo, que nunca mais choveo no dito dia, ate que nelle ao Solposto finalizou a festa (...). Foi tanta a gente, que concorreo nesse grande dia da Penha a sua Igreja, e a sua festa, que receando-se haver nesse dia hum diluvio de agoa em Lisboa apareceo na Penha hum diluvio de gente; e a nao haver a acertada providencia no Convento em pedir ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marques de Marialva Governador das Armas vinte e quatro Soldados de Cavallos para evitar algumas desordens de semelhantes concursos, nao se fariao todas as funçoens plauziveis da festa sem algum cazo infausto. Ate na Capella mor para atemorizar a munta gente, e impedir; pois nem todos, os que entravaõ na Igreja, podiaõ hir a Capella mor, e ver, ou admirar a linda fabrica, e singular estrutura do Naviozinho de Macao, estavaõ a vista do Senhor dos exercitos, e na sua presenca, muntos Soldados, com aquella exacta singularidade, ou exaço, com que os Soldados da terra estaõ publicamente nas suas guardas, e sentinelas no Corpo da Guarda, quanto mais na guarda, e sentinela diante do Corpo de Deos, ou do Corpo de Christo Sacramentado. A Tribuna do mesmo Senhor, e



da Senhora estava toda riquissimamente, ou primorozamente armada; a Igreja toda, com aquella, mesma magnificencia, ou culto magnifico, com que no mesmo Templo se faz, e se tributa a mesma milagroza Senhora, o seu celebrado, e aparatozo Triduo. Para mayor solemnidade, e declamação continua do seu prodigio houve Sermao de manhã, e detarde [sic], das singulares circunstancias, e sucessos prodigiosos de toda a navegação felis, e misteriozo vazo, ou acazo raro da prodigioza Cobra” (Fascunh, 1743:27-29).

Dessa cobra fez-se também um simulacro de madeira esculpida, que passou a fazer companhia ao lagarto na sacristia da Igreja da Penha [Fotos 10-12].

### 3. O AUTOR DA “RELAÇAM”

Silva (1862:72) afirmou que “o supposto nome do auctor [da *Relação da prodigiosa navegação da nau chamada S. Pedro e S. João*] é sem duvida um anagramma, que não sei decifrar. Creio não ter visto d’este opusculo mais que um ou dous exemplares, e talvez em razão da sua raridade deixaria elle de ser descripto na *Bibliogr. Hist.* do Sr. Figanière”.

A questão foi porém desvendada por Fonseca (1896:74), que atribuiu essa obra a Francisco da Cunha, sem nada mais acrescentar.

Frei Francisco da Cunha era sacerdote agostiniano, tendo sido Prior do Convento de S. Agostinho em Leiria. Por ocasião da morte do Papa Bento XIII (Piero Francesco Orsini), em 1730, publicou uma *Oração funebre, laudatoria, historica, e panegyrica, nas exequias do Summo Pontifice Benedicto XIII* (Cunha, 1730) [Cf. Almeida, 1971:17]. A *Gazeta de Lisboa Occidental*, em seu número 35 (quinta-feira, 31 de agosto de 1730), incluiu a seguinte “ADVERTENCIA. *Imprimio-se huma Oração funebre, laudatoria, historica, e panegyrica, que nas Exequias do Summo Pontifice BENEDICTO XIII. mandadas celebrar por ordem do Eminentissimoi Cardeal Pereira, na Sé da Cidade de Faro no Reyno do Algarve, prègou o Padre Mestre Fr. Francisco da Cunha Augustiniano. Vende-se na logia de Rodrigo de Maya à Sé Oriental*”.

Em 1743 veio a lume, sob o pseudônimo “RICARDO FINEÇA FASCUNH” (anagrama de FREI FRANCISCO DA CUNHA), seu opúsculo “*Relaçam prodigioza da navegaçam da nao chamada S. Pedro, e S. Joam da Companhia de Macau*” [O texto desse raro livrinho foi transcrito por Brito (1909:39-82)], em que narra a estranha história da cobra que veio a bordo dessa nave e onde enumera várias serpentes, numa vã tentativa de identificar o ofídio. A parte relativa às serpentes é basicamente extraída de Jonstonus (1653) e Nieremberg (1653), como veremos abaixo. Curiosamente, no ano anterior, Owen (1742) havia publicado *An essay towards a natural history of serpents*, também largamente calcado na obra de Jonstonus.

O opúsculo de Frei Cunha é talvez o único trabalho de certa maneira herpetológico publicado em Portugal no século XVIII. Nele Frei Cunha mostra ser possuidor de certa erudição (e como eram preciosas as bibliotecas conventuais portuguesas!), como se depreende das várias citações de autores clássicos e autores cristãos em seu opúsculo. Assim, são mencionados:

Adrichonio, Itinerario, ou Theatro da terra Santa (p. 9) – Referência a Christian Kruik van Adrichem, ou Christianus Crucius Adrichonius (Delft, 13 de fevereiro de 1533 – Colônia, 20 de junho de 1585), padre católico e escritor teológico. Foi ordenado em 1566 e superior do convento de Santa Bárbara em Delft até ser expulso durante a Reforma. Escreveu *Theatrum Terrae Sanctae et Biblicarum historiarum* (1590).

Ambrozio Tarvisino (p. 21) – Ambrosius de Spira Tarvisinus ou Ambrosius Spiera, frade franciscano (? – 1454), autor de *Quadragesimale de floribus sapientiae* (1476; Vindelino da Spira, Venezia). Como o título indica, é uma coletânea de sermões feitos durante a quaresma. Cf. Rentner (1974).

Avicena (p. 7) – Abu Ali al-Hussein ibn abd-Allah ibn Sina (Bucara, 980 – Hamadá, 1037 E.C.), célebre filósofo e médico persa da Idade Média. Sua obra é enorme, perto de 270 títulos acerca de filosofia e ciência. A sua principal obra médica é o enciclopédico *al-Quanun* (ou *Cânone*). Cf. Bubble (1990) para uma história das ideias sobre geração espontânea durante o Islamismo medieval.

Beda (p. 4) – Baeda em inglês antigo, Bede em inglês, ou Beda, o Venerável (ca. 672 – 27 de maio de 735), monge anglo-saxão do mosteiro de Jarrow, na Nortúmbria. Tornou-se famoso por sua *Historia ecclesiastica gentis Anglorum*.

- Bernardo, S. (p. 21) – S. Bernardo de Clairvaux, monge cisterciense francês (\* 1090, Fontaine-lès-Dijon – 20 de agosto de 1153, Clairveaux). As referências de Cunha se referem provavelmente à obra *De laudibus Matris Virginis*, que S. Bernardo redigiu em 1124, quando convalescia de uma enfermidade.
- Camerario (p. 6) – Rudolf Jakob Camerarius (12 de setembro de 1665 – 11 de setembro de 1721). Botânico e físico alemão, nascido em Tübingen; foi professor de medicina e diretor do jardim botânico de sua cidade natal. Tornou-se conhecido por seus estudos sobre os órgãos reprodutores das plantas (*De sexu plantarum epistola*, 1694).
- Carlos Wanhorn (p. 4), *Marial* – Obra não localizada.
- Carthario (p. 10) – Vincenzo Cartari, latinizado Vincentius Chartarius (\* 1531 em Reggio Emilia, † 1569), mitógrafo e diplomata renascentista, autor de *Imagines deorum, qui ab antiquis coelebrantur: In quibus simulacra, ritus, caerimoniae, magnaꝝ ex parte veterum religio explicatur* (1581, Apud Stephanum Michaelem, Lyons).
- Claudiano (pp. 9-10) – erro do autor; os versos citados são de Ovídio (*Heroides* Epistola VII, 37-38: *Te lapis, & montes innataque Rupibus altis/ Robora te seva progenuere ferae*: A pedra e os montes e os carvalhos nascidos nos altos rochedos e feras cruéis te geraram).
- Demócrito (p. 6) – Demócrito (ca. 460 – 370 a.C.), filósofo grego nascido em Abdera, na Trácia, o maior expoente da teoria atômica ou atomismo.
- Eliano (p. 6) – Claudius Aelianus (ca. 175 – ca. 235), nascido em Praeneste, autor romano e professor de retórica; floresceu sob Septimius Severus. Falava grego tão perfeitamente que era conhecido como ‘melitoglossos’ (língua de mel). Esceveu *Περὶ Ζῴων Ἰδιότητος* (*De natura animalium*). [Cf. Gronovius, 1744].
- Hieronimo, S. (p. 9) – Cita um trecho da Epístola CVIII (*Ad Eustochium*) de São Jerônimo: “Aspicis angustum, praecisa in rupe sepulcrum?/ Hospitium Paulae est, coelestis regna tenentis” [Vês esta tumba, escavada na rocha? É o lugar de repouso de Paula, que está no reino celeste], fragmento do epitáfio escrito pelo santo em 404 A.D. na tumba de sua amiga Paula, colaboradora por muitos anos (cf. Hilberg, 1912:350).
- Izidoro, S. (p. 17) – S. Isidoro de Sevilha, em latim *Isidorus Hispaliensis* (Cartagena, 560 – Sevilha, 4 de abril de 636), autor de *Etymologiarum libri XX*.
- Kircher (p. 6) – Athanasius Kircher, S.J. (1602-1680), autor de cerca de 40 obras sobre os mais diversos assuntos, entre elas o *Mundus subterraneus* de 1664.
- Marraccio (p. 5) – Ippolito Marracci, nascido em Tocilliano, na Itália, ingressou na ordem dos Frades Regulares de Mãe de Deus, em Lucca, em 1621. Aos 34 anos de idade tornou-se vigário-geral de sua ordem, na paróquia de Santa Maria in Campitelli. Escreveu cerca de 100 livros sobre a Virgem Maria, dos quais 32 foram impressos, contendo valiosa informação sobre os escritos dos antigos teólogos. Tornou-se conhecido como um forte oponente da imaculada concepção de Maria, por cuja razão foi investigado pelo Santo Ofício. Foi preso e encarcerado numa pequena célula por muitos meses. A obra citada por Cunha é *Polyanthea Mariana, qua libris octodecim Deiparae Mariae Virginis Santissima nomina, celeberrima & innumera laudum encomia, altissimae gratiarum, virtutum, & sanctitatis excellentiae, & coelestes denique praerogativae & dignitates ex S. Scripturae, SS. Apostolorum omnium, SS. Patrum, & Ecclesiae Doctorum, aliorumque scriptorum, veterum praesertim monumentis studiose collecta, juxta alphabeti seriem, & temporis, quo vixerunt, ordinem, utiliter disposita, lectorum oculis exhibentur*. Franciscum Metternich, Coloniae Agrippinae, 1710. Uma primeira edição desse livro surgiu como *Bibliotheca Mariana* em Roma em 1648 e uma nova edição com o mesmo título foi impressa em Colônia em 1683; teve três edições posteriores (1684, 1694, 1710) e foi publicada pela última vez em 1727.
- Nieremberg (p. 5) – Juan Eusebio Nieremberg y Otin. Seu pai, tirolês, e sua mãe, bávara, pertenciam ao séquito de Maria da Áustria, filha de Carlos V. Juan Eusebio nasceu em Madri, aos 9 de setembro de 1595; faleceu nessa mesma cidade em 7 de abril de 1658. Começou a estudar em Alcalá de Henares, mas em 1614 entrou como noviço em Villagarcía, apesar da oposição paterna, que logrou tirá-lo dali; entretanto, persistiu em seu intento e conseguiu que o pai o deixasse continuar; estudou grego e hebraico no Colégio de Huete e artes e teologia em Alcalá, entre 1618 e 1623; ordenou-se sacerdote em 1623 e professou como jesuíta em 1633. Esteve por algum tempo em Toledo, mas foi chamado a Madri para ensinar humanidades e ciências naturais no Colégio Imperial de Madri da Companhia de Jesus durante seis anos; encarregou-se depois de ensinar exegese bíblica por um triênio, além de teologia. Escreveu muitas obras, entre as quais se destaca sua *Historia naturae, maxime peregrina* (1634).

- Ouvídio [sic] (p. 6) – Publius Ovidius Naso (Sulmo, 20 de março de 43 a.C. – Tomis, 17 ou 18 d.C.), poeta romano, autor de várias obras, entre elas as *Metamorfoses*.
- Plínio (p. 6) – Gaius Plinius Secundus, também conhecido como Plínio o Velho (Novum Comum, Gallia Transpadana (atual Como), 23 ou 24 d.C. – Stabiae, 70 d.C.). Naturalista romano, autor da gigantesca obra *Naturalis Historia* em 37 volumes.
- Plutarco (p. 6) – Plutarco de Queroneia (46 – 126 d.C.), filósofo e prosador grego do período greco-romano.
- Richardo de S. Lourenço (p. 21) – Richard de St. Laurent († ca. 1250), autor do incunábulo *Opus insigne de laudibus beate marie virginis, alias Mariale appellatū*, impresso em 1473.
- Rozino (p. 9) – Johann Roszfeld, latinizado Johannes Rosinus (ca. 1550-1626), estudou em Jena e tornou-se sub-reitor de uma escola em Regensburg. Foi ministro de uma escola luterana em Wickerstadt in Weimar. Pregou depois na catedral de Naumburg, na Saxônia, Escreveu *Romanorum antiquitatum libri decem* (1585, Sib. à Porta, Lugduni [= Lyon]).
- Statio (p. 29) – Publius Papinius Statius (ca. 45-96), poeta romano. Os versos citados por Cunha (“*Ceu fluctibus obvia Rupes/ cui neque de caelo metus, & fracta aequora cedunt/ stat cuncis immota minis, time ipse rigentem/ Pontus, &c.*”) são da sua obra *Thebaida* (livro 9, 90-94; cf. Nisard, 1842:230; Bailey, 2003:66). De onde Cunha tirou os versos seguintes (Hic mole tenet...) ignoramos.

Se é que realmente foi publicado (e rapidissimamente) em 1743, o autor deve tê-lo escrito de afogadilho (como se depreende de vários erros na grafia dos nomes de cobras e lugares, traduções mal feitas de certas passagens de Jonstonus, erros de imprensa etc.), pois a nau S. Pedro e S. João chegou a Lisboa a 12 de setembro desse ano, passando-se vários dias até ser descoberta a serpente.

No mesmo ano de 1743 veio à luz outro livro seu, a *Oraçam a Maria Teresa de Austria* (Cunha, 1743) [cf. Anônimo, 1896:44; Almeida, 1971:132, 138], duramente criticado por dois autores setecentistas que usaram os pseudônimos de “Golozo das Sortes” [Cf. Almeida, 1971:138, no. 6674] e “Imparcial” [Cf. Almeida, 1971:132, no. 6644].

#### 4. A TENTATIVA DO PE. CUNHA DE IDENTIFICAR A COBRA DE MACAU

À página 10 de seu opúsculo, Cunha declarou:

“55 species<sup>4</sup> de animais reptis, Serpentes, ou Cobras criou Deos, e produs a natureza, de que tratao os Authores Naturalistas; o que referirei aqui brevemente, para pela sua semilhança, ou propriedade dellas sabermos, ou conjecturarmos qual destas era aquella grande Cobra, que se achou dentro de huma pipa neste Navio de Macáo, que com tanta fortuna de sua felis viagem chegou a este Porto de Lisboa neste mez de Setembro, que tudo se attribuhio com grande fé na Senhora de Penha de França á prodigio singular da mesma soberana Senhora; q’ tanta Antipathia tem com estes bixos, como o mostra assim a diviza antiga do seu Lagarto, e agora o ostenta mais a novidade des- [sic] Cobra. Da produçãõ, e nomes dellas formaremos aqui hum coriozo Cathalogo pelo Abecedario [na realidade os nomes estão arranjados só parcialmente em ordem alfabética] para mayor clareza, e para novidade dos coriozos”.

Essa tentativa do autor de tentar identificar a cobra foi baldada:

“Segundo as species mencionadas, e referidas nenhuma dellas era aquella grande Cobra, que se achou dentro desta Nao da Companhia de Macao, e se criou dentro em huma pipa de agoa; porque pairesse quis a milagroza Senhora de Penha de França, e assim o premetio o mesmo Deos, que ella fosse em tudo, e por tudo prodigioza, para ser mayor, e mais publico o prodigio de taõ soberana Senhora, e taõ milagroza Imagem” (Fascunh, 1743:27).

<sup>4</sup> 55 species” – À época conheciam-se muito mais espécies. Cunha reduziu arbitrariamente o número de espécie das “cobras” (inclui entre elas lagartos, a hiena e o escorpião!) enumeradas em seu opúsculo.

A partir da curta caracterização da cobra feita por Cunha (“*comprimento de quatorze palmos, tendo de grossura mais de hum de circunferencia, cabeça comprida, a cauda farpada, ou dividida em duas pontas*<sup>5</sup>; a sua cor fusca com malhas amarelas, e por algumas partes verdenegra”) e do desenho extremamente primitivo dado em seu opúsculo [Fig. 3], podemos apenas conjecturar tratar-se da espécie *Pelamis platura* (Linnaeus, 1766) (Squamata, Serpentes, Elapidae, Hydrophiinae), amplissimamente distribuída nos oceanos Índico e Pacífico. Como sobreviveu no navio é que foi milagre – nunca poderia tê-lo feito numa barrica de água doce, numa viagem que durou oito meses!

Essa serpente foi ilustrada pela primeira vez por Seba, no segundo volume de seu *Locupletissimi rerum naturalium thesauri acurate descriptio, et iconibus artificiosissimis expressis, per universam physicas historiam* (Seba, 1735: pl. 77, fig. 1). Segundo ele, era originária do México, e tinha o nome de “Nixboa quanquecolla” [sic].

Incrivelmente, Linnaeus parece não ter tomado conhecimento dessa figura de Seba; descreveu a espécie como *Anguis platura*, na duodécima edição de seu *Systema naturae* (Linnaeus, 1766:391), a partir de um exemplar da coleção de Friedrich Ziervogel (\* 21 de junho, 1727, Estocolmo – † 26 de setembro, 1792, Upsala), Farmacêutico da Corte (“Hov Apothekar”) da Suécia, de cujas coleções Linnaeus descreveu várias espécies (cf. Wallin, 2001). A diagnose de Linnaeus é curta, como habitual nesse autor:

*“A[nguis]. Cauda compressa obtusa. Habitat... e mus. Fr. Ziervogel. Pharmac. Holmens. Caput oblongum, edentulum, leviusculum. Corpus sesquipedale, supra nigrum, subtus album. Dorsum subcarinatum. Cauda 1/9, valde compressa, albi nigroque variegata. Squamae totius suborbiculatae, minutae, non imbricatae, nequeunt numerari”.*

Vosmaer (1774) descreveu (sem dar-lhe nome) e ilustrou a cores [ver Fig. 5] um exemplar provindo do México. Russell (1796:47, pl. 41) descreveu um exemplar da Índia [em 1819 doado ao Museum of the Royal College of Surgeons da Inglaterra; cf. Anônimo, 1859:77], dizendo que lá era chamada “nalla wahlagillee pam” [Wall, 1911:1010, entretanto, coloca este nome (que diz pertencer ao idioma Telugu) sob *Hydrophis schistosus* (Daudin), atualmente *Enhydrina schistosa* (Daudin, 1803)].

Schneider (1799:242) deu a essa cobra o nome de *Hydrus bicolor*; não forneceu nenhuma ilustração do animal.

Shaw (1802:566), sob *Hydrus bicolor*, caracterizou-a da seguinte maneira:

“This species is readily distinguished by the remarkable distribution of its colours; the head and upper parts being of a deep black, the lower parts pale yellow, and the tail spotted: along the sides runs a row of smaller scales than the rest, and of a brighter yellow: the head is black, and is of an elongated form in front, bulging behind, subconvex above, and a little compressed laterally: it is covered with large scales: the mouth is wide; the teeth small and numerous, there being a marginal and two palatal rows in the upper jaw: the body is compressed, and the back highly carinated: the general length about two feet and a half; the tail about three inches. It is a native of the Indian seas, and is said to be common near the coasts of the island of Otaheitee, where it is called by the name of *Etoona-toree*, and is used as an article of food”.

## 5. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE AS COBRAS FEITAS PELO PE. CUNHA

### 5.1. A criação dos répteis por Deus no quinto dia

“No quinto [dia] porém, e antes de todas as mais criações terrestres, e volateis; antes de criar as aves do Ceo, e apareserem na terra os animais, e tantos, que produs, e andaõ tanto na terra; as primeiras couzas, ou produções, que antão apareserão nella foraõ logo as sevandigas [sic] todas, que assim se chamaõ a todos os bixos da terra, criando Deos, e aparecendo nella primeiro, que tudo os animais reptis, ou os bixos, que reptam

<sup>5</sup> Essa cauda bifurcada é intrigante; ou foi danificada pelos tripulantes da nau, ao desembarcarem em Lisboa, quando arpoaram o animal, ou se trata de uma rara teratologia.





FIGURA 3: Figura da cobra da nau S. Pedro e S. João constante do opúsculo de Fascunh (1743).



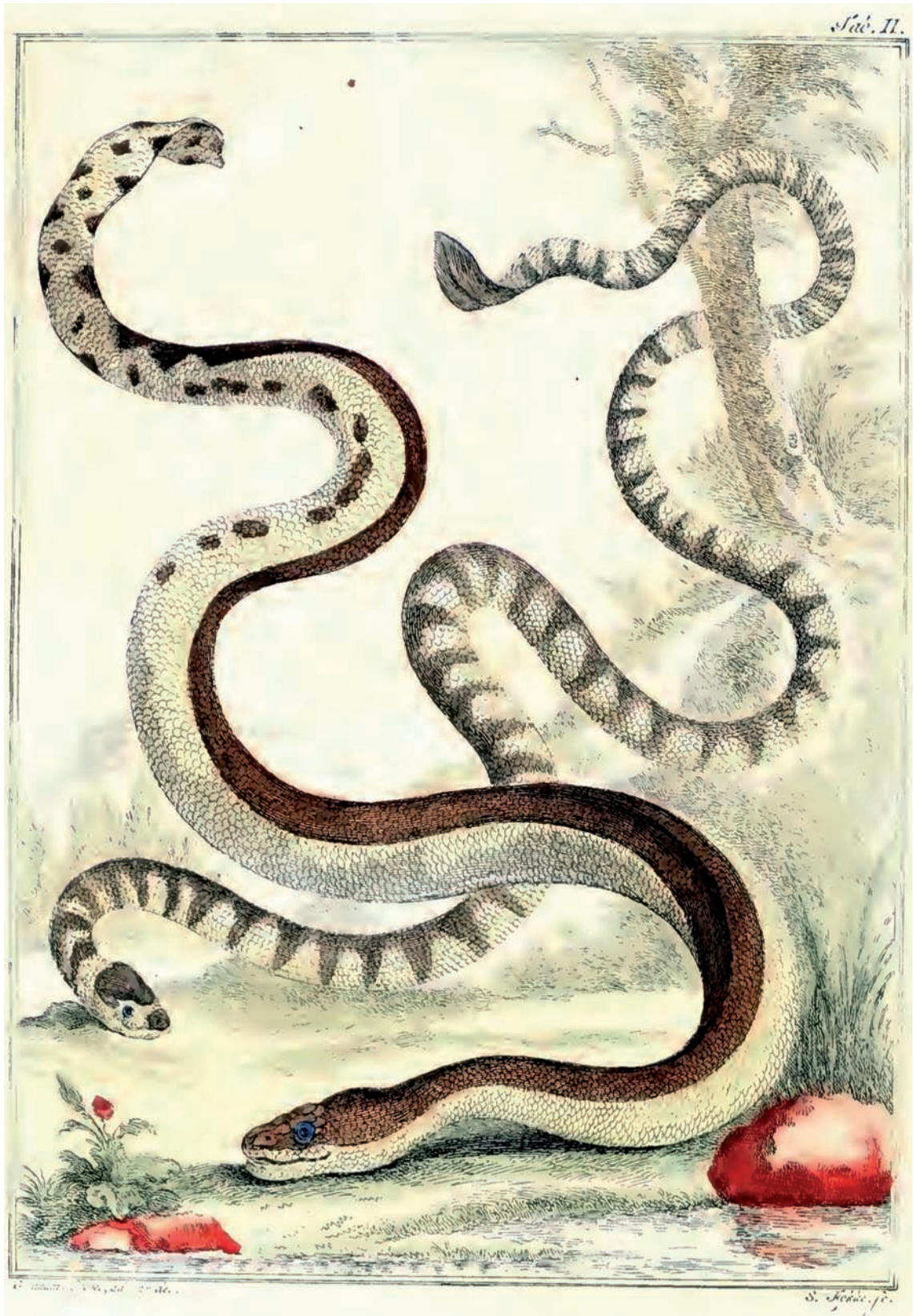


FIGURA 4 (EM PRIMEIRO PLANO): a “Bruin-rug Platsaart Slangen uit Mexico” de Vosmaer (1774).

sobre a terra toda; assim o pode ver no *Genesis* todo o escriptuario, ou coriozo. Chamaõ-se *reptis* estes bixos, ou animais, porque não lhe [sic] dando Deos pés para andar, tanto andaõ de rastos na terra, e arrastaõ tantos, não só animais, mas homens có a força da sua natural crueldade, e violencia. Este nome *reptil*, que se diriva de *reptar*, he nome generico a todos os animais, e sevandijas, que tantos andaõ na terra, não sem pés, nem cabeça, mas alguns com cabeça, mas essa má, e sem pés, nem maos, nem bons. O Doutissimo P. *Nieremberg* coriozo investigador das naturalidades, fallando desses reptis dis assim. Não criou Deos os reptis na terra sem uso da natureza, nem elles engrandecem menos a Magestade de Deos, ou a grandeza do Senhor com a sua humildade, nem ainda



FIGURA 5: A cobra *Gen to* (“Cobra de Cabelo”) segundo Boym (1656).



## CHINA ILLUSTRATA.

81

virtutis attractivæ robore diminutus, | vo-viridem colorem ob veneni vim  
sed & co auctus, redditur, lacte in fla- | degenerante. Figura Colubri, hæc est.



Forma Lapidis & quan-  
titas vera.

Serpens Capillatus, Lusitanis  
*Cobra de Cabelo.*

Narravit mihi supracitatus *P. Henricus Roth*, qui tres ejusmodi lapides mihi dono dederat, se multiplex in *Mogoris* Regno hujus lapidis experimentum fecisse, primò in suo famulo, à scorpione in manu percusso, cujus vulnere cum vix dum lapidem applicuisset, cum ecce totum venenum jam intra brachii longitudinem diffusum, retroagi coeptum, & à lapide tantâ proportionem attractum fuit, ut servus veneni jam ad hunc, modò ad viciniorem plagæ locum, affluxum digito monstraret, & cum jam vul-

neris locum attigisset, tunc lapis veluti suo jam officio probè functus, qui plagæ inseparabiliter fixus hæserat, suâ sponte delapsus hominem perfectæ sanitati reliquit. Alterum probavit in hominis pestifero bubone, cui primò inciso eum lapidem applicuisset, hominem intra breve tempus exucto veneno liberum ab omni infirmitate restituit. Præstat hoc non solum naturalis, sed & artificialis lapis, ex contusis hujusmodi intra serpentes lapideis frustulis, vel etiam vitalium ex capitis, cordis, hepatis, dentium-

Artificialis  
lapis quo-  
modo fiat.

L



com a mesma peste dos seus venenos deixão de ostentar a bondade de Deos; porque o mesmo Omnipotente Senhor sabe calcinar essas pestes, e permitir esses pessimos, porque não só ao Divino, mas ao humano servem os mesmos venenos de remedios, servindo o mesmo veneno mortifero da melhor triaga para a Medicina. Quiça por isto diga o comum Proloquio fundado, em que Deos não cria couza má, que não ha no mundo couza tão má que não tenha tambem alguma couza boa; não fallando só da bondade transcendente, que se acha em toda a entidade, ou ente, que Deos cria; e ainda nestes sevandijas da terra de tão pouca entidade” (Fascunh, 1743:5-6).

## 5.2. Etimologias<sup>6</sup>

“Destes animais propriamente reptis, porque sem pes são quatro as mais vulgares, e sabidas species nas suas produçoens, *Serpentes*, *Viboras*, *Cobras*, ou *Cobrinhas*, a que chamamos *Anguilas*. Serpentes, que no latim se chamaõ *Serpens*, nome proprio de quem Serpa, ou separa a terra sem pés, e ainda derastos [sic]. A Cobra segunda specie tem este nome, que no latim he *Coluber*, porque he munto amante das sombras, e escuridades, e porisso ordinariamente vive nos bosques, buracos, ou covas subterraneas. A Cobrinha pequena, a que damos propriamente o nome de Anguila, e no latim se chama *Anguis*. Tem assim este nome, porque he toda anguloza, ou consta de varios angulos, com que anda sempre enroscada; porisso habita ordinariamente nos angulos, ou cantos da terra, e das cazas, quando são maçãs, e domesticas, ou nos cantos, e recantos do mar, e dos rios. A Vibora finalmente, que sendo mais pequena, e couza mais redicula, como redicula, que he, he mais pessohenta, e por pequena, que he, he mais animoza. No latim se chama *vipera*, ou *Vivipera*, porque produs, ou pare as suas Viboras com munta força; ou porque sempre vivo, e munto vivo pare o parto, que lança, e porisso he tanta, e mais, que das outras Cobras a sua viva produçãõ” (Fascunh, 1743:6).

## 5.3. A geração das cobras

“Da terra, e na mesma terra criou logo Deos no principio do mundo toda essa produçãõ, e quantidade de sevandijas, de que estaõ cheas as terras todas. Porém não só da terra, mas de tanta sevandearia, que se cria nella, fôrma a mesma natureza estas, e semelhantes produçoens. Do sangue de muntas aves, e de outros animais, e bichos afirma Democrito, e confirma Plinio a sua produçãõ. Tambem se geraõ, ou criam de cadaveres humanos, e principalmente da medulla do espinhaço corrupto; e assim o mostra a experiencia nas covas, e cemiterios, e o afirma [sic] Plinio, Plutarcho, Eliano, Camerario, e outros muntos, a que alludio Ouvidio, quando assim o decantou no livro 15. dos seus *Metamorphozes*.

*Sunt, quae cum claustro putrefacto est spina sepulchro  
Muttari credant humanas angue medullas.*

Da podridãõ da materia terrestre, ou da corrupçãõ da mesma terra nascem nella semelhantes sevandijas, animais, ou bichos; no seu mundo subterraneo assim o affirma o P. Kircher<sup>7</sup>, e tambem de muntas plantas, principalmente da Salva seca, ou podre, e de outras muntas ervas, e couzas estercorais<sup>8</sup>. Avicena<sup>9</sup> afirma, que

<sup>6</sup> “Anguis vocabulum omnium serpentium genus quod plicari et contorqui potest; et inde anguis quod angulosus sit et nunquam rectus. [...] Colubrum ab eo dictum, quod colat umbras, vel quod in lubricos tractus flexibus sinuosis labatur. [...] Serpens autem nomen accepit quia occultis accessibus serpit, non apertis passibus, sed squammarum minutissimis nisibus reptit (...). Serpentes autem reptilia sunt, quia ventre et pectore reptant. [...] Vipera dicta, quod vi pariat. Nam et cum venter eius ad partum ingemuerit, catuli non expectantes maturam naturae solutionem conrosis eius lateribus vi erumpunt cum matris interitu” (Isidorus Hispaliensis, 1911: Lib. XII, iv (De Serpentibus)).

“Serpentis vocabulum, vel à serpendo, quòd occultis accessibus, non occultis passibus, animal hoc progrediatur (...); alijs *Coluber*, seu quòd in lubricos tractus flexibus sinuosis labatur: seu quòd umbras colat (...). Dicitur & *Anguis*, quòd semper quasi angulosus & plicatus conspiciatur” (Jonstonus, 1653:4).

<sup>7</sup> Referência ao *Mundus subterraneus* (Kircher, 1664a-b). Sobre Kircher e o problema da geração espontânea, cf. Breidbach & Ghiselin, 2006 e Hirai, 2006.

<sup>8</sup> “Ex sanguine quarundam avium confuso, Democritus prodidit, referente Plinio: Et salvia in sterquilinio petrefacta alij. (...). Ex cadaveribus humanis nasci, & corrupta spinae medullae, apud Camerarium invenies” (Jonstonus, 1653:7).

<sup>9</sup> Avicena escreveu sobre esse assunto numa discussãõ sobre o Dilúvio, em seus comentários sobre o livro *Meteora* de Aristóteles, em sua obra “O livro da cura” (*Kitab-ash-shifa*).

*Baglivi Opera. Tom. II. pag. 298.*

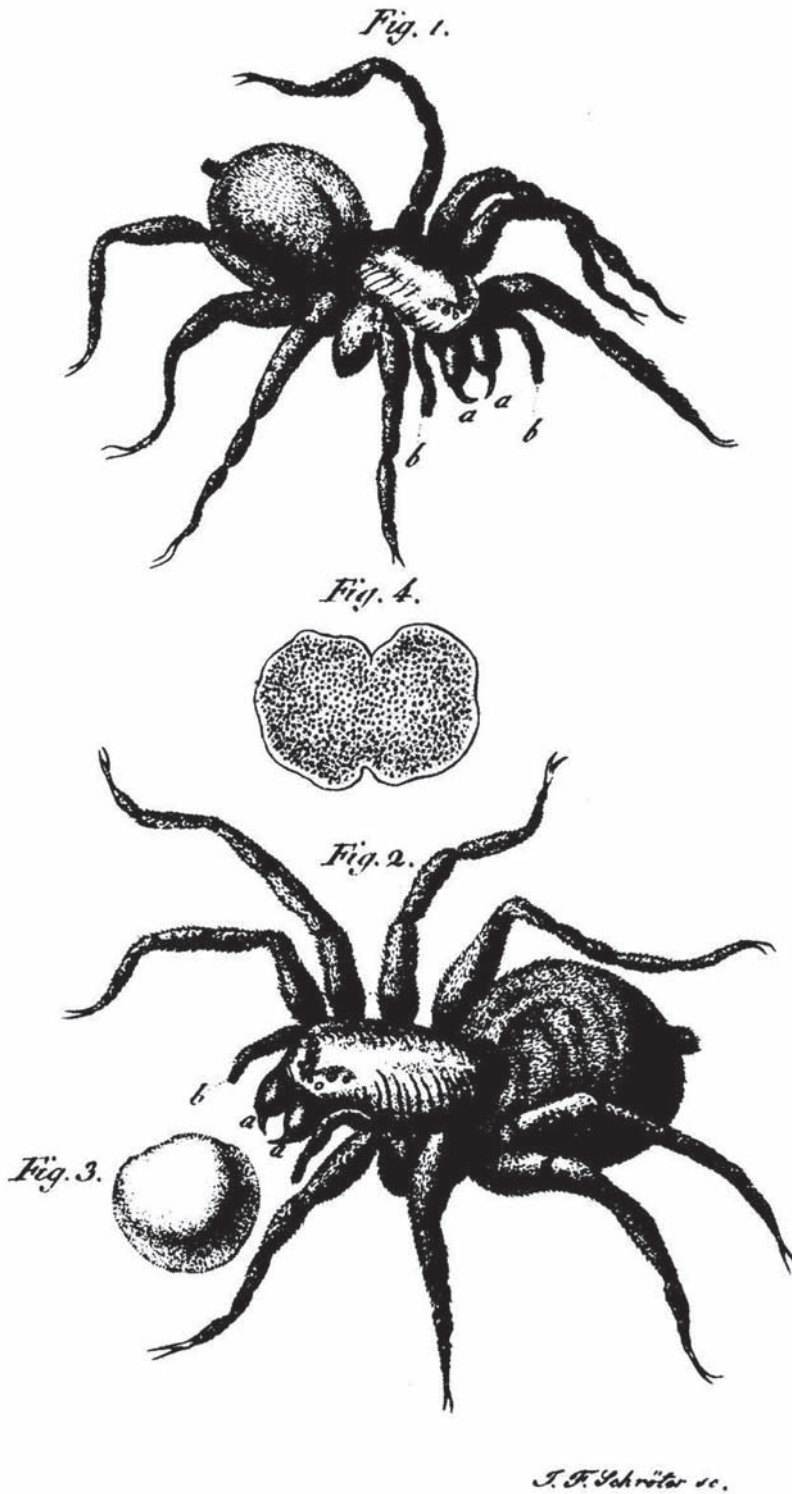


FIGURA 7: Tarântulas (seg. Baglivi, [1696] 1828, prancha entre pp. 298-299).

dos cabellos das mulheres se podem gerar Sapos, e Lagartos, e criar Cobras, ou bichos; porque para semelhantes producçoens, são mais humidos por natureza. (...). Por cauza da sua humidade, porque della se criaõ, e podem criar estes bichos, são estas producçoens mais proprias, e mais communs nas terras alvas, que nas pretas; porque como o temperamento da terra preta he mais calido, e seco, e o temperamento da terra branca he mais frio, e humido, porisso as Serpentes, Cobras, Lagartos, Anguillas são por natureza frias. Tambem por accesso, ou coito das mesmas sevandijas, Cobras, ou bichos se produzem as suas species na terra; e por serem alguns ajuntamentos de animais de diversa specie se produzem, e apaessem na terra as monstrozidades, que todos admiraõ no mundo. Naõ só a natureza produs estes bichos, mas tambem na opiniaõ do mesmo P. Kircher se podem formar por arte; pois como afirma o mesmo Douro, das mesmas Serpentes, e Cobras assadas no fogo, ou torradas no forno, e feitas, ou desfeitas em partes munto pequenas, e diminutas, e lançadas em terras munto humidas, oleadas, ou bituminosas se produzem, e nascem os mesmos bichos. A mayor admiração dos Authores nesta produção das Serpentes, e Cobras he serem taõ prolificas, ou generativas, que ate produzem nas mesmas pedras duras, e grandes Penhas; porisso das roturas das Penhas, e concavidades dos penhascos ordinariamente sahe huma multiplicidade prodigioza, e geração continua das Serpentes, e das Cobras<sup>10</sup>. (...). Muitas vezes por milagre do Ceo como chuva tem aparecido na terra quantidade de Cobras, e Serpentes; assim tem succedido muntas vezes nas Indias Occidentais de Hespanha nos suburbios da Cidade de Quito, pois quando naquelle calido Paiz, o Sol está mais intenso, e cor de fogo, costumaõ cahir do Ceo Serpentes, e cobras, que tem pouco mais de hum palmo de tamanho, e de largura hum dedo, todas rodeadas de escamas brancas, e taõ resplandescentes, que paressem ser de prata, quando luzem; tem esta admiravel produção de Cobras duas cabeças, huma na parte superior, seu lugar proprio, e outra na parte inferior, ou na sua cauda” (Fascunh, 1743:6-8).

#### 5.4. Simpatias e antipatias<sup>11</sup>

“Logo, que Deos criou no mundo, e nelle se produziraõ as Cobras, e Serpentes, as criou logo o mesmo Deos com suas sympathias a humas terras, e a muntas couzas terrestres, e tambem anthipathias a muntas couzas, e terras. Tem sympathias as Cobras na terra com Rapozas, Gatos, Ratos; Enguias, e folhas de Hera<sup>12</sup>. Tem anthipathia grande, primeira, e mayor com homens, e mulheres, e principalmente com a sua saliva<sup>13</sup>. Tambem tem a mesma anthipathia com muntos animais, como Aguiã, Gaviã, Aranha, Basilisco, Sapo, Azor, Corça, Cabra montes, Porco espinho, Carangueijos, Viado, Chamaleam, Cegonha, Rato da india, Elephante, Ourico [sic] cacheiro, Andorinha, Sanguexugas, Bibes, e Gallos, Lontra, Lagarticha, Doninha, Gafanhotos, Furaõ, Lagarto, Pavaõ, Porco, Rato de campo, Tartaruga, e Buytre, &c.<sup>14</sup> Tambem tem suas antipathias com algumas terras, Provincias, ou

<sup>10</sup> “In solido & vasto marmore inventum fuisse, Martini v. Pontificis tempore, ex Baptista Leone apud Pareum habemus: Causam Cardanus reddit” (Jonstonus, 1653:7).

<sup>11</sup> Segundo Plínio, em sua *Naturalis historiae* (Lib. XX, I): “Pax secum in his aut bellum naturae dicitur, odia amicitiaeque rerum surdarum ac sensu carentium et, quo magis miremur, omnia ea hominum causa, quod Graeci sympathiam et antipathiam appellare, quibus cuncta constant, ignes aquis restinguentibus, aquas sole devorant, luna pariente, altero alterius iniuria deficiente sidere, atque, ut a sublimioribus recedamus, ferrum ad se trahente magnetem lapide et alio rursus abigente a sese, adamantum rarum opum gaudium, infragilem omni cetera vi et invictum, sanguine hircino rumpente, quaeque alia in suis locis dicemus paria vel maiora miratur”. Ou, na tradução de Jones (1951:3): “Herein will be told of Nature at peace or at war with herself, along with the hatreds and friendships of things deaf and dumb, and even without feeling. Moreover, to increase our wonder, all of them are for the sake of mankind. The Greeks have applied the terms ‘sympathy’ and ‘antipathy’ to this basic principle of all things: water putting out fire; the sun absorbing water while the moon gives it birth; each of these heavenly bodies suffering eclipse through the injustice of the other. Furthermore, to leave the more heavenly regions, the magnetic stone draws iron to itself while another kind of stone repels it; the diamond, the rare delight of Wealth, unbreakable and invincible by all other force, is broken by goat’s blood. Other marvels, equally or even more wonderful, we shall speak of in their proper place”.

<sup>12</sup> “Amicitia colunt *inter se*, quia in cavernis saepe conglobatim inveniuntur: cum *angvillis*, ut Gesnerus exemplo cujusdam pueri docet: cum *vulpibus*, quia in cryptis communem vitam degunt: cum *Cattis*, quia aliquando secum colludere visi sunt. *Hederam* serpentum frigori gratissimã, ut mirum sit ullum honorem habitum ei” (Jonstonus, 1653:8-9).

<sup>13</sup> “*Inimicitiam cum hominibus, plantis & animalium* gerunt. Quantum ad *homines*, omnibus contra serpentes inest venenum: feruntque ictus saliva, ut ferventis aquae contactum effugere” (Jonstonus, 1653:7).

<sup>14</sup> “Inter animalia gerunt inimicitias com *avibus, quadrupedibus, & exangvibus. Avibus*. Nam *Aquila* lapidem aëtitem in nido deponunt, ne pulli à serpentibus laedantur. Eaedem in montibus regni Morfili angvibus vescuuntur. Notum, quam guatitudinem *Aquila* à serpente *Spiris* arctissimè complicata, rustico liberatori praestiterit, apud Aelianum. *Pavonis* clamore terrentur, *Ciconiae* in Thessalia maxime immunes, quod serpentes interimant. Ejusdem in Italia pulli tribus annis continuis aliquando devorati fuere. Huc *accipitres, ibides*, quorum pennas timent, *vultures*, hirundines *galli & gallinae* pertinent. Ex *quadrupedibus* sunt *Elephanti* qui Spiritu cervorum ritu, serpentes à cavernis evocant; *Leopardi*, quorum odorem vitant, *Cervi*, qui seu tanquam medicamento, quod *Isidorus* tradit; seu tanquam pabulo, quod

Reynos, onde não nascem, nem se achão Serpentes, Cobras, ou animais venenozos. Saõ estas felices terras, a Ilha de Creta, a Ilha de Sardenha, a ilha, e Reyno de Inglaterra, Hybernia, e Ilha de Malta<sup>15</sup>. Tambem com muntas arvores, plantas, e ervas, e as mais dellas munto celebres, e singulares, outras odoríferas, e peregrinas tem tambem natural antipathia as mesmas Serpentes, e Cobras; Saõ ellas o Freixo, Carvalho, Galbano planta odorifera semelhante a canafrexa, plantas de Rozeiras, e outras plantas semelhantes a ellas, Legacam erva, ou como outros lhe chamam Alegra campo, Salsa parrilha, erva de feijoens, e Trepadeiras, Beiço de asno, huma planta assim chamada, planta do cordeiro, chamada Agno casto, Erva Aneveda, Erva campana, ou Ala, Alecrim, Arruda, Alho, Trifolio erva de tres folhos chamada Trevo, Abrotea, erva de Lombrigas, flor da vide, Betonica, e Alcaparra<sup>16</sup> (Fascunh, 1743:8).

## 6. AS SERPENTES CITADAS POR CUNHA E AS FONTES DE SUAS PARÁFRASES

Em sua maior parte, o padre Cunha baseou suas descrições na obra de Jonstonus (1653) [Figs. 8-9] e por vezes em Nieremberg (1635); talvez haja também recorrido às obras de Gesner (1587) e Ray (1693).

ACOATI [sic] (p. 10), “ou como lhe chamaõ outros Miocaoati [sic] he huma Serpente, ou Cobra aquatil, que na sua cor imita a espiga de Maizio tem dentes pequenos. De comprimento tem sinco palmos, e de largura huma polegada grossa. Criase nas Lagoas, e agoas de tanques, ou estagnadas em Charcos, nas Regioins mais temperadas”.

Belluacensis; seu levandi senij ergò, & ut pilos mutent cornua que deponant, quod alij, serpentibus vescuntur. Sues etiam angues invetos edüt. Per eas ager Plombinensis à quodã serpente purgatus est. A *soricibus* brumali tempore infellantur, quòd tùm langvore quodam laborent. Cum ijsdem, testudo, ichneumon, lacerta, & Chamaeleon, ut proprijs locis est dictum, congregiuntur. Catum quoque eis infestum, apud Aristotelem habemus. Ex *Exangvibus*, Locustae species quaedam *Ophiomachus* dicitur. Quòd cum serpentibus praelietur, eosque gutture arrepto interimat. Albertus *Opimatum* vocavit. *Cancris* serpentes ad Ephesiam metropolim, forcipibus arripiunt, dum paludes juxta Ephesiam tranare conantur. *Araneas* sub umbrosis arboribus apricantes, ictu inflictio vertiginosos reddunt: quod tamen melius de lacertis sumseris” (Jonstonus, 1653:7).

<sup>15</sup> “Nullos esse in Ebulo insula prodidit Plinius, in Creta Aristoteles & Solinus; in Britania Cardanus; in Laponia, alij. In Hibernia allatos interire, imò terrã illius regni conspersos, exanimari, Angli prodidere. Navibus in Bugum fluvium delatri, edito sibilo aliò confugiunt, si scriptoribus Polinicijs fides. Bellonius tamen nonnullas in Creta species observavit: rationes verò Cardani de Britannia, à Scaligerio confutatae sunt” (Jonstonus, 1653:5). “*Melitam*, in qua terra *Gratia S. Pauli* dicta nascitur, eorundem faecundissimam notum” (Jonstonus, 1653:6).

De acordo com a lenda (cf. Papavero, Teixeira & Ramos, 1997:161-163), tendo naufragado em Malta durante uma de suas viagens a Roma, São Paulo recolhia material para uma fogueira quando uma víbora se enroscou em sua mão. Tomado de horror, o santo apóstolo atirou-a ao fogo e amaldiçoou todas as serpentes da ilha, que por isso teriam perdido não só o veneno como os próprios dentes, tornando-se inofensivas. Esses dentes teriam originado as *glossopetrae* após ficarem petrificados, sendo por isso também chamados de *lapides melitenses* ou *linguae Santi Pauli* (Reiskius, 1684). Outra versão foi dada por Colonna (1734:301): “lorsque saint Paul maudit les serpens de cette Isle, dont un l’avoit mordu, la terre ne pouvant plus produire ces bêtes, a produit à leur place les langues & les yeux de ces animaux, en memoire du miracle que ce grand Apôtre avoit fait lorsqu’il fut mordu de la vipere comme l’Histoire Sainte en fait foi”. As *glossopetrae* possuem um notável formato triangular e achatado, apresentando uma base espessa, áspera e fosca que contrasta com o resto de sua superfície dura e polida, a qual se vê frequentemente ornamentada de diminutas crenulações em suas bordas laterais. Por essa aparência foram atribuídas a línguas de serpentes, de aves ou de patos. Na realidade são dentes fossilizados de tubarões.

Colonna (1734:107-108) comentou: “Il y a de terres qui ne souffrent point d’animaux venimeux, comme est, par exemple, l’Isle de Malthe. L’on dit que cela est ainsi depuis que Saint Paul y fut mordu de la Vipere, & que l’on voit encore les langues & les yeux des Serpens pétrifiez; mais nous ferons voir dans la suite ce que c’est que ces langues & ces yeux de serpens, & S. Paul n’en sera moins un grand Apôtre sans qu’il ait besoin de ces fables qu’on a faites à son occasion. Il y a dans l’Irlande des terres semblables qui ne souffrent aucun animal venimeux, ce qui arrive parce que les vapeurs de la terre ne sont pas convenables à ces reptiles. On voit une terre sur les côtes de Bretagne qui est semblable, aussi-bien que ce qu’on appelle auprès de Grenoble la *Terre sans venin*. Il ne vient pas non plus aucun animal venimeux dans une des Isles Schetlandiques, appellée Schetland, que ceux qu’on y porte, lesquels y meurent en très-peu de temps. Au contraire une autre des Isles Orcades nourrit fort bien les animaux qui y naissent, mais ils meurent aussitôt qu’ils en sortent; la même chose arrive aussi aux animaux des Isles Bermudes. S’il y a des terres où les Serpens & les Insectes ne peuvent pas subsister, il y en a d’autres qui en sont remplis. On voit en Provence une montagne qui paroît être une pepiniere de Serpens, parce qu’ils y trouvent aparamment dequoi vivre à leur aise, & que les vapeurs de la terre dans laquelle ils sont enterrés plus de la moitié de l’année leur conviennent. On ajoûte que par bonheur ces Serpens sont sans venin, & qu’au surplus ils sont bons pour certaines maladies”.

<sup>16</sup> “De *plantis* hoc habe. Nec umbras quidem fraxini arboris ferre: ideò haec prolixo naturae beneficio, antequam è latebris egrediantur floret; postquam delituerit, folia demum deponit. *Smilo*, in Trachinio solo, si appropinquaerint, interire. Folijs quernis injectus, si Geoponicor. authori credimus, perire. Octorem florentis uvæ aversari, Nec Tum temporis in vitibus inveniri. *Veronicae* circulo inclusos flagellando, quia exire non audent, sese perimere. Odore alij deterrerit: rutae, vero Lybicas imprimis, animo linqui. Taceo trifolij quandam speciem, ut Plinius voluit, absinthium, artemisiam, abronotum, libanotidem nepetham viticem, quam mulieres in Thesinophorijs pulvinarius subternenebant; Helenium denique seu Enulam Campanam, cujus ideò Aelianus meminit. Therionarca in Cappadocia & Mysia nascente, omnes feras torpescere, fabulatur Plinius. Ab igne abhorreere apud Cardanum habemus” (Jonstonus, 1653:7).



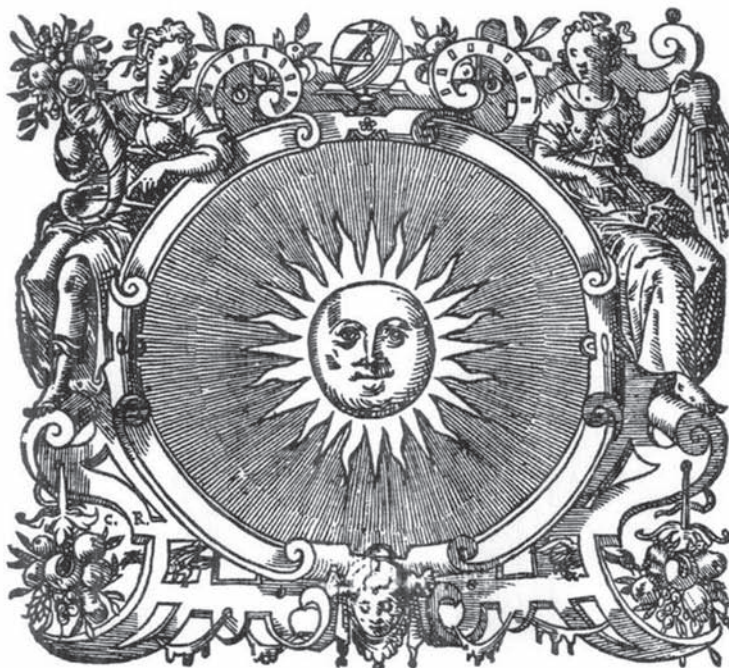


FIGURA 8: Frontispício de *Historiae naturalis de Insectis libri III* de Jonstonus (1653).



HISTORIÆ  
NATURALIS  
*De*  
SERPENTI-  
BUS  
LIBRI DUO.

JOANNES JONSTONVS MEDICINÆ  
DOCTOR CONCINNAVIT.



FRANCOFVRTI ad Mænum,  
Ex Bibliopolio Hæredum Merianæorum.  
ANNO MDC LIII.

FIGURA 9: Frontispício da “*Historia Naturalis de Serpenti- bus Libri Duo*” de Jonstonus (1653).

Publicado por primeira vez por Hernandez (*in* Recchi, 1628; cf. Recchi, 1651:60): “De Acoatl, seu serpente Aquatili. Cap. VI. In paludibus temperatarum Regionum versari solet, dentibus paruis, ab innoxio morsu, longus quinque dodrantes, ac pollicem crassus, supernè taenijs nigris, & cyaneis alternis distinctus, & cyaneus infernè; capitis superna nigra sunt, latera cyanea, ac inferna lutea. Viuum audio parere, ne indico impare vipera nostra dicatur carere. Sunt qui Miaoacotal vocent, quoniam spicae Maizij colore sit”.

Nieremberg (1635:272) transcreveu esse trecho da seguinte maneira: “Acoatl dicitur serpens aquatilis (alij miocoatl [sic] vocant, quòd imitetur colorem spicam maizij) qui etiam viuum parere fertur. Dentibus paruis est, & innocenti morsu: longus quinque dodrantes, pollicem crassus; taenijs nigris & cyaneis alternis distinctus supernè, inferne verò cyaneus est: capitis superna nigra, inferna lutea, latera cyanea. In paludibus regionum temperatarum invenitur”.

Jonstonus (1653:34) reproduziu o trecho de Nieremberg com mínimas alterações, sendo por sua vez copiado por Cunha.

O nome significa “serpente da água” (*atl*, água, *coatl*, serpente) (Siméon, 2004:13).

ACONTIAS (p. 10) “Serpente, que por ter aparencia de uma seta aguda, e ter azas se chama no latim *Jaculum*; *Serpens volans*, *Chersydrus*, *Acoran sagitarius*, he esta Cobra escura, ou de cor de cinza no lombo, e cor branca no ventre. A natureza para armar com escudos, a fôrma toda de escamas na sua aparencia; e pelo ventre a adorna, e fortalece como laminas de bronze. Da cabeça discorrendo pelo lombo até a cauda tem duas riscas, ou linhas brancas, e toda ella chea de pintas negras, ou matizada de manchas pretas. Acha-se estas Cobras, e muntas na *Lybia*, e no *Egipto*; tambem se viraõ muntas na Noruega. O seu commum sustento he carne humana, e de todos os animaes. He taõ manhoza, e astuta esta Cobra, que se enrosca, e esconde entre as folhas, e as arvores junto aos caminhos, e a modo de huma ligeira seta fere os passageiros, e animais que passaõ. He taõ ligeira para o emprego do seu jaculo, ou sibilo venenozo, que salta de repente 20 covados, sendo a sua mordedura mais pestilente, que a da Vibora”.

Jonstonus (1653:23, *Articvlvs XII. De Acontia seu Iaculo*; pl. IV [cf. fig. 13]) diz: “Serpens hic ακοντιας Graecis (...) quod jaculi instar se vibret. (...) Latinum *Jaculum* vocavere; Author libri de Natura, *serpentem volatem* ob celerem motum; Aëtius *Incensuram*, *Cenchriam*, & *Aspidem acontiam* (...). (...) Colore cinereo, sub ventre albo, juxta dorsum squamatus, juxta ventrem laminis munitus. A cervice nigra duae albae lineae per longitudinem dorsi ad caudam usque percurrerant: deinde, maculis nigris oculi figuram aemulantibus distingebatur, ut benè lenticularis à quibusdam dictus sit. Est crassitudinis baculi, longitudinis trium circiter pedum. Caput habet magnum coloris cinerei, reliquo corpore fusco preaeter ventrem, qui ad colorem minus obscurum vergit. (...) In Aegypto & Lybia reperiri, Lucianus & Marcellinus prodidere. Visi & in Norvegia ab Olao Magno (...). (...) De *Natura* hoc duntaxat constat, tam in locis viar. publicae. Abditis, quàm in arboribus, capite intra frondes occultato, degere: jaculi modo serpendo ruere, & quidem tam valide, ut spacium viginti cubitorum transiliat; & humi jacentem, antequam insiliat, primò sese contorquere”.

AMMODITES (p. 11) “ou como outros dizem *Centrias*, ou *Centrites* pela dureza da sua cauda. No latim se chama *Vipera cornuta* por ter semelhanças de Vibora, e ter na cabeça humas pontas, como xifres. Tambem *Illyiica*, e *Monoceros*. He huma Serpente côr de area, tem a cabeça munto grande, e a pelle toda matizada com manchas pretas, e tem a cauda mui dura. Acha-se em muntas partes da Itália, e especialmente na terra Illirica. He taõ venenosa esta Cobra, que com o seu veneno mata munto depreça. Na mordedura que faz causa huma dor munto grande, e faz hum mayor tumor, com elle cauza tambem hum fluxo de sangue, e logo na parte mordida produs huma corrupçaõ, inflige huma insoportavel dor de cabeça, a que se segue por effeito hum desmayo grande, que he muitas vezes mortal. O veneno desta Féra sendo femea, he muito mais activo, que quando he de specie masculina”.

Jonstonus (1653:14, *Articvlvs II. De Ammodyte*; Pl. I [cf. fig. 10]): “Refertur hic tum ratione figurae tum partus ad viperarum genera, Vocatur à Latinis Ammodytes vocábulo à Graecis desumpto (...). Aëtio est Cenchrias vel potius Cerchnias ab asperitate miliari,

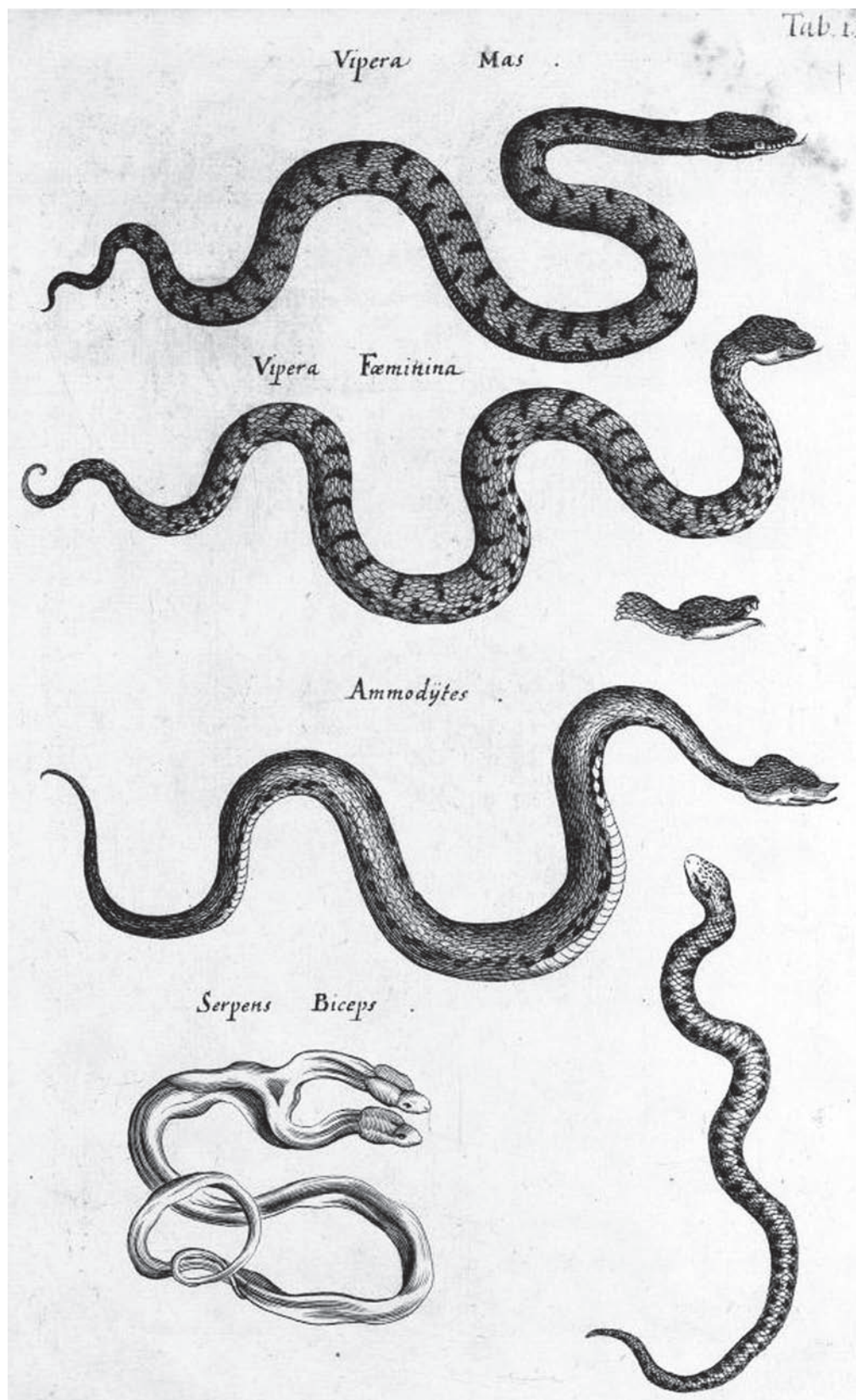


FIGURA 10: Prancha I de Jonstonus (1653), com figuras da “Vipera” e da “Ammodytes”.



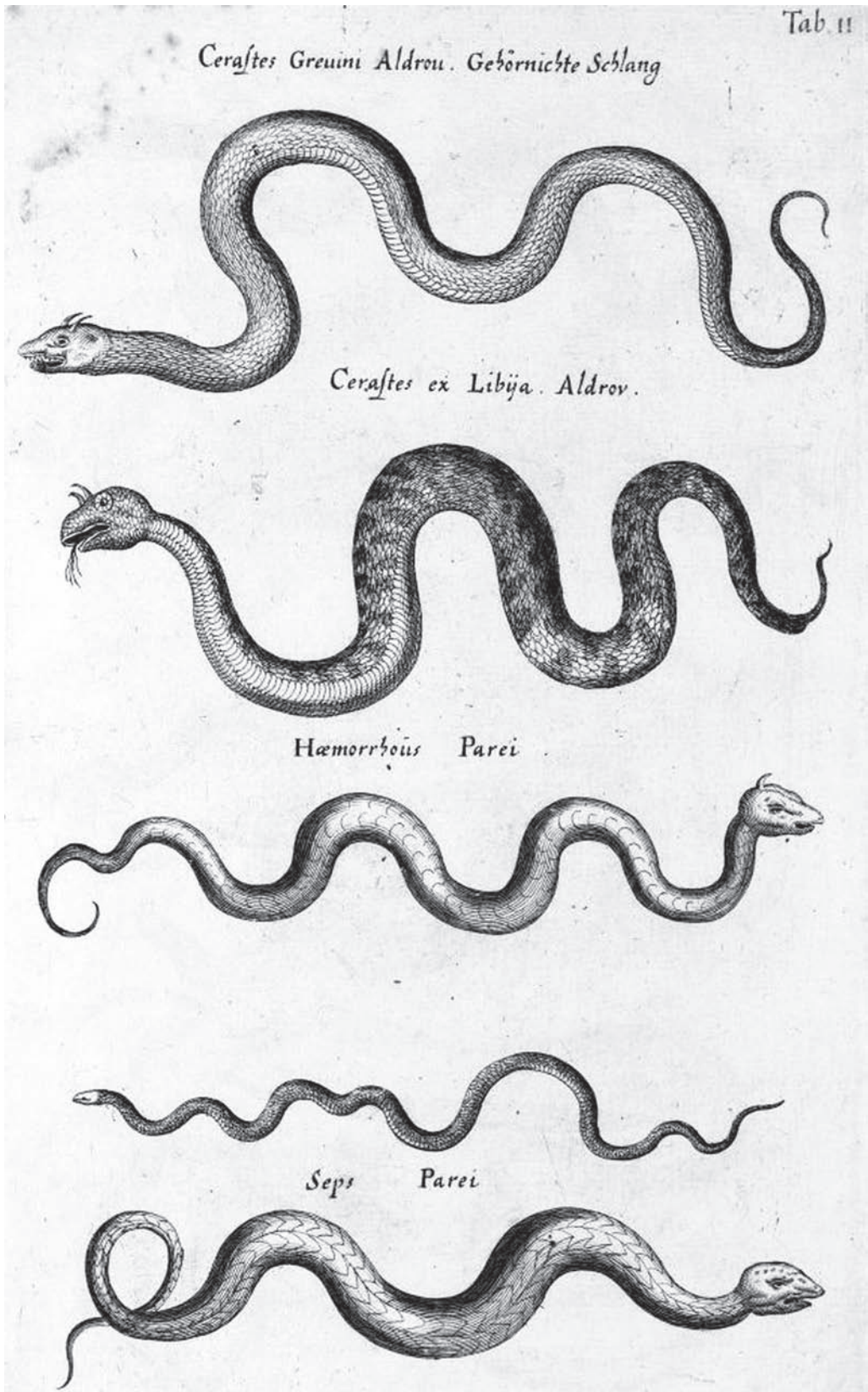


FIGURA 11: Prancha II de Jonstonus (1653), com figuras da “Cerastes”, “Haemorrhôis” e da “Seps”.

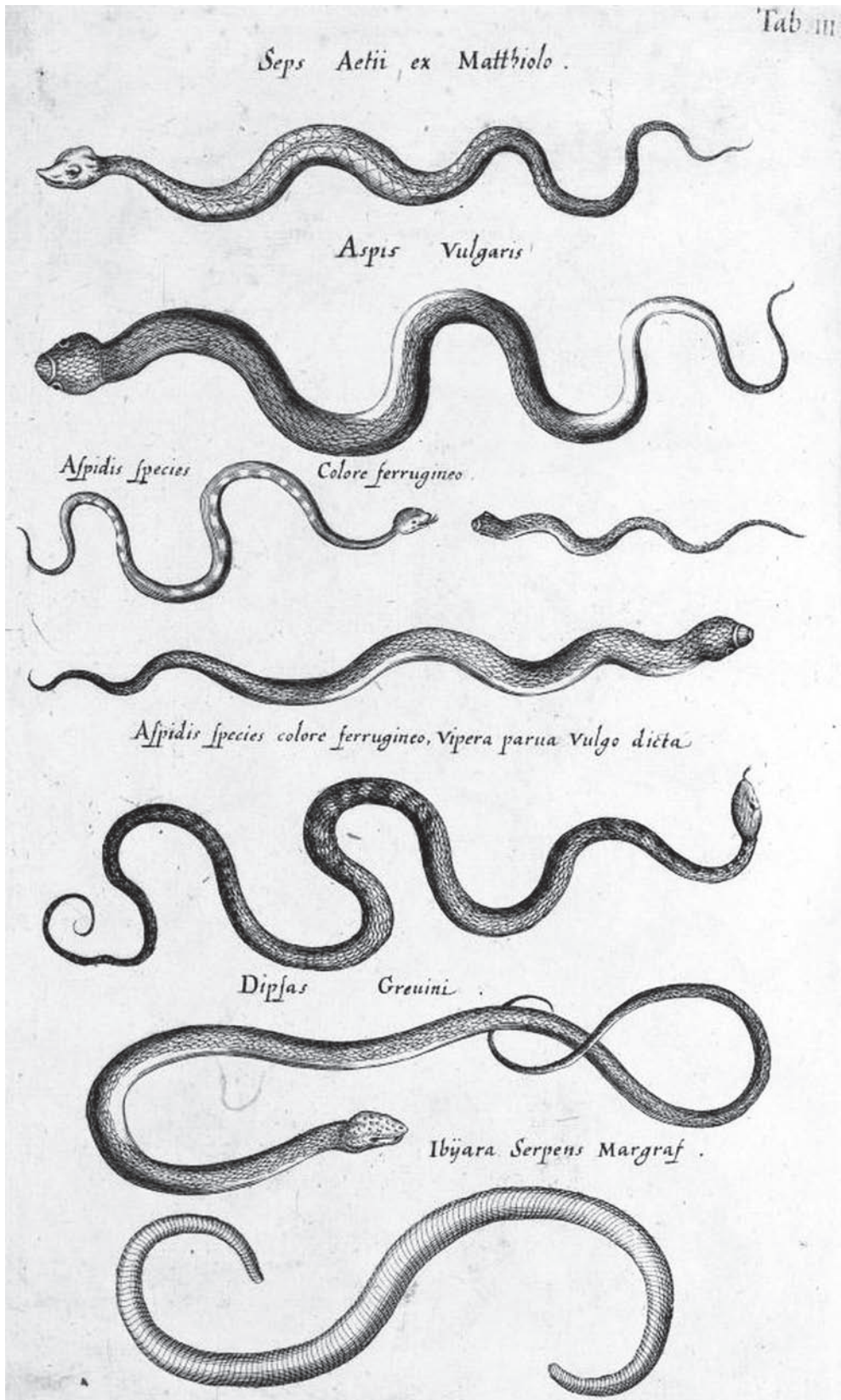


FIGURA 12: Prancha III de Jonstonus (1653), com figuras da “Seps”, “Aspis”, “Dipsas” e da “Ibiara”.



quòd cauda ipsius instar granorum milij dura sit. (...). Nonnulli Ammoditem, Centriam, aut Centritem, ob duritiem caudae dici debere innuunt. (...). Ut ut sit, cornutum vocavi, quod eminentiam quandam cornu aemulans supra nasum gerat; & viperam Cornutam Illyricam, quòd in illa regione frequens sit, monoceros denique, propter callum qui summam oris partem exornat, certum est. De ejus forma & Descriptione ita Ambrosius. Olaus Magnus scriptis mandavit quosdam esse serpentes arenacei coloris, longitudine cubitali, maculis Nigris distinctos habentes supra dorsum linearum vesiçia: Deinde inter haecce serpentium genera Lucanus colorem arenaceum hujus serpentis contemplans canebat hunc in modum. (...). In Lybia teste Solino, in multis Italiae & Illyriae locis (...). Olaus Magnus describens signa veneni hujus serpentis ea esse protulit, quando particula demorsa non solum ingenti dolore & tumore afficitur, verum etiam quando virus à vulnere effluit, & propterea si patiens tertio die non perit, quandoque ad septimam usque diem vitam protahit. At Inter caeteros Authores, clariora hujus veneni signa assignat Matthiolus, dum percussos ab Ammodite, sestina morte opprimi scribit, & à vulnere eorum, qui tam brevi tempore non obeunt, sanguinem primò dimanare, labiaq' vulvenis intumescere, deinde paulò post saniem effluere, capitisque gravitatem, & animi deliquiũ generari. Imo addit homines etiam robustos ab hoc serpente ictos triduo interire, & celerius qui à faemina sauciantur”.

AMPHISBENA (p. 11) “que no Latim tem o mesmo nome, ou tambem *Amphicephalos*, *Amphiselene*, e *Armena*, he huma Cobra prodigioza, que a natureza singularizou com a monstruosidade de duas cabeças, a sua côr he da mesma terra, onde nasce. Chama-se Cobra cega, porque a mesma natureza lhe formou taõ groças as faces, ou taõ grandes as genas, que mal se vem nellas os olhos, e por cauza tambem dellas naõ vê ella bem. He taõ contraria, e opposta ás molheres prenhes, que a sua vista faz logo degenerar em infelices abortos os seus felices partos, e persegue a todas, correndo a trás dellas. A sua mordedella, ou mordedura, he tambem taõ venenoza, como a de hum Javali [sic; abelha], ou huma Vibora”.

Jonstonus (1653:21, *Articulus IX. De Amphisbaena*; Pl. IV [cf. fig. 13]): Amphisbaena (...). Dicitur alias Amphicephalos. (...) Alberto *Amphiselene* & *Armena* (...). Descriptione apud Nicandrum habemus.

*Post hanc tibi subdimus Amphisbenam  
 Duplicem conspicuum (monstrum mirabile) vultu,  
 Cujus perpetua caecum caligine lumen  
 Quod latas utrinque genas, porrectaque menta  
 Plus aliis alto serpentibus agere tendat;  
 Terreus et illis color, & dinsissima pellis,  
 Plurima quam variè distinctam signa figurant.*

(...). Caecum addit, quia tam latas habet genas, ut oculos quodammodo premant. (...). De *Natura* hoc occurrit, mulierem gravidam si Amphisbaenam transierit abortire (...). Morsum ejus ea quae à punctura apum profisciuntur, insequi Aëtius; quae à vipera ictu, Dioscorides prodidit”.

ANGUIS (p. 11) “que sendo nome generico de qualquer Cobra pequena, he nome proprio de huma Cobra chamada Esculapio, e porisso no Latim se chama *Anguis Aesculapii*, ou *Pareas*, e *Paria* [sic], ou *Pogerina* [sic]. He huma Cobra de duas castas, ou species; huma he toda pallida, ou amarella, a outra he de côr preta. He huma Cobra munto comprida côr de lodo escuro, que para a parte do lombo tem mais viva a sua côr preta; pela parte inferior he mais branca, e mais para baixo he de cor verde. He toda formada de escamas, e cada huma dellas tem a forma, ou semelhança de huma Cruz. Ha muntas destas Cobras em muntas partes, como na Italia, Alemanha, Polonia, Hespanha, na Azia, em Africa, e na America. Ainda, que esta Cobra por singularidade he mais mança, que todas as mais, e também vive domestica, como por natureza he como ellas, irritada fere, e maltrata como as mais todas”.

Jonstonus (1653:25, *Articulus XV. De Angve Aesculapij*; Pl. V [cf. fig. 14]): “Angvi Aesculapij nomen à tutelari Aesculapij nomine inditum est. (...). Aeliano est *Pareas* (...).



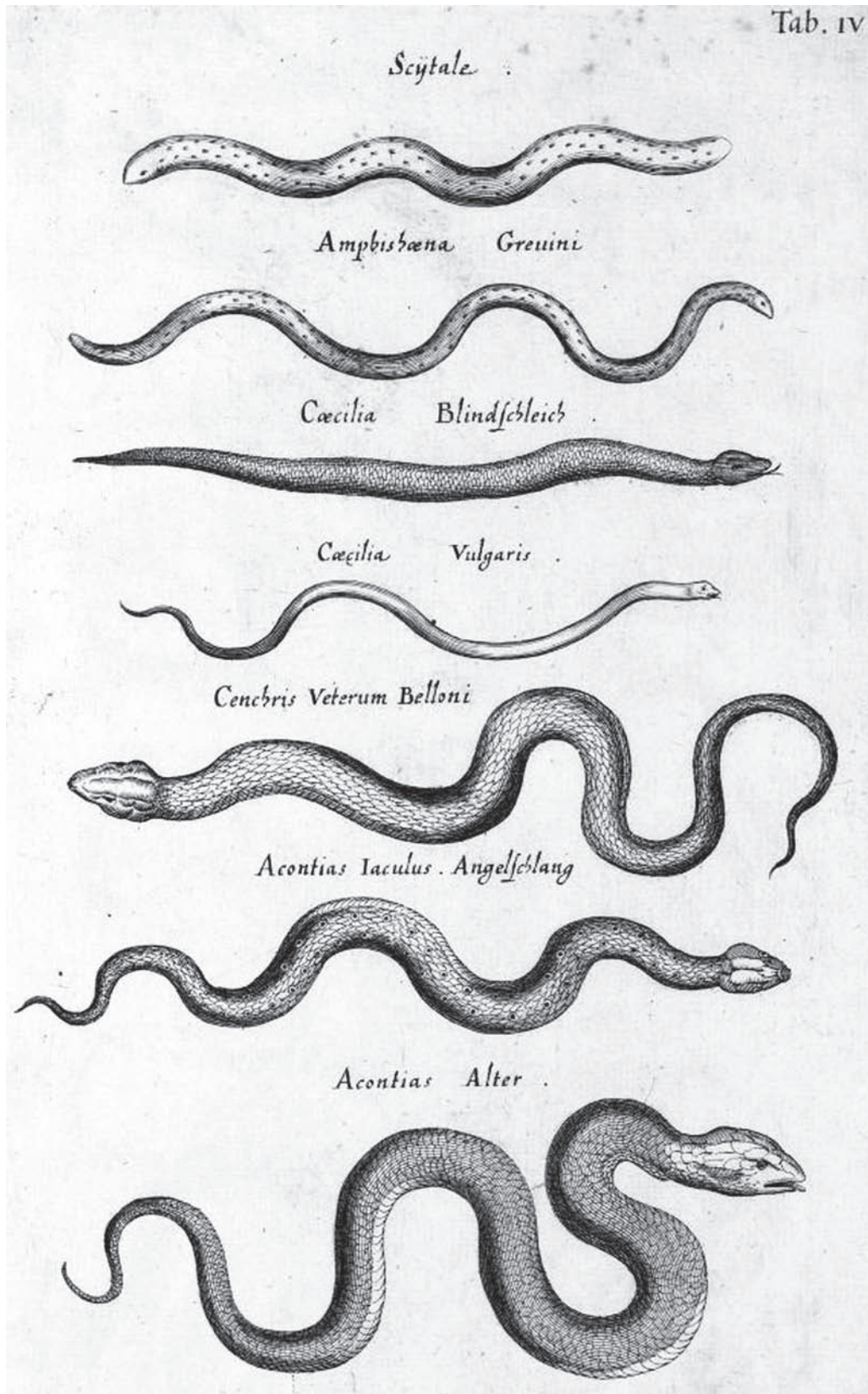


FIGURA 13: Prancha IV de Jonstonus (1653), com figuras da “Scytale”, “Amphisbaena”, “Caecilia”, “Cencbris” e da “Acontias”.

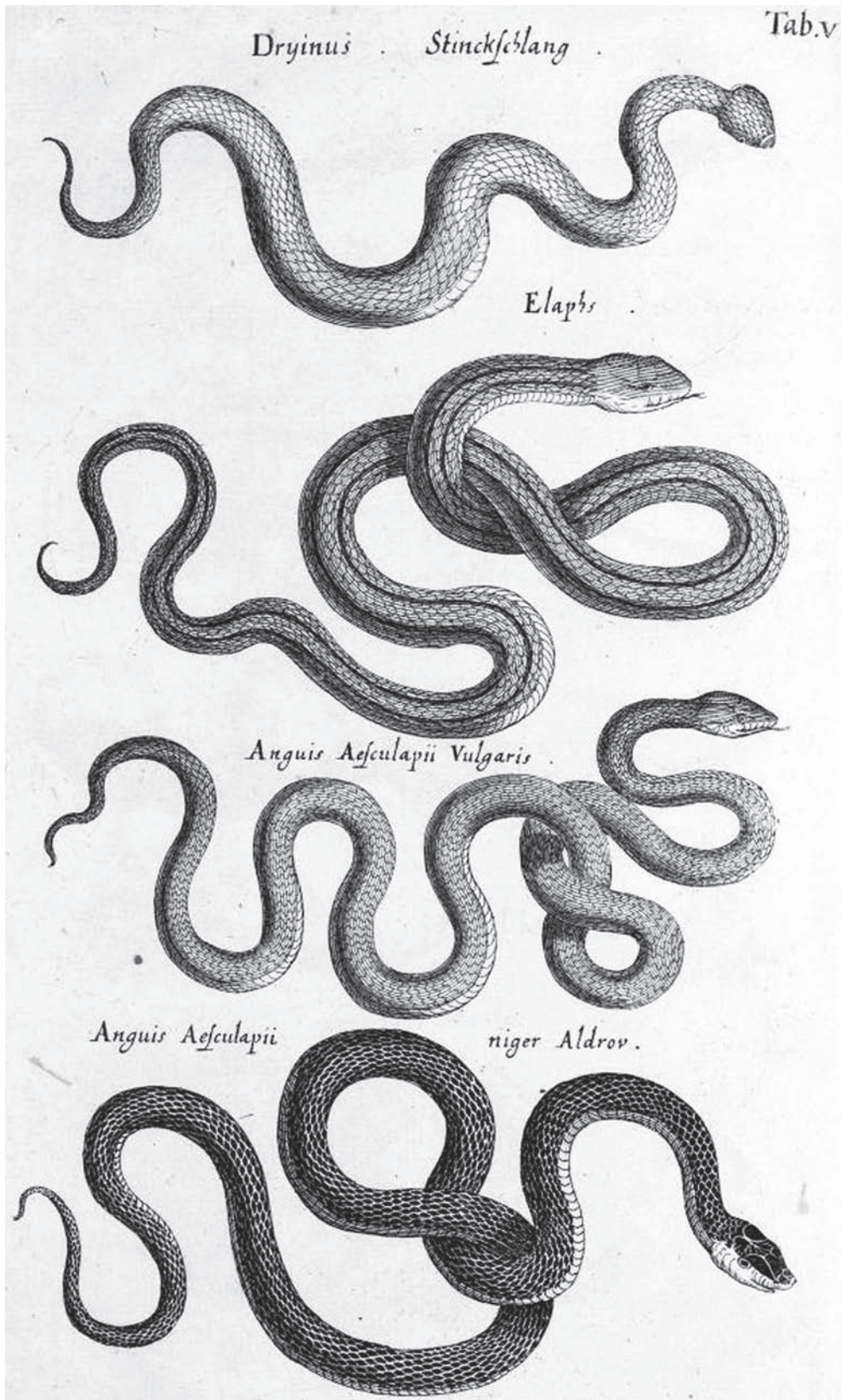


FIGURA 14: Prancha V de Jonstonus (1653), com figuras da “Dryinus”, “Elapſ” e da “Anguis Aesculapii”.



Lucanus Phariam vocat; nonnulli Pagerinam. (...). *Descriptionem* si spectes, oblongus est sublutei aut potius porracei obscurioris coloris, sed magis circa tergo nigricantis, pars inferior albescit paulo in se subviridis. In quibusdam nota quaedam formâ crucis ex squamarum ordine apparet, si aliquibus credimus. (...). Invenit plerisq' in locis, Germaniae, Itale, Hispaniae, Poloniae, &c. in Asia etiam Africa & America. (...). De *natura* dici potest, benignum quidem esse, & mitem, sed qui irritatus feriret. (...). Duplici sunt generis. Alij *pallidiores*; alij *nigredine perfusi* quorum icones damus”.

AQUASEO [sic] (p. 12) “he huma Serpente, ou Cobra, que vive nas Penhas, Montes, e Lugares secos. He de cór fusca, tem a cabeça grande, mas toda xata he taõ envenenada, e nociva, que mata dentro em meya hora, fazendo cahir a pedaço, e pedaço a carne contigua à mordedura, que logo apodrece”.

Publicado por primeira vez por Hernandez (*in* Recchi, 1628; cf. Recchi, 1651:69): “De Aguasem. Cap. L. Dvas Spithamas tantum longus est Aguasem anguis, caeterorumque vulgarium forma, fusco colore, lato capite, atque compresso; adeò verò lethali est ictu, vt intra dimidiae horae spatium interimat, decidente carne vulneri vicina, ac miserè putrescente. Versatur montosis locis, editis, atque arentibus, Alexitherium eius est Pangaguasem, de que sumus inter Plantas loquuti, nascitur in Philippicis”.

Nieremberg (1635:273, *Caput XI. De aguasem*) adaptou assim esse trecho: “Svbita pestis aguasem serpens, duas spithamas longus duntaxat, fusco colore, lato capite atque compresso: adeò verò lethali est ictu, vt intra dimidiae horae spatium interimat, decidente carne vulneri vicinâ, ac miserè putrescente. Verbatur montosis locis editis atque arentibus”.

Jonstonus (1653:18) transcreveu o trecho de Nieremberg.

ASPIDE (p. 12) “que no Latim se chama *Aspis*, dizem huns, que pela aspreza desse animal; outros, que de aspersar o seu veneno, quando o lança; e outros que pela grande aspiencia [sic] ou esperta, e expedita potencia viziva; he huma Serpente azulada, ou Cobra de cór azul; tem os seus dentes fóra dos Labios, e a imitação dos Javalins; o tamanho he de huma Cobra pequena, e porisso produzem muito em Africa, e nas orilhas do Rio Nillo; e porisso assiste em lugares humidos, e sombrios. Gosta tanto do fumo do Incenso, que com elle se embebeda, e perde a sua força natural. Taõ amante he a Cobra masculina da outra Cobra feminina, como sua consórte, que nunca sae da sua gruta huma sem outra, e taõ irascivel, e raivosa he qualquer dellas, que impacientes para o envenenarem buscaõ o matador de qualquer, que primeiro se mata [?]. A sua ferida he muito sutil, e taõ fóрте, que logo causa sono, a quem a vé, cega-lhe os olhos, e transfórma a todos pallidos, ou macilentos”.

Jonstonus (1653:18, *Articulus VI. De Aspide*; Pl. III [cf. fig. 12]): “Serpenti quem Aspidem vocamus nomen, vel ab aspergendo, quod venena morsu aspergat, ut Isidoro placet; vel ab asperitate cutis, ut Arnaldo; vel ab aspiciendo, quòd acutum intueretur, nisi eorum oculi à quibusdam carunculis complimentibus impedirentur, ut Abensinae (...). Belluacensis ei caeruleum colporem, dentes extra labia, ut in apro, exporrectos, adferibit. Agricola longitudinem & crassitudinem mediocris angvillae (...). Calidiorè aère gaudere certum, ideò Africam, & ripas Nili inprimis incolunt. (...). Fumo *ari* ita inebriatur, ut torpide evadant. (...). Ad *Naturã* pertinet, quod Isidorus scribit, ad incâtatoris vocè alterá auriũ premere, alterá caudã obtruere: nũquã marẽ nisi comitè feminã è spelunca egredi; alterutrum ab aliquo occisum, occisorem etiam in turba quetere, quod aliqui affirmant (...). (...). Ictus Aspidis tam subtilis est, ut visum effigiat (...). Tumor circa vulnus nullum; post ictum statim sopor insurgit, oculi caligine suffūdũtur, facies pallet, frons refrigeratur”.

De uma maneira geral, a áspide tem sido identificada como a áspide-de-Cleópatra, *Naja haje* (Linnaeus, 1758), embora o mesmo nome também seja utilizado para designar certas espécies de víboras como *Vipera aspis* (Linnaeus, 1758) em algumas partes da França (Audouin *et al.*, 1822). Foi uma das serpentes levadas por Noé em sua arca, segundo Kircher (1675) [cf. Papavero, Teixeira & Llorente-Bousquets, 1997:82].



BAMBAS (p. 12) “que no Latim se chamaõ *Bamba*, ou Serpentes magnas natatrices [sic]; são huns bichos muito horrendos, Serpentes, ou Cobras de extraordinario comprimento das quaes escrevem alguns Autores, que tem 25. covados de comprimento, e 5. de largura, porisso tem hum ventre tão grande e disforme, que devoraõ hum Javalim, e hum Boy [sic]; sendo as mayores, as que vivem nas Lagoas. Achaõ-se muntas destas na Ethiopia, e comem toda a casta de animaes, que com as suas siladas, ou emboscadas apanhaõ, pois de tudo o que cassaõ se sustentaõ, saem da agoa, onde nascem a buscar pasto à terra. Sobem astutas, e manhosas ás mayores arvores, e nellas como em atalayas estaõ sempre à vigia, para verem os animaes, e fazerem as suas prezas. Mudaõ varias vezes a sua pelle, e saõ munto golozas, e regaladas, e gostando munto das melhores dilicias do gosto [sic; tradução errada]”.

Nieremberg (1635:282, *Capvt XXXVIII, De serpentibus Bambae*), transcrito por Jonstonus (1653:37, *Punctum II. De Exoticis, nempe Dracone Pythio, & serpentibus Bambae*): “De serpentibus *Bambae* ita Nierembergius. Serpentes sunt magnitudinis horrendae, si conferantur cum nostratibus, & praecipuè *palustres*, quorum aliqui longitudine 25. & in latitudine 5. spithamas excedunt, ventre tam capaci, ut totul cervum aut aliud ejus magnitudinis animal una vice devorant. Ex aquis egrediuntur & pasti eò redeunt: unde & ab incolis *magna natrices* appellátur. Acendunt qualvis altissimas arbores, in quibus vagabunda animalia, quae è specula contuentur: & ubi ea victum quaerentia accesserunt, summá vi se in ea demittunt, atque ita & morsu, & mole occisa, in solitudinem aliquam vicinam tracta, tota cum pelle ossibus & carnibus deglutiunt. (...). Pellem statis temporibus mutant. (...). Magni ejus carnes tostas faciunt Aethiopes, & gallinarum habentur multum delicatiores, sed vix eas adipiscvi possunt, nisi cum aliquando nimio calore incenduntur sylvae, & tum omnes, quae à suis lacubus, aliquando fuerunt remata, semitostae inveniuntur, & in magnis habentur delicijs”.

BAZILISCO (p. 14) “a que alguns Authores chamaõ *Serpens Nilliaca*, he o animal mais terrivel, e venenozo, que cria Deos, e produs a natureza; pois naõ só mata com o seu mortifero veneno em hum sopro, ou sibilo, mas até com á sua maligna vista, em huma vista de olhos. He observação porém de alguns Phizicos Naturalistas, que naõ mata o Bazilisco, a quem só para admirar a sua galantaria, e esperteza olha para as suas cores pelas costas, mas sim a quem olha diante delle, e diviza nelle, ou emprega os seus olhos; por cauza, e medo desta qualidade tão maligna fogem delle, e elle mesmo a fugenta [sic] as outras feras. O seu hálito he tão nocivo, e o seu vapor tão envenenado, que até com elle inficiona o ar, e o mesmo Ceo. Outros Phyzicos affirmaõ, que se algum animal, ou homem vê primeiro o Bazilisco, do que ella o veja, elle morre, e naõ quem o vê; porém se elle o vê primeiro, mata a todo, quanto vê. Admiravel em tudo foi a invenção dos espelhos, para com elles tambem pilharem este tão venenozo animal, pois lançando no mesmo espelho o seu venenozo halito, com este reberberando no mesmo espelho, que se lhe põem á vista, se mata elle á sy proprio, e fica livre o dono do espelho com a sua artificioza invenção”.

Ignoramos de onde Cunha retirou essas informações; certamente não foi de Jonstonus [Pl. XI (cf. fig. 20), Pl. XII (cf. fig. 22)]. Esse mito é antiquíssimo e no fabulário medieval o uso de espelhos para matar basiliscos proviria dos tempos de Alexandre Magno. Assim, num manuscrito de Peder Madsen, do século XV (transcrito por Anne Riising, s/d) pode-se ler: “[Fol. 155v] De basilisco, Alexander regnavit, qui dominium totius orbis obtinuit. Accidit quodam tempore quod quendam exercitum et quendam civitatem obsedit, qui in eodem loco plures milites amisit sine omni vulnere. Cum enim de hoc admiraretur, philosophos et sapientes vocavit et ait eis: Quomodo potest hoc fieri quod milites mei ita súbito sine omni vulnere inficiuntur et moriuntur? Dixerunt ei: Ibi est unus basiliscus super murum, cujus aspectu milites inficiuntur. Ait Alexander: Quale remedium est contra basiliscum? Qui dixerunt: Optimum. Ponatur speculum inter exercitum et murum elevatum, ubi basiliscis morator. [Fol. 156r]: Et cum basiliscus in speculum perspexerit, respectus ejus et intuitus in seipsum redigitur. Et basiliscus in speculum respexit et sic moriebatur, et Alexander civitatem sic expugnavit”.

O texto acima foi evidentemente extraído das *Gesta Romanorum*, uma coleção latina de anedotas e fábulas, provavelmente compilada ao final do século XIII ou início do XIV. Era claramente destinado aos pregadores para uso em seus sermões. Na tradição inglesa de Swan (1824:205-206) esse trecho sobre o basilisco assim aparece: “[Tale LIX]. Alexander the Great was lord of the whole world. He once collected a large army, and besieged a certain city, around which many knights and others were killed without any visible wound. Much surprised at this, he called together his philosophers, and said, ‘My masters, how is this? My soldiers die, and there is no apparent wound!’ ‘No wonder’, replied they; ‘under the walls of the city is a basilisk, whose look infects your soldiers, and they die of the pestilence it creates’. ‘And what remedy is there for this?’ said the king. ‘Place a glass in an elevated situation between the army and the wall under which the basilisk cowers; and no sooner shall he behold it, than his own figure, reflected in the mirror, shall return the poison upon himself, and kill him’. Alexander took their advice, and thus saved his followers”.

BITIA [sic] (p. 13) “he uma Cobra assim chamada, toda he côr de terra salpicada de pintas negras, encarnadas, e brancas; tem a cabeça, como de hum Veado grande, e assim o seu fucinho até os olhos, q’ são munto pretos, e luzidios a maneira de um vistozo Iris, habita nas Penhas, ou nas montanhas, a panha [sic] os Boys, e Javalis, que pôde. Há munta quantidade dellas na Ilha de Cuba; tambem he taõ sagás, e ardiloza, que sóbe ás arvores, e se enrosca nellas para vigiar, e acometer todo o bixo, e animal, que pôde engulir”.

Publicado por primeira vez por Hernandez (*in* Recchi, 1628; cf. Recchi, 1651:70): “De Bitin Colubri genere. Cap. LVI. Viuit in montanis locis Anguis Bitin, aspectuque constat terrifico, Nigris punctis, rubeis, ac candidis, vitulino capite, ampla fronte usque ad oculos, qui nigri sunt, lucidique virenti circumdati iride, rictu oris magno, munito multitis, & acutis dentibus caninis quaternis digitum prolixis, sese mutuò inuicem excipientibus quatuor vlnarum longitudine, & crassitudine hominis, conscendit arbores, vnde se vibrat appensus cauda, rapitque homines, & apros, & alia huius generis animália, deuorans ea quandoque integra, & ex eo venatu viuens: prouenit in Insela Cubu [sic], visusque est in Insula Lutaya [sic] à militibus Hispanis, cum vellent Naues leuare onere”.

Versão de Nieremberg (1635:275, *Capvt XVIII. De bitin serpente*): “Incola montanorum locorum bitin est, aspectu serpente terrifico, nigris punctis, rubeis ac candidis, vitulino capite, amplâ fronte adusque oculos, qui nigri sunt lucidique, sed virenti circumdati iride, rictu oris magno, munito multis & acutis dentibus, caninis quaternis, digitum prolixis, sese mutuò inuicem excipientibus, quatuor vlnarum longitudine & crassitudine hominis. Conscendit arbores, unde se vibrat appensus caudâ: Rapit boues & apros, & alia huius generis animalia, deuorans ea quandoque integra, ex hoc venatu viuens. Amat insulam Cubu [sic; Cuba], visusque est in insulâ Lutay [Lucaias] à militibus Hispanis, cum vellent naues exonerare”.

Jonstonus (1653:38, *Pvnctvm III. De Bitin, & serpentibus Senegae*), transcreveu o trecho de Nieremberg com algumas pequenas alterações.

BOA (p. 13) “Serpente assim chamada, sendo bem má, e não tendo nada de boa mais, que o seu nome. A esta costumaõ todos chamar Cobra de agoa porque no latim se chama *Anguis caprimulgus*, & *Cervone dictus* [sic]. He Serpente, ou Cobra de agoa munto grande; tem seis ordens de dentes, quatro na parte mais interior, e dois na parte mais exterior; os olhos são taõ videntros, ou resplandcentes, que pareassem de vidro. Gosta munto de leite de vacas, come todo o gado, que apanha, e gosta de toda a casta de carnes, até devorar os homens, que mata; persegue todos os rebanhos, que vê, e bebe, eu [sic] chupa tanto leite, que de o chupar todo mata tudo, e mama até morrer”.

Jonstonus (1653:32, *Articvlvs III. De Boa*): “De boa serpente paucissima occurrunt. Nomen accepit, non tam ab effectu, quod bovem integrum deflutire possit: quam quòd armentorum greges sequatur, & rigua vaccar. ubera fugat: & ita lacte bubulo alatur. (...).

Huc *Angvem Caprimulgum*, quem Cervone vocant (...). (...). *Dentum* ordo supernè quadruplex, infernè duplex. *Oculi* veluti vitrei”.

BOIGAUCU (p. 13) “a que os Portuguezes chamaõ Giboya ou Cobra de Veado; entre todas as Cobras, ou Serpentes he a mayor de todas, pois tem o peito taõ grosso como o de hum homem muito gordo, e no tamanho, e grossura se equivoca no Brazil com os mais famosos, e frondozos troncos das mesmas arvores do Certam; toda ella he de varias cores, sobre sahindo nella mais a cor de cinza, ou a cor de castanha, e baya, he munto voras, ou voradora, sustenta-se de todas as carnes, e taõ forte que até pòde devorar Corças inteiras, e Cabras, mais mamando, ou chupando o que apanha, do que comendo, ou mastigando. Achaõ-se muntas domesticas nas mesmas cazas, onde bebe, ou sorve os o vos [sic] das galinhas [Este trecho se refere à *Borobi*, ver abaixo]. He taõ animoza, e forte nas grandes forças, que tem, que só com huma enroscadora sua, ou com hum abraço mata os homens, quando os aperta; naõ tem porém veneno algum, e a sua carne he delicioza para o gosto e a come no Brazil munta gente, que gosta dellas, que para tudo ha gosto nos homens, sendo alguns bem depravados”.

Jonstonus (1653:28, *Punctum II. De Ibiboboca & Boiguacu*; Pl. VI [cf. fig. 15]): “(...). *Boiguacu* sive *Itboya*, serpentium omnium facile maximus, pectur fere hominis crassus, Lusitanis *Cobre de Veado* dictus, quod Dorcades integras devorat, idque sugendo potius, quam masticando. (...). Cineritio, spadiceo variegati sunt colore. Non aequè veneno, ut multi alij, turgent. Carne eorum son solum Indigenae & Nigritae, sed & nostrates vescuntur. Famelicus hic angvis vel ex dumetis prosilit, caudaeque suae nitens, horrende se erigit & sibilat irritatus, vel ex arbore insidiosè in viatorem desilit, eumque validissimis cingit amplexibus, ita ut vel sola complexione interimat”.

O nome foi registrado por primeira vez por Piso (1648:41, fig.) e Marcgrave (1648:434) e refere-se à *jiboia* (*Boa constrictor* Linnaeus, 1758, serpente da fam. Boidae).

BOIOBI (p. 13) “a que os mesmos Portuguezes chamaõ Cobra verde, he do tamanho de hum braço, e de grossura de huma polegada; he huma Cobra munto bonita, e toda resplandescente, sendo a sua cor toda verde. Achaõ se muntas no nosso Brazil, e folga munto viver nos edificios, ou nas cazas; a ninguem faz mal, se a naõ perseguem, ou irritaõ, porem a sua mordedura he venenoza”.

Jonstonus (1653:29, *Punctum V. De Bojobi, Tetrauchcoat, Tleoa seu igneo, sanguineis & Trinbutili*): “*Bojobi* Brasiliensibus, Lusitanis *Cobre Verde*, ulnae est longitudine & pollicis crassitie, coloris porracei & pulchre micantis. Aedificijs gaudet, neque ulli nocet nisi irritanti: morsus tamen illius venenatus, remedio quamvis eximio vix cedit”.

Piso (1648:43, 1658:273) registrou esse nome pela primeira vez. Muito provavelmente deve referir-se a *Chironius carinatus* (Linnaeus, 1758), mas também podendo ser atribuído a representantes dos gêneros *Philodryas* ou *Liophis*, todas elas serpentes da fam. Colubridae.

BOIQUIRA (p. 14) “ou também no latim [sic] *Boicinga*, *Theutlacocabqui* [sic] chamada Cobra de cascavel, ou tangedor, a quem o erudito P. *Nieremberg* chama *Domina Serpentum*. Muntos Authores com grande variedade explicaõ a figura, ou representação desta Cobra. He da grossura de hum braço, e de comprimento tem cinco pés, e tem a lingua bisulsa, ou de dois cortes, todos os annos cresce na cauda, e nella se augmenta o seu veneno; tem as costas, ou o lombo ao modo de huma cadea palida, amarela, ou cor de oiro, e toda ella tem figura cubica de anzois pequenos, como cascaveis, com os quais, quando anda, ou serpa sobre a terra faz hum estrondo grande como hum som de campainhas, que se ouvem munto ao longe, e porisso lhe chamaõ Cobra de cascavel, ou tangedor. Nas mais remotas Provincias, Regioens da India se ouvem, e vem estas prodigiozas Cobras, e nas terras mais quentes, ou Provincias mais Calidas; habitaõ mais frequentes nos lugares mais remotos, invios, e sem caminhos. He taõ ligeira no reptar sobre a terra esta prodigioza Cobra, que mais pairesse, que voa, do que anda; todos os annos formão hum novo som com os seus Cascaveis, servindolhe a sua cauda, como de corda de sino, ou rabo de Campainha; e pelo diverso toque de cada anno se conhece a sua idade. Quando mais se enfurece, e raiva mais, mais toca, e melhor tange. He munto venenoza a sua mordedura, faz logo nella apparecer podridam, de que nascem herpes”.



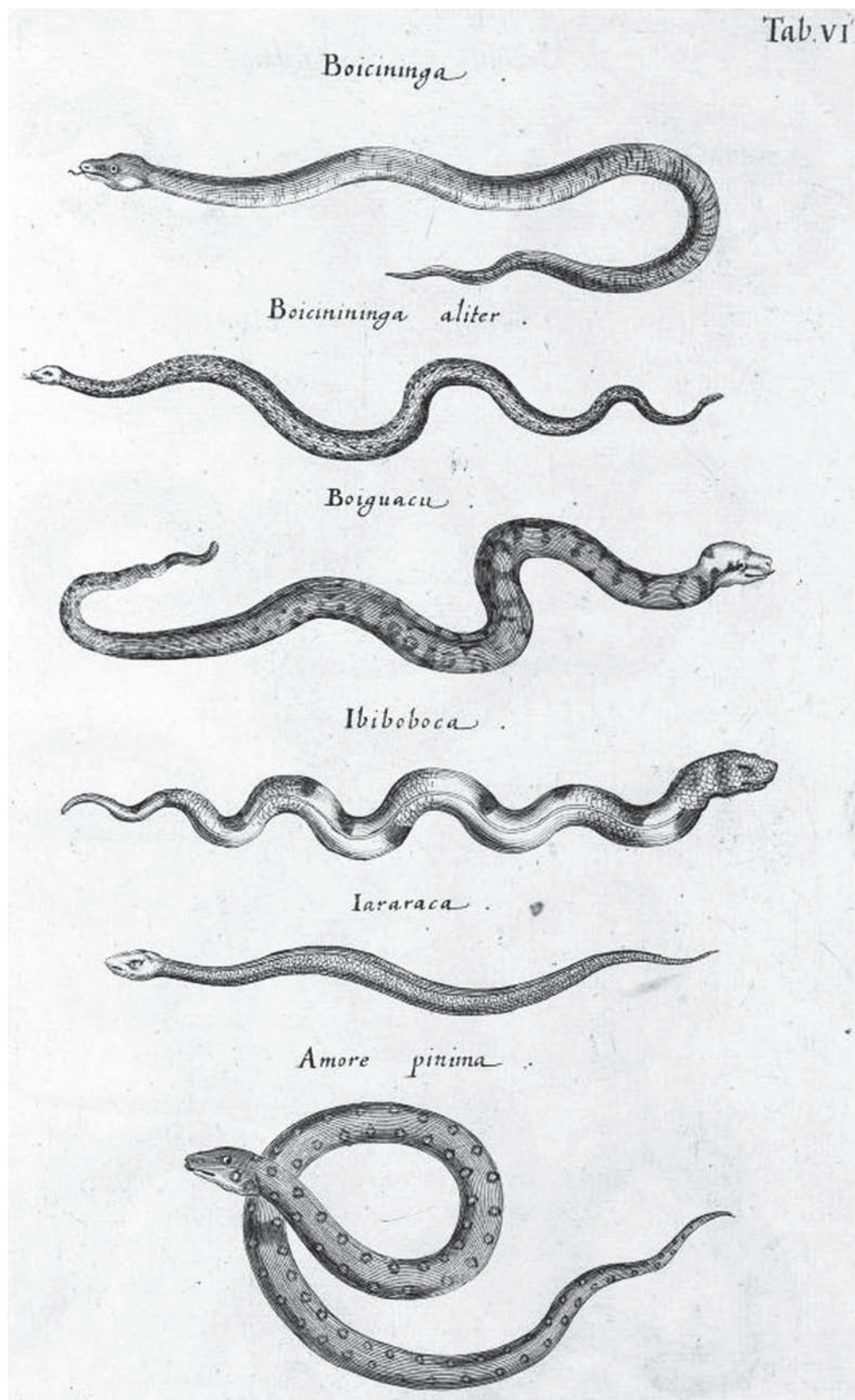


FIGURA 15: Prancha VI de Jonstonus (1653), com figuras da “Boicinga”, “Boiguacu”, “Ibiboboca”, “Iararaca” e da “Amore pinima”.

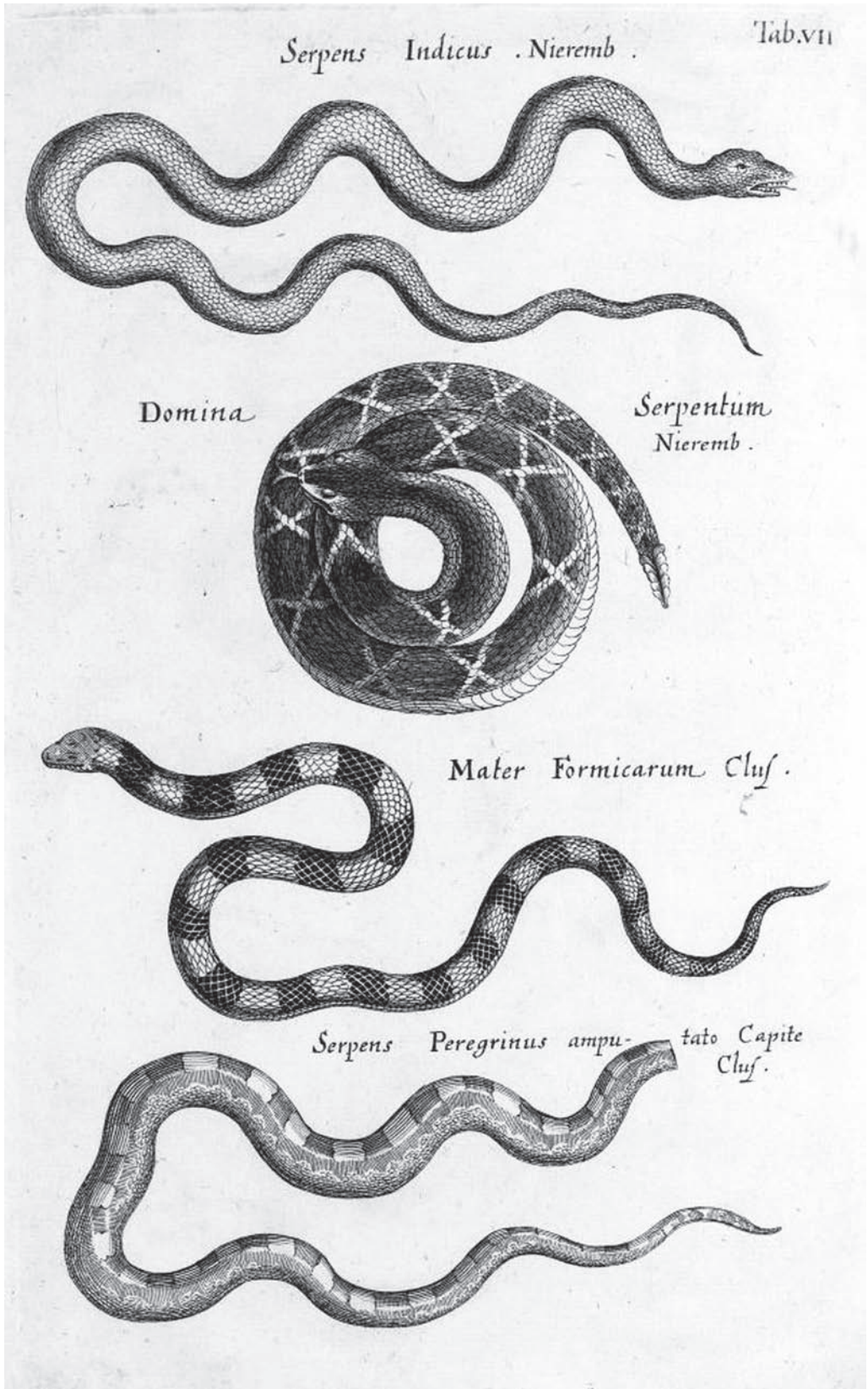


FIGURA 16: Prancha VII de Jonstonus (1653).

Cunha fez neste trecho uma composição de pequenos trechos das descrições feitas por Marcgrave, Piso e Nieremberg, citadas por Jonstonus (1653:26, *Articulus XVII. De serpentibus Exoticis, Indicis imprimis. Punctum I. De Boicinga, seu Teutlacocauhqui* Pl. VI [cf. fig. 15], Pl. VII (*domina serpentum*) [cf. fig. 16].

Recchi (1651:328-330) diz “*De TEVHTLACOT ZAVHQVI, seu Domina serpentum. Cap. XVII. Serpens est atrocissimus Teuhtlacot zauhqui, quem indigenae Hispani viperam ob lethalis morsus immanitatem atque saevitiam, vocant, quaternos pedes aut amplius longus, & vnum, vbi mediocriter crassus est, latus, dorso eminenti, viperino capite, ventre ex albo pallescente, lateribus opertis candentibus squamis, fascijs tamen pullis per interualia interstinctis, dorsum fuscum est, luteis tamen lineis se se in ipsa spina secantibus insigne. Multae sunt eius serpentis differentiae non plurimum inter se distantes, & ictu mortem inferentes, nisi celerrimè praesidijs occurratur. Conuoluitur in sphaeras irritatus, aut contrectatus, ac inaequaliter caput contoquet, sed ita sibi vndiq; cauet, vt nulla non parte se vindicet ab iniuria. Excogitatum est, icta humare membra, terraq; obruere, & ita sinere donec omnino cesset dolor, aut morbus sit curatus, prospero (vt audio) magna ex parte euentu. Per saxa fertur celeri cursu, ac per terrestria, plana; quod mirum videtur, non adeo, ob quem Mexicanorum quidam, a vento nomen indidere, *Ecacoatl*. Quot annos natus est, tot accedunt caudae perstreptentia sonalia, in postrema parte caudae vertebrarum instar connexa. Oculi sunt nigri, mediocris magnitudinis. Binos habet superna maxilla dentes, caninos, incuruos, quibus iaculatur venenū utroq; autem latere oris, quinq; parui dentes supernae maxillae insunt, sed qui facillè conspici a quolibet aperto ore queant. Et sinuosè graditur. Ictus toto corpore hiantibus rimis fastiscit, & vigintiquatuor horis a morsu trāsactis, animam dicitur agere. Apprehensos cauda Indi qui eos venantur, tutò tenent, appendentes, sed tamen torquentes collum, perstreptentes sonalibus, corpus huc atq; illuc iactantes, ac nihil non molientes vt poenas de venatore sumant. Audio a multis, qui eum serpentum domi alere solent, atq; educare, annum integrum durare absq; cibo vlllo potuq;. Abscisumq; caput, decem aut amplius dies ferunt apud Panucenses, in foemoris crassitudinem, & longitudinem adolescere. Norunt cicurari posse per multi, qui domi alentes habent in delicijs. Venenum iaculatur caninorum tubulis, caui enim sunt. Nec desunt qui affirmant, viuum parere, etsi falsò, quemadmodum ex aliorum veriori narratione percepi. Cum laesus irascitur, sonalibus concussis vehementer perstreptit, erifitq; collum, non sine adstantium timore, nec tamen mordet, nisi compressus, & irritatus. Caninis in vsvs medicos seruatis, pungunt Mexicani medici, collum, cerui cemuè dolores capitis placandi gratia, pinguedineq; animalis ferè omnium nocentissimi, lumbos perungunt sedando illorum dolori, aliasq; corporis partes dolore infestatas, ac discutiunt praeter naturam tumores edunt Indi eorum carnes, ac verissimum esse statuunt, cohortalium carnibus esse praestatiores, ac gustu gratiores. Linteo conuoluta quantum velis tenui raroq;, ita torpescit illa feritas, vt a puero deferri quolibet, citra formidinem, aut noxam vllam possit. Aiunt, caput huius serpentis alligatum collo, instar viperini, gutturi morbido ferre suppetias, febrientibusq;. Medentur puncturae serpentium omnium, quibus natura appendent sonalia humano stercore duarum vnciarum pondere ex aqua congruenti propinato, aut commanso *Picyels*, & admodo vulneri; item folijs arboris *Hoitz mamaxalli* huic orbi vulgaris, tuisi, atq; applitis, de qua dictum est inter arbores. Est etiam hiuic malo conuenientyissima *Chipahoac*, ab alijs *Acuitz huariracua* appellata, de qua inter herbas verba fecimus. Prouenit in calidis locis huius nouae Hispaniae”. Acompanha o texto uma magífica figura da cobra enrodilhada (p. 329).*

O nome *boicinga* foi registrado por primeira vez por Anchieta ([1560] 1988:124), mas só passou a ser conhecido na literatura zoológica através de Piso (1648:41) e Marcgrave (1648:120). *Boiquira* foi publicado por Marcgrave (1648:240).

Todos esses nomes se referem à cascavel, *Caudisona durissus* (Linnaeus, 1759), serpente da fam. Crotalidae.

BOITIAPPO (p. 14) “a que também os Portuguezes chamaõ Cobra de Cipò; he huma Serpente, ou Cobra, que tem 7. ou 8. pés de comprido, tem a grossura de hum braço, e he gibozada, ou corcovada no lombo, que o



tem todo acuminado, e erguido. A sua cor he verde negro, cor de oliveira; o ventre cor de oiro, mas toda formada de galantes, e vistozas escamas, em fôrma de triangulos, ou em figura triangular. Vesse esta Cobra nas Regioins mais remotas, e peregrionas da India; sustentase de Rans, e bixos, e he munto venenoza”.

Jonstonus (1653:29, *Pvinctvm III. De Boitiapo, & Iararaca*): “*Boitiapo* Brasiliensibus; Lusitanis *Cobra de cipó* serpens septem aud octo pedes longus, brachium humanum crassus; Teres ac in postica parte instar subulae acuminatus; *coloris* olivacei, in *venter* flavescens. Vestitur *squamulis* elegantibus quase triangularis. Victitat ranis; Est venenatus”. Registraram essa denominação por primeira vez Piso (1648:42) e Marcgrave (1648:241). Trata-se de *Pseustes sexcarinatus* (Wagler, 1824), serpente da fam. Colubridae.

BOROBÍ (p. 14) “he huma Serpente, ou Cobra do nosso Brazil; toda Ella he cor de ferro, e no ventre branca, e verde; de comprimento tem tres pés, e hum dedo de largura; tem huma boca munto grande, e he munto venenoza. He Cobra domestica, que muntas vezes vem, e vive nas mesmas cazas; e nellas gosta munto de ovos de galinha”.

Jonstonus (1653:28): “Habui etiam ferrei plane coloris & in ventre albi, longitudine trium pedum aut circiter, crassitie ubi maxima, durorum digitorum. Habitant in aedibus & ova gallinearum exsorbent. Saepius inveni in aedibus & extra plane virides, duos aut tres pedes longos, crassitie digiti articularis. Amplum his os & nigra lingua: suntque admodum venenosi, vocantur à Brasilianis Borobi”.

Erro do Pe. Cunha para *boiobi* (ver acima).

CANINANA (p. 15) “he huma Serpente, ou Cobra de 8 palmos de comprido, pelas costas he toda verde, e pelo ventre cor de oiro. Ha muntas na Africa [sic], e na America, sustenta-se de aves, e dos seus ovos. He menos venenoza, que as mais; e tirada a cabeça, e a cauda, onde só tem a pesonha, tudo o mais se come, e gosto della os povos de Africa [sic; negros do Brasil], e Americanos”.

Jonstonus (1653:29, *Pvinctvm IV. De Caninana, Serpente mansvefacto, Apochycoatl, & Alatis*): “*Canina* Serpens, *ventre* est flavo, *dorso* autem viridi, octo circiter palmos longus, inter minus venenatus habetur: ovis victitat & volucris: *Capite & cauda* resectis, ab Afris & Americanis comeditur”.

Cobra não identificada; nome citado por Piso (1648:42, 43, 1658:273).

CECILIA (p. 15) “he huma Cobra assim chamada pela sua cegueira, e porisso fallando della os Latinos dizem assim *Cecilia aecitate* [sic] *nomen habet*; também elles lhe chamaõ *Caecula Caerialla* [sic]. A sua cor he munto fusca, ou escura, mas tem nella algumas pintas, que tem alguma cor de oiro; varea estas cores pelos lados, que se misturaõ com manchas pretas, e cor purpurea; he singular tambem a sua lingoa, porque tem nella duas pontas. Sam muntas em toda a Germania, e assistem entre os espinheiros. He munto velõs no seu reptar; e tambem a maneira de Viboras produzem munto vivas as suas produçoins; a sua pesonha he mais venenzas para os Boys”.

Jonstonus (1653:22, *Articvlvs X. De Caecilia*; Pl. IV [cf. fig. 13]): “Nomen *Caecilia* à caecitate inditum est. Albertus & Isidorus Caeculam vocant. Niphus Caeriallam. (...). Fusci & obscurè maculosi est coloris, cum subrufo exiguo vix notabili. Color hic ad latera magis varius est, cum nigricantibus maculis dilutâ purpurâ distinctis (...). *Lingva* bifida. (...). Tam velociter repit ac lacerta Chalcidica. Faetus vivos more viperarum enitur. (...). Virus bubus esse lethale apud Columellam legimus”.

CENCHRUS (p. 15) “que outros chamaõ Milliaris [sic], porque nasce entre os milharais, he uma Cobra que só aparece no tempo do milho, pois quando elle florece, ou cresce, antão he mais venenoza. A sua estatura he munto grossa, mas finaliza em partes munto delgadas. Tem a cor verde, mas degenerando em cor de lodo, e tem dois côvados de comprimento. Achaõ-se na Ilha de Lemos [sic; Lemnos], e na terra de Samia [sic; Samos]; aperta a todos os animais com a sua cauda, e fazendo-lhe arreborder as veas lhe chupa todo o

sangue; pelo Estio anda sempre pelos montes; e he taõ venenoza, que a sua mordedura he mortal a maneira da Vibora, que formando hum tumor aquatil no ventre, cauza uma obstrução, ou Hydropezia, que mata”.

Jonstonus (1653:22, *Articulus XI. De Cenchro*): “Cenchri nomen Latini à Graecis desump-tere. (...). Dicitur vero ita à milio, seu quod quibusdam notis milij instar exornetur: seu quòd tempore tantum milij appareat, ut Ethymologus reliquit: seu quod florente milio sit perniciosior, ut Aëtio placet: seu quòd calorem milij plantae referat, ut Avicenna & Olao Magno placuit. Ideò ab aliquibus *Miliaris* appellatur. Nobis prima derivatio placet. (...). Longitudine est duor. Cubitorum figurâ crassâ in tenuem abeunte, & colore viridi, ad luteum tendente, qui maximè juxta alvum apparet. (...). Inveniuntur in Lemno, & Samo (...). Morsum Cenchri symptomata quae in morsu viperæ occurrunt, excipiunt: sed in primis aquae in ventre inferiore, qualis in hydrope generari solet collectio, ut Nicander notavit. (...). Maximo aestu per montes vagatur: rubos & spinas fugiens per rectum trami-tem incedit: & animalis caudâ implicat, apertisque jugularibus venis sanguinem sorbet”.

CERASTES (p. 16) “que no latim se chama *Coluber Thebanus*, ou *Cristallis*, *Ceristalis*, *sirtalis*, e *Triscalis*, he huma Cobra, que tem de comprimento hum covado, e todo o corpo de cor de arêa, e cheyo todo de escamas, mas munto mais para a cauda; na cabeça tem duas pontas, como xifres. Acha-se na Lybia, e ordinariamente anda, ou reptá pelos caminhos de carros, e carretas, e a tudo, o que encontra acomete, e mata. He huma Cobra mun-to amante de agoa, e porisso não pôde nunca tollerar a sede. Com as suas pontas acomete as aves, e as cassa, e come. A maneira de Viboras produs os seus fetos; e anda, ou reptá com passos nunca rectos, mas sempre tortos. Nas suas mordeduras cauza logo hum tumor preto, ou huma corrupção nigrante; faz en louquecer [sic] a gente, que a liena [sic] os sentidos, tira a vista, ou cauza nella grande falta, e deixa humas grandes dores de olhos”.

Jonstonus (1653:15, *Articulus III. De Ceraste*; Pl. II [cf. fig. 11]): “(...). Aristoteli *Thebanum colubrum*, dici placitum est Bellonij. Olao est *Cristalus*, Alberto M. *Ceristalis*, *Sirtalis* & *Triscalis*. (...). *Aëtius* cubitalis magnitudinis, longissimaum, duorum cubitorum, corpore arenacei coloris, juxta caudam desquamato, partibus ventris per ordinem squamatis, reliquit. Invenitur in Lybia (...). In vijs per quae plaustra aguntur, frequens stabulatur, oviosque aggreditur & perimit. Duo ipsis congenita adscribit Bellonius, nempe, quòd inter omnia serpentum genera diutissimè sitim tolerant. Gressu flexuoso volutari, quoniam breves & crassi sunt (...). Demorsus à Ceraste, parte afffectâ intumescit, & duritiem quandam instar capituli clavi cum pustulis experitur. Mox sanies modò nigricans, modò subpallida effluit: mens alienatur; visus hebescit, inguina & polites dolent”.

Uma serpente peçonhenta provida de chifres (κεραç em grego), citada por autores clássicos como Plínio (Pliny, 1979) e Aelianus (Aelianus, 1984), geralmente identificada como a víbora-cornuda, *Cerastes cornutus* (Forskål, 1755). Segundo Kircher (1675), foi uma das serpentes levadas por Noé na Arca [cf. Papavero, Teixeira & Llorente-Bousquets, 1997:83].

CHIAPA [sic] (p. 17) “he nome de huma Vibora assim chamada, e porisso no latim se chama *Vipera Chiappae*, nome da mesma terra, onde ha quantidade dellas. São humas todas pretas, e outras matizadas de varias cores; taõ venenozas são, que a tudo aquillo, que mordem mataõ logo; pois como, dizem os Naturalistas, ainda ao mais ferós Cavallo mataõ no espaço de hum dia, fazendo-lhe derramar o sangue por todas as juntas, ou juntas, que tem o seu corpo; tendo ellas quatro, como janellas da natureza, ou partes distinctas, por onde lançaõ, ou vomitaõ o seu veneno. Tanta, e tal dependencia, como mayores sublunares, tem estes bichos com a Lua, que na Lua chea, ou Quarto crescente são mais brandas, e mais terriveis no Minguante da Lua. Tem tambem outra singularidade da natureza, que fazem lançar sangue pella mordedura, e mataõ logo, se mordem pella manhã; porem se mordem detarde [sic], não são mortais, ou mortiferas as suas mordedelas. Tanta he a quantidade de pessoa, que tem dentro de si, que se a maltrataõ, ou pizaõ com hum pao, salta o veneno ao braço de quem a maltrata, e o mata logo”.

Nieremberg (1635:269, *Capvt III. De aliquibus viperis Chiappae*): “Genus viperarum Chiappa nutrit magnum, simile putrido ligno, pestilentem spiritum quatuor narium

fenestris fundens. Quaedam morsu equum intra diem occidunt, fuso per omnes iuncturas sanguine. Sunt aliae variegatae, aliae nigrae & prolixae. Quemcunque momorderint, perimunt: crescente Lunâ mitescunt, descrescente irritantur. Aliae sunt pallidae, Nigris distinctae lineis, interstinctae maculis albis: morso ab ijs decedit per frusta caro. Alijs tanta pestis superest, vi si fuste contingantur, subeat virus vsque ad brachium. Aliae huius sunt conditionis, vt si mordeant manè, morsus euomens sanguinem pereat; si sub vesperum tamen, non sunt lethales. Visus ibi serpens, in cuius vtero inuenti triginta & vnus faetus”. Jonstonus (1653:13 (última linha), 14), parafraseado por Cunha, transcreveu a descrição de Nieremberg.

CUBA (p. 16) “Serpente, ou Cobra assim chamada, porque na Ilha de Cuba nascem muntas, e munto prodigiosas; tem o comprimento de huma lebre, e he semilhante a ella. tambem tem sua especie de Rapoza, porque tem a cauda, como ella, mas he ainda munto mayor. A cabeça he como a de huma Doninha, o pello, ou cabelo, que tem he como de hum Texugo, e os pés a modo de hum coelho; comem ordinariamente huns animais terrestrs”.

Não sabemos de onde Cunha tirou este trecho.

CUILCAHUILA (p. 16) “que significa o mesmo, que quem pelleja com sinco homens, he huma das Cobras mais fortes, e mais posantes, que ha; com grande impeto acomete os homens, que encontra, e com tal força os oprime, que huma só ves, que se enrosque com qualquer homem o fas logo em pedaços, e o mata; tanto se aperta asy [sic] mesma com a sua forte cauda, quando lhe escapa algum, que se mata asy [sic] mesma. Quem pois lhe sabe esta qualidade da natureza, para se defender della lhe lança hum madeiro, ou huma arvore, e cuidando ella, que he hum homem, com que se abraça, tanto aperta o mesmo madeiro, que asy [sic] propria se mata”.

Publicado por primeira vez por Hernandez (*in* Recchi, 1628; cf. Recchi, 1651:68): “De Temacuilcahuilia serpente. Cap. XLV. Nomen inuenit à fortitudine hic Serpens: est enim Temacuilcahuilia cū quinīs hominibus pugnans: in obuios enim impetum facit, eaque vi opprimit, vt si collo semel se aduoluerit, strangulet, interimatque, sin verò, corporis ipse coluber disrumpantur obnixu, saluo homine: qui huius naturam nouere eum deludunt, opposcentes arborem, aliudue cuius nexu, disrumpantur, putans comprimere hominem, vt ita tandem conuulsus intereat. Ali etiam vidimus ab Indis deliciarum gratia colubros quosdam virides, qui allatri ab agris pollicari tantum magnitudine, in femoris crassitudinem amplificentur, & adolescant, vbi pro antro est illis dolium stramento indulgentiae gratia emollitum, vbi magna ex parte quiescunt, viuuntquae, nisi cum edendi est tempus: tunc enim egressi, cubile, aut humeros heri amicè conscedunt, beneuolè terrifici animalis amplexus tolerantis, aut epystilij in medio contracti in spiras, totamque magnam aequantes, innocentissimi vescuuntur oblati, atque quiescunt”.

Jonstonus (1653:28, *Punctum II. De Ibiboboca & Boiguacu*): “Sed & contumax viribus serpens quidam est Thema, *cuilcahuilia* [sic] enim idem est, atq' cum quinque pugnans; in obuios n. impetum facit, eaque vi opprimit, ut si collo semet se aduoluerit, strangulet interimatque, aut salvo homine ipse coluber disrumpantur suo obnixu. Qui hujus natura movere, eum deludiunt, opposcentes arborem aut alid cuius nexu disrumpantur, putans comprimere hominem, ut ita tandem conuulsus intereat”.

O nome náhual correto é *temacuilcahuilia*, um dos nomes mexicanos da jiboia (*Boa constrictor*). Também chamada *tlicoatl*.

CUMCOALI [sic] (p. 16) “he huma Cobra, que tem quatro covados de comprimento, e a largura de hum braço, e vive, ou nasce ordinariamente na America; resplandece munto denoite [sic], porque he munto especular a sua aparencia, e a sua mordedura he lethal”.

Publicado por primeira vez por Hernandez (*in* Recchi, 1628; cf. Recchi, 1651:70): “De Colubro splendente in tenebris quem vocant Cumcoatl. Cap. LVIII. Depingendum



etiam curauimus Colubrum ab Iguala Prouincia missum ob peculiare eius miraculum: nam nocturnis splendet sub tenebris, & lethalem insert morsum: esta utem brachium crassus, & quaternos longus cubitus”. Jonstonus (1653:30, *Pvinctvm V. De Bojobi, Tetraucoatl, Tleoa seu igneo, sanguineis & Trinbutili*): “Scribit quoque Franciscus Hernandus vocari *cumcoatl* colubrum, qui nocturnis tenebris splendeat, qui & lectifer morsu, quatuor longus cubitos, & brachium crassus”.

É a serpente *Agkistrodon bilineatus* Günther, 1863 (Viperidae, Crotalinae), do México e América Central.

DRISNUS [sic] (p. 17) “que no latim se chama *Querculus Illyricus, Andrias, Brymus, Durissos, Glandolosa* [sic], &c. he huma Serpente, ou Cobra munto grossa, e com o corpo munto obesso; tem muitas escamas, e munto asperas, e tais que dentro nellas formaõ as moscas os seus ninhos, ou enxames. Tem a cor algum tanto denegrida; a cabeça como de Hydra, e igual a ella; porém a parte posterior munto mais larga. Nas montanhas, e lugares mais interiores da Africa se achaõ muntas; buscaõ para viver os paus, vargens, lizirias, ou prados humidos; comem todas as sevandijas da terra, como Gafanhotos, e Rans, &c. chamaõ-se *Quercus*, porque esta Cobra habita ordinariamente nos sotos de Carvalhos; quando anda por entre elles, ou por qualquer outra parte, he com tal estrondo, e violencia, que levanta a area, e pó da terra, que pairesse huma nuvem de fumo. O seu veneno he taõ maligno, que cauza tumores negros, exalta a malenconia, e fas cegueira nos olhos, ocasiona tristezas, dores, e tremores dos nervos; quando morde faz gemer a gente, e animais, como gemidos, ou ballidos das ovelhas, e excita a vomitos biliozos, e sanguineos”.

Jonstonus (1653:24, *Articvlvs XIII. De Dryino*; Pl. V [cf. fig. 14]): “(...). A Scaligero & Greviono dicitur *Querculus*, alijs *Ilicinus*. (...). *Andrias* Olao; *Durissos* Absensinae, *Glandolosa* Alberto (...). (...) *Bryinum*, quod relictis interdum muscosis locis (βροον villosum illudin in arborum truncis dicitur) prata petat humida, ubi moluridas locustarum species, & partus ranarum imperfectos venatur. (...) *Wottonus* illi tribuit longitudinem duor. cubitorum, *Corpus* obesum, squamas asperas, in quibus parvae muscae nidulantur; colorem tergoris subatrum, *caput* hydro aequale sed latiusculum, nec ita acuminatum. (...). Veneni proprietatem accurate descripsit *Nicander*, his verbis.

*Quod si cui prehensium Dryinus talumue pedemus  
Luserit, à Toto se spargens corpore fertur  
Tristis odor, surgunt que nigri, qua plaga tumores.  
Mastaque tristitia, & lacrymabilis opprimit angor  
Comprehensam morsu quadam caligine mentem  
Et periens nimio flaccescit forma dolore:  
Vsque adeò pascens absumit membra venebum,  
Quin etiam obfuscans obducit lumina nubes  
Et misere affectum perdit lethaliter agrum.  
Sunt etiam ejusdem qui morsu dentibus angvis,  
Inflat balantum soleant clamare caprarum  
Sive ovium, & gravibus torti cruciatibus angi.  
Pallidus urinae liquor it, torpensque vetermus  
Inquit, & crebris quas si singultibus aegri  
Nunc similem felli vomitum, nunc sangvinolentum  
Eijjiciunt, ipsum que malum facit arida labra,  
Postremoque gravem fundit per membra tremorem”.*

DYPSAS (p. 17) “a que S. Izidoro chama *Situla*<sup>17</sup>, he huma Cobra do tamanho de hum covado, o corpo todo alveja com malhas brancas, das quaes humas inclinaõ para cor amarella, e outras para cor preta. Andaõ muntas destas por Africa, Lybia, Arabia, e pella Syria; saõ munto venenzas; e os sinaes do seu veneno saõ

<sup>17</sup> *Situla* – “Dipsas, genus aspidis, qui Latine situla dicitur, quia quem momorderit siti perit” (“chamada *situla* porque aquele a quem morde morre de sede”) (Isidorus Hispalensis, 1911, Lib. XII, iv (De Serpentibus)).

huma dor vehemente, huma insaciavel sede, huma abundancia de suor, e huma expulção grande de ourinas; fazem no ventre hum grande tumor no seu redenho, como huma espécie de hidropezia”.

Jonstonus (1653:19, *Articvlvs VII. De Dipsade*; Pl. III [cf. fig. 12]): “(...). Unde Isidorus *Situlam* vocavit. (...). At Aëtius *longitudinem* cubitalem, quae paulatim ex crassâ in tenuem desinit, *corpus* albicans, sed simul maculis rufescentibus partim nigris variegatum, ei assignat. (...). Nascuntur in Africa & Arabia, ut Aelianus prodidit: in Lybia & Syria vagari apud Lucianum & Abensinam legimus. (...). De *Signis* veneni, nimia imprimis & inextinguibili siti non est quòd multa dicamus, quia jam de ea egimus. Aqua nec per lotium, nec per sudorem exit, sed intus detenta, abdomen ita tumidum reddit, ut hydro-pem mentiat”. Também mencionada por Plínio e Aelianus. Trata-se de uma serpente peçonhenta cuja mordedura traria uma sede mortal a suas vítimas (do grego *διψας*, o que tem sede. Identificada por alguns autores como víbora, *Vipera* sp. [cf. Papavero, Teixeira & Llorente-Bousquets, 1997:83].

ELAPS (p. 18) “*Elops*, ou *Elapis*, he huma Cobra, que tem o ventre cor de lodo, e as costas cor de leivas da terra com tres riscas, ou linhas pretas desde a cabeça ate a cauda. Acha-se esta Cobra em muntas partes, e diversas Regioens, principalmente na Provincia de Apulia no Reyno de Napoles; naõ he munto venenoza, porem quando morde faz chagas, que corrompem a carne”.

Jonstonus (1653:25, *Articvlvs XIV. De Elape seu Elaphe*; Pl. V [cf. fig. 14]): “[Nos in Museo Illustrissimi Senatus Bononiensis, quod olim fuit doctissimi Ulyssis Aldrovandi, invenimus coloratâ iconem serpentis, longitudini trium pedum circiter,] cujus venter lutei est coloris, & tergis coloris Leucophaei, cum tribus lineis nigris à capite ad caudam usque percurrentibus: sub iconè haec nomina extant scripta. Elope, vel Elape, forte Nicandri, Elaphis quorundam, Laphiati, incolis Lemni insulae apud Bellonium. Morsum ejus volulosa tormina sequuntur, si Aëti Elaps, cū nostro idem est”.

EPACHYCOATL [sic] (p. 12) “he huma Serpente, ou Cobra, que tem de comprimento 5. covados, e toda ella formada de escamas negras, e brancas; e só se acha nos povos Pariminenses. A sua mordedura he taõ nociva, e venenoza como as mais”.

Nieremberg (1635:284, *Capvt XLV. De apachycoatl*): “Serpens quidam est apud Panucens quinos prolixos cubitos, & quatuor digitòs latus. Squamis nitidis, albo nigroque variantibus colore: apachycoatl vocatur, & morsu minimè exitiali”. Transcrito, com um erro (Pamerenses em vez de Panucenses [de Pánuco, México]) por Jonstonus (1653:29, *Punctvm IV. De Caninana, Serpente manvefacto, Apochycoatl, & Alatis*). É a cobra *Spilotes pullatus mexicanus* (Laurenti, 1768).

HAEMORRHOIS (p. 18) “outra Cobra semelhante a outra deste nome, que tambem se chama assim pella cor de sangue, que fas lançar, quando morde; tem quatro palmos de longa, tem a sua cor fusca com manchas encarnadas. A sua mordedura he taõ pestilenta, que dentro em huma hora comessa hum homem a exvaire em sangue, e dentro em hum dia o lança de toda aparte [sic] do corpo ate morrer, exaurido de todo elle, e fitico. Ha muntas destas Cobras nos campos de Luca [sic], ou Lucatenses [sic; Iucatanense]”.

Publicado por primeira vez por Hernandez (*in* Recchi, 1628; cf. Recchi, 1651:59): “De Ahueyactli, seu Hemorrhoo Indico. Cap. III. Serpens est Ahueyactli Tecutlazoçauhqui forma, sed sonalibus carens, veneno verò hemorrhoo antiquorum congener, exertis caninis, & lethali ictu, quo vniuersum corpus ità afficitur, vt vndique sanguinem effundat, nempe, per os, nares, & oculos, quin vulnera, quae iamdiu occaluere (si contingant morderi hominem ab hac fera) rursus hiant, manantque sanguine, tanta est vis huius perniciosi, atque monstrifici veneni, cuius remedia erit (vbi commodius valeant) referri”.

Jonstonus (1653:16, *Articvlvs IV. De Haemorrhoo*): “Offenditur in agris Iucatanensibus, quidam serpens ab hēmorrhoi nostratis pertinens genus, quatuor longus dodrantes, fusco colore, sed cyaneis & rubrescentibus maculis consperso. Huius ictus adeò pestilens est, ut intra horae unius spatium cogat ictum hominem sanguineum rejectare, & intra diem unum ex omni corporis parte effundere, atque ita demum mori”.

HEMORRHOU (p. 18) “que pello fluxo do sangue, que cauza como de *Hemmoroidas* he huma Serpente, ou cobra assim chamada, e ate no mesmo latim se chama *Hemmorhois*, *Afrodius*, *Asudius*, e *Thonias*, he huma Cobra de pequeno corpo, mas munto viva, e esperta nos olhos, que naõ só saõ cor de fogo, mas cada hum delles pairesse o mesmo fogo natural, que scintilla, e lança faiscas; tem a pelle toda munto vistoza, e resplandescente com muntas manchas, ou malhas pello lombo, que todo he matizado de preto, e branco; tem a cervis munto pequena, e a cauda munto tenue. Nascem muntas destas na India, e no Egypho; taõ natural, e amante he das Penhas, que só nellas vive, dentro dos seus buracos mais escondidos, e roturas mais reconditas. He munto vagaroza no seu reptar, ou andar sobre a terra; mas he munto venenoza a sua mordedura, que logo fica cor de sangue, e cauza munto fluxo de sangue, naõ so onde morde, mas tambem pellos narizes; nas chagas, que faz, quando morde, fas logo huma grande excrecencia da carne, e a enerva munto, que fica como morta, e fas tambem grandes faltas de respiraçãõ”.

Jonstonus (1653:15, *Capitvlvs IV. De Haemorrhoo*; Pl. II [cf. fig. 11]): “Haemnorrhous, Græcis & faemininè *αιμορροις*, & masculinè *αιμορροος απο τω αιμματος, & ρεο*, quòd ad ejus ictum sanguis ab omnibus corporis humani meatibus effluat. Isidoro est *Aspis haemorrhois*, Arnoldo *Afrodius*, Sylvatico *Afudius*, Avicennae etiam *Sabris*, & *Alsordius*. Olaus tria differentia genera esse putavit. *Thonium* Nicandro dici, quod locis illis Aegypti, quibus Thonis imperavit, delectaretur, Rhodiginus author est. Descriptionem hujus serpentis, apud Aelianum, Nicandrum, & Paraeum habemus. *Corpore* pusillo. *Oculis* igneo quodam fulgore ardentibus, *Cute* splendidissimã, *dorso* multis albis & Nigris notis maculato, *cervice* angustã, *Caudã* praetenui (...). (...). In Aegypto & illis locis quibus Thonis imperabat, vivere superius dictum, In India reperiri, ex Diodoro Siculo colligi potest. (...). De *Naturã* hoc occurrit, segnem admodum in incessu & pigrum esse (...). (...). In ejus morsus, (*verba sunt Matthioli*) color loci percussi sit cruentus, ex quo ab initio nihil praeter aquosum quoddam, effluit: ventriculus dolore afflictitur: deinde sanguis non solum ex foraminibus morsis, sed etiam ex naribus fluit: spirandi difficultas subsequitur, & si quae in corpore obductae fuerint cicatrices, recrudescunt”.

HYDRO MARINHO (p. 19) “ou no latim *Hydrius marinus*, he huma Cobra de extraordinaria grandeza, e desmarcado tamanho, semelhante em tudo ás mais Serpentes, e Cobras; e sendo por natureza aquatil, naõ gosta de agoa doce, mas vive na agoa salgada. Quando se quer apanhar esta Cobra, pertende, e consegue com o rasto, e com o rasto levantar tanto pó, e area, que cega a gente”.

Jonstonus (1653:33, *Articvlvs IV. De Hydro marino, & Scolopendra marina*): “(...). Et de *Loco* quidem addi potest, nusquam in aquis dulcibus inveniri, & ab illis quos Aristoteles ibi reperiri ait diversos esse: tum quòd iilos parum ab aspide distingvi dicat: hi veri cõgruo corpore & colore sint similes (...). De *Natura* hoc duntaxat occurrit, captum, si dimittatur, arenam rostro quam primum adacto terebrare, subireque totum”.

HYDRUS (p. 18) “que tambem no latim se chama *Natrix*, e *coluber aquatilis*, he huma Cobra que tem semilhança de hum Aspide, excepto na cabeça, que naõ he taõ larga. He toda cor de cinza com muntas escamas, ou manchas, e tem dois sibilos, ou pontas na sua lingoa, e em tudo o mais he como as mais Cobras; produzem munto na Ilha de Corfu, e no lago Mycleo junto a Tarracina no fim do estado Eccleziastico, e raya do Reyno de Napoles; no mesmo Reyno todo, e principalmente no lago de Pozuolo, e na lagoa Aymani junto a elle. Vive munto, e assiste nas agoas calidas, e sulphureas, e porisso gosta das agoas Thermais, ou de banhos. He munto vorás, e guloza come muntos peixes do Mar, e dos Rios, Lagoas, e Xarcos. He munto venenoza, e mais cruel na terra, do que na agoa; tem pessoaõna taõ pernicioza, que he mortal”.



Jonstonus (1653:30, *Capvt II. De Serpentibus Aquaticis. Articvlus I. De Hydro seu Natrice*): “ (...) *Hydrus* seu *Natrix* (...). [P. 31] Alioquin aspidem formâ referūt; cervicem si excipias, quae not ita lata conspicitur. Cinereo quoque sunt colore, & quibusdam maculis spectabilis, *Lingvam* bifidam habere, (falsò duas ponunt) commune illi cum alijs serpentibus. Stabulantur in Cercyra teste Aeliano, in lacu Mycleo, circa Terracinam in Italia: in palude Agnani inter Puteolos, & Neapolim, quos ipsi vidimus; in aquis calidis & Thermalibus. (...). De Victu hoc tradit Virgilius, piscibus & ranis vesci, gulososque esse”.

HYENA (p. 18) “Serpente, ou Cobra Hemaphordita [sic], porque como dizem os naturalistas participa de ambos os sexos; e com tal singularidade, ou singular providencia da natureza, que em hum anno mostra hum sexo, e em outro ostenta outro diverso; este he só a raridade, que referem della os Naturalistas”.

Em Jonstonus (1653:30, *Pvinctvm VI. De quibusdam Veterum serpentibus*): “Facit Aelianus cujusde, *Hyaenae* dicti mentionem, quem utriusque sexus participem esse narrat. Altero anno marem, altero faeminam observari”. Jonstonus cometeu um erro extraordinário ao incluir a hiena (*Hyaena hyaena* (Linnaeus, 1758), mamífero carnívoro da fam. Hyaenidae) entre as serpentes. A única explicação possível para esse cochilo do autor é que Aelianus, em seu livro sobre a natureza dos animais, incluiu a hiena (Cap. XXV) logo depois do capítulo XXXIV (“De Viperae coitu”). O texto sobre a hiena de Aelianus, citado por Gronovius (1744:30) em tradução para o latim, é o seguinte: “Cap. XXV. *De Hyana*. Hyenam si videas hoc quidem anno marem, insequenti videbis feminam; si vero nunc feminam, postea marem: utriusque enim sexus particeps est; eundem marem, cui ante nupserat, uxorem ducit; quotannis autem sexum immutat. Illos igitur veteres Caenum et Tiresiam, non ostentatione verborum, sed rebus ipsis exprimit hoc animal”.

IBIBOBOCA (p. 19) “que no nosso Brazil chamaõ Cobra formoza, bonita, ou linda, e porisso no latim se chama *Anguis pulcher*; os mesmos Portuguezes lhe chamaõ Coral, ou Cobra de corais; he Cobra da casta das cobras mais peregrinas, e admiraveis, tem dois pés de cóprido, e huma polegada de largo; toda ella he de cor branca com manchas negras, e pintas rubicundas; na cabeça tem muntas escamas brancas, mas cubicas. Há muntas no nosso Brazil, e na India; terrível, e maligna he a sua mordedura, e tão funesta, que logo mata, e quando não mata logo, a sua pessoa he tão mortal, que vai matando lentamente, a quem morde”.

Jonstonus (1653:27, *Pvinctvm II. De Ibiboboca & Boigvacu*; Pl. VI [cf. fig. 15]): “(...). *Ibiboboca* Brasiliensibus, angvis pulcher, Lusitanis *Cobre de Corais* appellatur, duos pedes longus, pollicem autem crassus, colore niveo, & nigris, rubrisque maculis variegatus. (...). Morsus illius venenatissimus, non extèplò vitam despascitur, sed tardè se promovet. (...) *Caput* habet squamulas albas cubicas”.

O nome foi citado por primeira vez por Anchieta ([1560] 1988:26), mas só passou para a literatura científica através de Piso (1648:42).

IRARACA [sic] (p. 19) “he uma pequena cobra, que rara ves passa de meyo covado de tamanho; toda he cor de terra, e toda ella chea de manchas pretas; he Cobra munto especial, e peregrina, que só vive nas regioens mais calidas, e terras quentes. He munto envenenada, e a sua mordedura tem os mesmos efeitos, e simptoms, que a da Vibora”.

Jonstonus (1653:29, *Pvinctvm III. De Boitiapo, & Iararaca*; Pl. VI [cf. fig. 15]): “*Iararaca* brevis est hic serpens raroque semicubiti longitudinem excedit (...) rubris & nigris maculis insignis, caeterum terreo colore (...). Ejus morsus venenatus non minora adsert symptomata, quam vel reliquorum serpentum”.

Laet (1633:555) escreveu *iararaca*. O nome passou a ser usado na literatura científica através dos livros de Piso (1648:42, 1658:273).

É a serpente *Bothrops jararaca* (Wied, 1824), da fam. Viperidae.

LAGARTO, Lagarta, ou Lagartilha (p. 19), nomes são de animais venenosos, mas continuos, e conhecidos em todas as terras, e em todo este Reyno, pella prodigiosa multiplicidade, e grande abundancia; que em toda a terra ha de semelhantes bixos [...].

MACACOATI [sic] (p. 22) “he huma Serpente, ou Cobra de 20 pés de comprimento, na gordura, ou grossura tem a quantidade de hum homem; a cabeça, he como de hum Veado, e porisso em latim se chama *Coluber Cervinus*; quando envelhece se lhe divizaõ de novo humas pontas, ou xifres; achã-se muntas na America, e especialmente no Mexico”.

Publicado por primeira vez por Hernandez (*in* Recchi, 1628; cf. Recchi, 1651:63): “De Macacoatl, Cap. XXI. Ceruino & hic Anguis capite constat, ceruinamque masuetudinem cicuratus praefert, sed minor est, maculis licet subluteis, & nigricantibus distinguatur”. Nieremberg (1635, *Capvt IX. De angue Cervino, siue macacoatl*): “Illustris senio macacoatl, seu anguis ceruinus, serpens est femoris & interdũ humani corporis crassitudine (...), ceruino capite, vnde nomen, nisi fortè id contigit ob cornua, quae iam senescenti feruntur nasci”.

Não incluída por Jonstonus em seu livro.

O nome significa “cobra-veado” (de *maçatl*, veado; *coatl*, cobra) (Siméon, 2004:242).

MARIPETO (p. 21) “que no mesmo latim se chama *Maripetus Anguis* he huma Cobra aquatil, que não aparesse sempre, mas só em algum tempo, e quando aparesse he só na India; para engnaar a gente da terra se mete no mar, e com a sua cauda abre as ondas, e corta os mares, parecendo as suas escamas a modo de Polpos, ou Polvos em que se transmutaõ”.

Nieremberg (1635:284, *Capvt XLIV. De anguibus maripetis*) e Jonstonus (1653; 34, *Articulus V. De serpentibus exoticis Acoatl & Maripetis*): “De *Maripetis* ita idem. In Orientali India nonnulli angves, ut fallant instans senium aut fatum, post certum tempus petunt mare: ubi concussã in undas caudã, & velut flagellante, schindũtur in multos ramos velut pedes: quã astutiã miro naturae miraculo evadunt in genus quoddam polypi, tam simile illis quos Lusitanis vocant *poluos*, ut fallant ignaros”.

PODALITZA (p. 22) – “nome de huma Cobra, que se acha no Reyno de Polonia, onde he munto nociva. He munto grande, e chea de muntas pintas, ou manchas munto vistozas, e porisso em tudo he munto formozos campos; os camponezes a conhecem todos, e fogem della, quando ouvem o seu sibilo, ou assubio; mata todos os cains, que morde”. V. RUBERARIA, abaixo.

POLPOCH (p. 22) “Serpente, ou Cobra pequena, que tem de comprimento tres palmos, e he da grossura de hum braço; he em partes de cor fusca, da cabeça até o meyo he preta, tem a cabeça pequena, e os olhos grandes, e munto resplandentes; a cauda quazi taõ grossa como o corpo, e tem muita semilhaça com o Scorpiam. Naõ só de hum modo, mas de dois; todo he malefico este animal, pois com a cauda aberta, e com a boca morde, e todo elle he pessohento. Vem-se nas arvores estas cobras enroscadas, para verem quem passa, e pilharem tudo; a sua mordedura he taõ pestilencial, que mata dentro em tres dias, apodresce logo a carne, descarna os ossos, tira a cor do rosto, que fica palida, e exhala hum fedor horrendo; naõ he munto grande a dor, quando pica, ou morde, mas a pouco, e pouco vai debilitando as forças, enfraquece, ou prende os nervos, e mata aos homens com hum tremor; achã-se estas Cobras nas Indias, e nas Provincias de Jucatã [sic; Iucatã]”.

Nieremberg (1635:285, *Capvt XLVIII*), transcrito por Jonstonus (1653:23, *Articulus XII. De Acontia seu Iaculo*): Huc pertinet serpens *Polpoch*, de quo ita *Nurembergius*. In agris provinciae Iucatanensis offenditur monstrificum quoddam serpentium genus, três dorantes cum máxime longum, brachium crassum, aut fusco exsaturatoque tinctum *colore*, sed à capite ad quinque unciarum longitudinem Nigro & candenti varium, lato & compresso *capite*, *oculis* magnis & splendentibus, & *caudã* quae reliquo corpore crassitudine

non cedit, non dissimilis scorpioni, nec unguium terrore aelurorum magnitudini cedit. Nec vero uno tantum modo maleficum est animal, sed caudâ pungens, & ore mordens. Visuntur magnae ex parte hi serpentes arbores amplexi; cum vero ictu vîrus jaculari volunt, si solo consistant, visum hominem è longinqvo infectantur, cauda supra caput contorta atque convoluta se rotantes in eum, atque ita brevi saltibus attingentes; Cum vero arboribus inhaerent, ita caudam capiti adjungunt, ut arcus representent figuram, & jaculi sagittaeve more, sese non sine strepitu qui sentiri pessit, jaculentur atque contorqueant. Ictus est exitalis intra tres dies ictae partis carne decîdua atq' putresceate, ossibus verò nudatus, &c. colorem fulvum vergentibus, & adeo foetido odore exhalante, ut omne rapacium avium ggenus invitetur ad carnificinam. Ajunt indigenae ictu ejus non inferri vehementem dolorem, sed universi corpori sensum potius hebetari atque torpescere, atque ita ictum hominem velut tremulentum mori”.

PRESTER (p. 22) “assim no latim he o nome de huma Cobra, que tem munto prestimo, para fazer mal, pois para algum bem não presta, como também munta gente, que o podião fazer. He tão venenosa, que a couza, ou pessoa, a quem morde, logo fica estúpido, e imóvel, louco, e alheo do discurso; caem logo os cabellos da cabeça, e causando huma evacuação de vomitos pella boca, ao mesmo tempo, forma huma Diarrhea, que mata”.

Segundo Gesner (1587:66r): “Primum vt morsum Prester è genere serpentium effecit, statim ignauiam infert, & immobiles reddit; pòst menti obliuio, & tenebrae offunduntur, vt neque notionem haberat morsus, neq' respirare, neq' meiere queat: simul & percussum à pilis iam nudatum suffocatio sequitur, cum couulsionibus & morte acerrimis doloribus referta, Aelianus lib. 17. de animal. cap. 4. Prester ictum exemplo sideratione quadam reddit immobilem, ac mente alienum: mox pilis defluentibus cum pruritu av ventris solutione absumit, Volaterranus, Textor.”

PROPHIRIO [sic] (p. 22) “e no latim *Prophyruis* [sic], he huma Cobra do tamanho de hum só palmo tem a cabeça branca; mas não tem dentes. Achaõ-se nos montes da India contra a parte do meyo dia, e nella achaõ os seus cassadores a precioza pedra Sardia, ou Rubim, e porisso he munto procurada, e estimada de todos. Não morde esta prodigiosa, e precioza Cobra, porque não tem dentes; mas o seu vomito cauza podridão, e tem tanto veneno, e tão activo, que fas lançar fora da cabeça o mesmo cerebro”.

Jonstonus (1653:30, *Punctum VI. De quibusdam Ueterum serpentibus*): “Meminit & alterius, puniceî coloris, quem forte *Porphyrum* Aelianus vocat, Strabo, apud Indos dodrantali magnitudine, capite candido, dentibus nullis, quem venatores in montibus meridiei obversis, ex quibus Sardijs eruitur, indagant. Non mordet, sed vomitu ejus conspersus locus subitam contrahit putredinem. (...). (Illud grano sesami exhibitum), cerebrum per nares excutit: hoc tabem inducit”.

RUBERARIA [sic] (p. 23) “que no latim se chama *Ruberaria natrix*, e os Polacos a apellidaõ Podalica, he huma cobra munto chea de maculas, ou manchas; e he Cobra, que vive munto, e dura munto tempo; com o grande sibilo, com que grita, ou assobio ella mesma se entrega aos Rusticos, que a acham. Acha-se no Reyno de Polonia, e em outras muntas partes; o seu sibilo he como vos sonora, que imita a vós suave de hum pintarroxo”.

Em Jonstonus (1653:32, *Articulus II. De Natrice torquata, & Rubetaria*; Pl. VIII [cf. fig. 16]): “Huc *Natrix Rubetaria* spectat, quae vocem sonoram & rubetarum aemulantem edit. Maculosa est valdè, & venustate admiranda, sibiloque à rusticis agnoscitur. Poloni *Padalica* vocant”.

SACRO (p. 24) “e no latim *Sacrum*, assim se chama huma Serpente, ou huma Cobra. He ella munto pequena, mas sendo assi fogem della as mais Serpentes grandes, porque só com huma mordedura sua a qualquer



dellas, logo lhe apodrece todo o corpo. Della se conta, que matando hum homem, e só com huma morde-della, ate fes apodrecer logo os próprios vestidos do mesmo homem morto”.

Em Gesner (1587:68v) lemos: “Serpens quidam minutus est, quem aliquid sacrum appellant, quem angues praemagni fugiunt. Magnitudo huic ad cubitum, species hirsuta quicquid momorderit continuò circiter putrescit, Aristot. Aristoxenus quodam loco dicit, virum qui serpentem quandam interfecisset, nullo morbu ab ea affectum, ex solo tactu vitam amisisse: illiusq’ vestem, quam eo tempore quo serpentem interimebat, gestaret, non ita multò post putruisse, Aelianus de animal. 8.7”. Jonstonus (1653), de quem provavelmente Cunha tirou a informação, transcreve o trecho da seguinte maneira: “[P. 17, última linha] Meminit Aristoteles [P. 18] cujusdam pusilli, quem quidam *Sacrum* vocant, què & reliqui serpentes, etiam magni vitant. Hujus morsu omnia putrescunt. Legitur quoque apud Aelianum, virum quandam solo serpentis attactu periisse, & vestem aegri paulò post putruisse”.

SCOLOPENDRA (p. 24) – “a que se dá o titulo de Cobra marina he semelhante a Scolopendra da terra. He assinalada, ou singularizada da natureza, pois na ultima parte da cauda tem huma ponta aguda, como hum xifre, e pela parte eminente tem hum ferraõ mui sutil, e munto agudo. Saõ de duas maneiras, ou de duas castas estas Cobras, porque humas se chamaõ nuas, porque não tem pes reptis, e outras que tem huns peszinhos munto enteriçados; mas todas saõ de cor de Amethisto. A Cobra marinha sempre anda no mar, pesca-se com hum anzol, e devorando-o, ou engulindo-o lança tudo, quanto tem no seu ventre; torna depois a comer o vomito, e lança hum fedor horrendo, e horrível fetido. A sua mordedura pica, e arde, como de hum molho de ortigas”.

Jonstonus (1653:33, *Articvlvs IV. De Hydro marino, & Scolopendra marina*; Pl. IX [cf. fig. 18]): “*Scolopendra* marina propter similitudinem cum terrestri nomen obtinit (...) quod in extremo, quod caudae loco est, corniculum quasi radius at que impactus aculeus superemineat. (...). De *Natura* hoc duntaxa occurrit, quod apud Aristotelem & Plinium extat, hamo devorato omnia interanea evomere, donec hamũ egerat, deinde resorbere. Addit Gillius, ob tetrum odorem piscatoribus infestissimum esse; quod hamum ab ea attactum, pisces vitent. Morsu urticae instar urit, ut Aelianus prodidit”.

SCORPIO (p. 23) “ou Escorpiam, he huma Serpente, ou Cobra, que vive nas Penhas. He munto manhoso este animal, e munto enganador na cabeça, ou face, que dizem he taõ agradável como de mulher, pois sempre mostra agrado, a quem o ve; e para sinal do seu agrado fingido abraça a gente, e lhe cinge os braços; na cauda, que he munto aguda, he onde tem o seu ferraõ pessohento, e nocivo, e tanto, que logo he mortal; e só lançado em agoa perde o veneno”.

SEPS (p. 24) “que tambem no latim he *Patrio* [sic], *Sepes*, *Sepedo*, e *Selsie* [sic], he huma Serpente, ou cobra com huma cabeça grande, pescoço pequeno, e cauda curta; tem de comprimento dois covados, e he toda variegada, ou matizada de varias cores. Achaõ-se ordinariamente estas cobras na Syria, e na Arcadia. He munto venenosa, e tanto, que a carne, que morde logo se corrompe”.

Jonstonus (1653:17, *Articvlvs V. De Sepe*; Pl. II [cf. fig. 13], Pl. III [cf. fig. 12]): “Seps, quibusdam, non malè Sepes (...). Ideò nonnulli ex Scaligero, non malè *Putriam* vocare. Dicitur & *σηπεδων*, quamvis Nicander Sepis & Sepedonis diversis locis meminerit. (...). Avicennas *Selsir* vocavit. (...). In *Descriptione* varietur. *Abensina* eum capite lato, collo parvo, cauda brevi, ventre rotundo, tergo lineis diversi coloris variegato facit: *Aetius* duorum cubitorum longitudine, ore rotundo, albis notis maculatum. (...). Inveniuntur in regionibus Syriae & Arcadia”.

Plínio atribuiu esse nome a uma cobra virulentíssima, cuja picada mortal causaria a putrefação (*σηπις* em grego) da carne. Autores do século XIX, contudo, identificaram esse réptil com um scinco, *Chalcides chalcides* (Linnaeus, 1758), lagarto de corpo bastante alongado

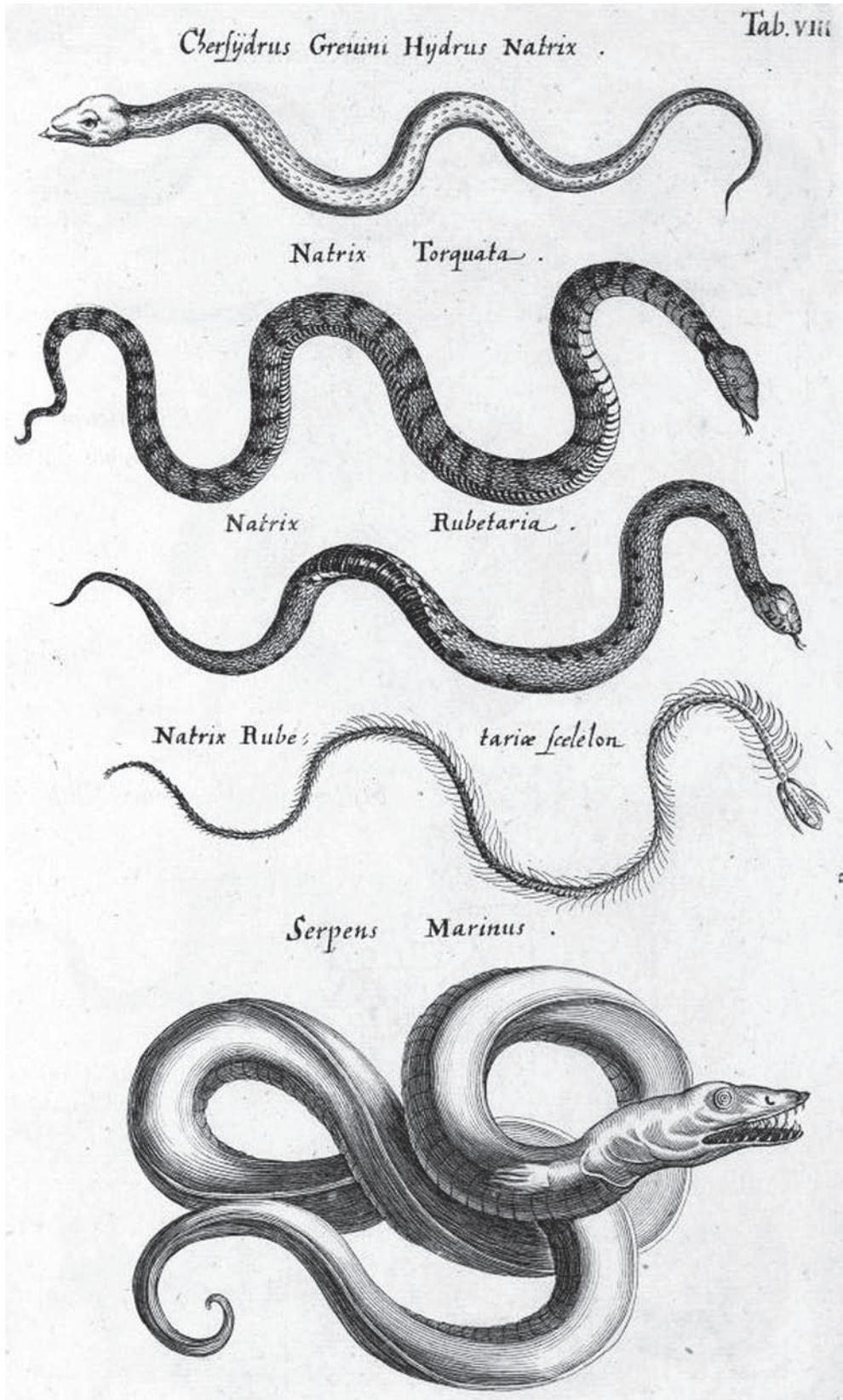


FIGURA 17: Prancha VIII de Jonstonus (1653).



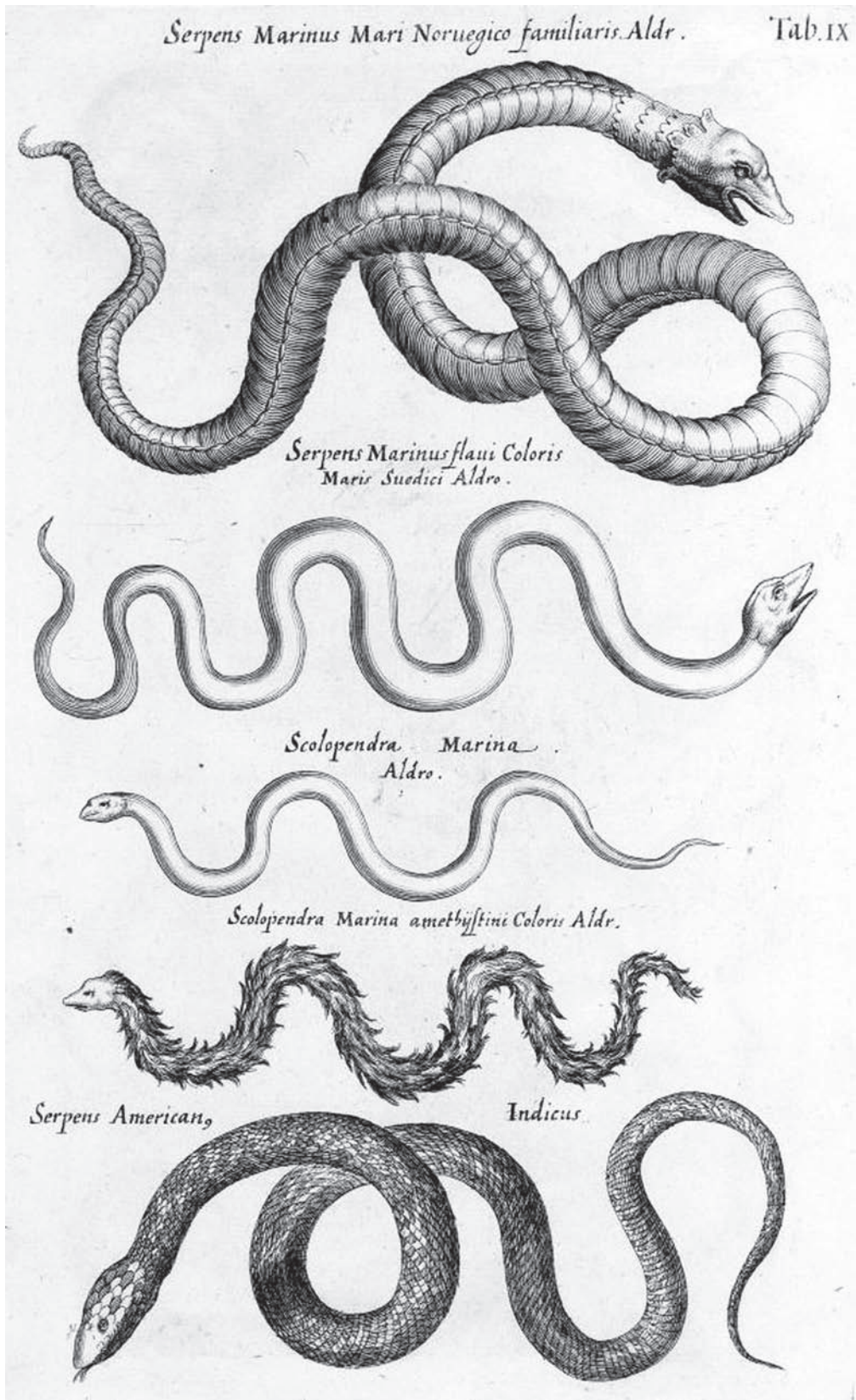


FIGURA 18: Prancha IX de Jonstonus (1653).



e patas reduzidas, passível de ser confundido com uma serpente. Também uma das “serpentes” levadas na arca de Noé [cf. Papavero, Teixeira & Llorente-Bousquets, 1997:83].

SERPEN AU CHAPERON (p. 23) “que assim se chama em Frances a Cobra de capello, no latim he *coluber capillatus, aut pilosus*<sup>18</sup>. Tem este nome assim, porque tem huma capa, ou um veo pella cabeça, e quando o alarga parece huma Freira com toalha, e com patas a antiga. Nella nasce huma pedra como Triaga, que lançada em agoa, e bebida, com a virtude da mesma pedra he singular contraveneno. Há muntas em Africa, Melinde, Monsambique, India, e China. Tambem se aplica esta pedra, que chamamos de Cobra a qualquer modedura venenosa, e posta sobre ella pega tanto, que não se tira até ella não tirar o veneno de todo; he experiencia continua, e eu a fis, não ha munto tempo”.

Não sabemos de que fonte Cunha retirou este texto. Serpentes do gênero *Naja* (Elapidae).

SERPENTE GRANDE DA INDIA (p. 23) “que até no latim se chama *Serpens magnus Indiae Orientalis*, tem mais de 25 pés de comprimento, a que chamaõ Raynha das Serpentes. A sua grandeza extraordinaria correspondem as suas demarcadas forças; mata toda a casta de homens, animais, Bois, Veados, Javalis, que tudo devora inteiro, e assim consta de muntas experiencias; cinge ao que apanha com o corpo, e com mayor força com a sua cauda, pegada para mayor violencia a huma arvore, e de tal sorte os abraça, e com elles se enrosca, que quando aberta lhe quebra os ossos, e faz tudo, ou os desfas em polme. Saõ munto luxuriosos estes monstruosos bichos, e até com as mulheres castiçaõ, e propagaõ, pois como escreve D. Andre Cleyoro nas noticiozas Ephemeridas da Germania, na Cidade de Ambona nas Ilhas Molucas, se achou huma mulher pejada de huma destas Serpentes. O seu corpo he todo branco, mas todo rodeado de escamas pretas a maneira de redes, ou cadeas”.

Como Andreas Cleyer<sup>19</sup> publicou seu trabalho *De serpente magno Indiae Orientalis, Urobubalum deglutiente* em 1684, é muito provável que Francisco da Cunha tenha se baseado para

<sup>18</sup> O jesuíta polonês M. Boym (1656), no capítulo “De Gen-to Serpente” [ver nossa Figura 6] de sua obra *Flora Sinica*, foi o primeiro, aparentemente, a confundir “capelo” com “cabelo” com “cabelo”, traduzindo “cobra de capelo” por *serpens capillatus*: “In India & Regno Quamsi in quorundam certi generis serpentum (quos *Cobras de Cabelo*, id est, Capillatos Serpentes Lusitani vocant) capitibus lapis reperitur contra morsus ibidem à serpentibus inflictos homini alias spatio 24. horarum interituro. Lapis hic rotundius (lenticularis ut plurimum Figurae) coloris in medio albi, & circumcîrcâ glauci aut caerulei; vulneri applicatus per se ipsum haeret, veneno verò jam plenus decidit; post lacti immersi per aliquam moram ad statum naturalem se reducit. Lapis hic non omnibus communis, si iterato vulneri adhaereat, vírus omne exhaustum non fuit; si non adhaereat, moribundo indigenae de superato mortis periculo congratulantur”.

Athanasius Kircher (1667:81-83), em seu capítulo “*De miris virtutibus Lapidis Serpentinae, quem Lusitani a Piedra della Cobra vocant*”, assim discorreu sobre o tema: “Inventus est Lapis quidam à *Brachmanibus*, partim naturalis in Serpentes concretus, quem Lusitani *Cobra de Capelos*, id est, *Serpentem* seu *Colubrum pilosum* [sic; confusão entre *capelo* e *cabelo*] vocant; partim artificialis, ex variis venenosorum animalium potissimum hujus Colubri pilosi portionibus confectus, qui lapis solis intoxicatis antidotum praestat tempèstivè adhibitum; remedium fere toti *Indiae*, nec non *Chinae* usitatum: & sane non credidisset, nisi cum haec scribo, experimentum Lapidis fecissem in cane à vipera morso; hic enim Lapis vulneri à vipera cani inflicto mox appositus, protinus ita agglutinabatur, ut vix amplius distrahi posset, menabatque tamdiu afflixus vulneri, donec exucto omni veneno hirudinis adinstar jam satur sponte sua decideret; quo peracto canis paulatim jam líber à veneno, esti aliquanto tempore torpidus, ad se tamen tandem rediit, pristinae sanitati propediem restitutus. Hoc eodem tempore eximius Physiologus *Carolus Magnus* Romanus in homine quoque à vipera morso hujus rei summâ effectus felicitate experimentum ad veritatem explorandam sumpsit. Lapis verò intra lac conjectus, omni mox veneno deposito, suo nitori, non dicam virtutis attractivae robore diminutus, sed & eo auctus, redditur, lacte in flavo-viridem colorem ob veneni vim degenerante. Figura Colubri, haec est [ver nossa Figura 7]”.

Francesco Redi (1671, 1675), em carta a Athanasius Kircher, demonstrou a total ineficácia dessas “pedras da cobra-de-capelo”, baseado em múltiplas experiências feitas com vários venenos, aplicados a animais.

<sup>19</sup> Em Yule & Burnell (1903:23-24) podemos ler: “The following are extracts from Cleyer’s paper (...). It is illustrated by a formidable but inaccurate picture showing the serpent seizing an ox (not a buffalo) by the muzzle, with huge teeth. He tells how he dissected a great snake that he brought from a huntsman in which he found a whole stag of middle age, entire in skin and every part; and another which contained a wild goat with great horns, likewise quite entire; and a third which had swallowed a porcupine armed with all his ‘sagittiferis aculeis’. In Amboyna a woman great with child had been swallowed by such a serpent... ”

“*Quod si animal quoddam robustius renitatur. Ut spiris anguinis enecari non possit, serpens crebris cum animali convolutionibus caudâ suâ proximam arborem in auxilium et robur corporis arripit eamque circumdat, quo eo fortius et valentius gyris suis animal comprimere, suffocare, et demum enecare possit...*”

“*Factum est hoc modo, ut (quod ex fide dignissimis habeo) in Regno Aracan... talis vasti corporis anguis prope flumen quoddam, cum Urobubalo, sive sylvestri bubalo aut uro... immani spectaculo congrédi visus fuerit, eumque dicto modo occideri; quo conflict et plusquam hostile amplexu fragor ossium in bubalo committorum ad distantiam tormenti bellici majoris... a spectatoribus sat eminus stantibus exaudiri potuit...*”

dissertar sobre esta cobra em Ray (1693): [P. 133] “De octavo genere merentur legi quae *D. Cleyerus* in *Ephem. German.* Anno 12. Observ. 7. cui Titulus *De Serpente magno Indiae Orientalis Urobubalum deglutiente* narrat, cui longitudo plusquam 25 pedum. Hoc genus Serpentes quamvis ob apparentem faucium angustiam minime videantur Animalia deglutire posse, id tamen verum esse experientia confirmat. E cujusdam dissecti ventriculo extractum vidit [*Cleyerus* ipse] Cervum mediae aetatis integrum cum omnibus partibus: ex alterius sylvestrem caprum magnis praeditum cornibus pariter integrum; è tertii Hystricem cum aculeis. Im Ambona Moluccarum insula (inquit) quondam mulier integra gravida à Serpente insucta fuit. Fame utique maceratus Serpens, quibuscunque animalibus, quae saltu petere & morsu apprehendere valet insidiatur. Captum hoc modo Animal à Serpente cauda & reliquo corpore circumligatur, atque adeò strictè vincitur, ut vel ipsa in corpore Animalis ossa frangantur & comminuantur. Quòd si Animal quoddam robustius renitatur, ut spiris anguinis enecari non possit, serpens crebris cum Animalì convolutionibus, cauda sua proximam arborem in auxilium & robur corporis arripit, eumque circumdat, quòd eò fortiùs & valentiùs gyris suis Animal comprimere, suffocare & demum enecare possit: Ad hoc facinus morsu simul prendit Animalis nares, quò spiritum non tantùm intercludat, sed & Sanguinem ex iis ad internecionem usque eliciat. Sequitur deinde Historia Urobubali hoc modo deglutiti, in quo praecipuè notabile, quod fragor ossium comminutorum ad distantiam jactùs tormenti bellici majoris exaudiretur. Tum deglutitionis modum enarrat. Serpens (inquit) qui gulam & fauces [P. 334] fauces contractas quidem, sed ultra modum extensibilis habet, cum animal praefato modo occidit, atque ossa ejus minutissimè confregit, adeo ut cadaver tanquam rude Chaos jaceat, linguam id priùs extendit, deinde sputo suo virulento illud ad deglutendum aptum fingit, disponit & secundùm pilos lambendo laevigat, ut cadaver è longinquo tanquam glutine obductum resplescat, & sic aptum ad sorbendum videatur. Quo facto incipit Serpens rictu suo cadaveris caput apprehendere, & suctu fortiore quase absorbere, donec animal interemptum cum omnibus suis partibus paulatim in ventrem secesserit. Hac actione iuxta cadaveris molem Serpens quandoque ultra biduum insumit. Postquam cadaver igitur tali insucto in Serpentis ingluviem secessit, inibique tanquam sepultum est, Serpens tali crapula insigniter turgidus, adeò invalidus redditur, ut nec pugnare ampliùs nec aufugere, nec movere se de loco suo valeat. Hinc sit ut à rusticis sive ejus loci venatoribus, solo reste circa collum adstricto Serpens tutò stranguletur, & non raro fustibus occidatur. Interemptus ita Serpens in frustra & partes secatur, caròque ejus pro cibo gratissimo ventitur”.

Trata-se da *anaconda*.

TARANTULA<sup>20</sup> (pp. 25-26) – “que no latim se chama *Phalangium*, ou *Stellio*<sup>21</sup>, he huma Cobra na apparencia de Lagarto. Tem este nome, porque toda ella he matizada de malhas brancas, que pareassem estrellas<sup>22</sup>, que

The natives said these great snakes had poisonous fangs. These Cleyer could not find, but he believes the teeth to be in some degree venomous, for a servant of his scratched his hand on one of them. It swelled, greatly inflamed, and produced fever and delirium:

*‘Nec prius cessabant symptomata, quam Serpentinus lapis quam Patres Jesuitae hic component, vulnere adaptatus omne venenum extraheret, et ubique symptomata convenientibus antidotis essent profligata’.*

<sup>20</sup> Tarântula – Este termo, polissêmico, foi indiferentemente dado a cinco espécies de aranhas, inclusive a tarântula propriamente dita ou tarântula-do-mediterrâneo (*Lycosa tarantula* (Linnaeus, 1758). Dela disse Perotti (1507: Epigramma primum, Fol. XIIr, 2a. coluna, 48-53; damos aqui a versão de Hecker (1859:102, nota 1), sem as abreviações originais do latim de Perotti): “Est et alius stellio ex araneorum genera, qui, simili modo, ascalabotes a Graecis dicitur, et colotes et galeotes, lentiginosus in cavernulis dehiscentibus, per aestum terrae habitans. Hic majorem nostrorum temporibus in Italia visus non fuit, nunc frequens in Apulia visitur. Aliquando etiam in Tarquinensi et Corniculano agro, et vulgo similiter tarantula vocatur”, como ao lagarto chamado *stellio* pelos Romanos e *askalabotos* pelos Gregos (ver nota seguinte). “The word tarantula is apparently the same as terrantola, a name given by the Italians to the stelio of the old Romans, which was a kind of lizard, said to be poisonous, and invested by credulity with such extraordinary qualities, that, like the serpent of the Mosaic account of the Creation, it personified, in the imagination of the vulgar, the notion of cunning, so that even the jurists designated a cunning fraud by the appellation of a ‘stellionatus’ [Perotti, 1507: Epigramma primum, Fol. XIIr, 2a. coluna, 25]” (Hecker, 1859:102-103). Baglivi (1696; ver tb. 1715, 1828) publicou uma monografia sobre a tarântula (*Dissertatio de anatomie, morsu et effectibus tarantulae*) e ilustrou-a em uma prancha [Fig. 8].

<sup>21</sup> *Laudakia stellio* (Linnaeus, 1758) (Reptilia, Squamata, Agamidae), que ocorre na Grécia (incl. Lesbos, Paros, Antiparos, Despotiko, Kalymnos, Paxos, Corfu, Chios, Samos, Agathonisi), Chipre, Egito, Síria, Líbano, Israel, Saudi-Arábia, Jordânia, Iraque e Turquia.

<sup>22</sup> Ovídio (Metam. 5, 461) já dizia: “aptumque color/ Nomen habet, variis stellatus corpore guttis”. “Item a stella Stellio vocitatus est què medici nostri tēporis magno errore putāt lacertis eē: cui [?] lōge aliud aial sit. est enī lacerta minor: a grēcis ασκαλαβοτησ: hoc

muda todos os annos. Debaxo de taõ luzido engano tem ella em si o mais refinado, e mais esquipatico veneno; he de si taõ maligno, que sendo a sua pelle medicinal para a Epilepsia, como quem sabe este remedio ate devora a sua mesma pelle, para não ficar esse seu remedio na terra. A sua mordedura cauza estupores, fraqueza de nervos, e tremores de corpo. Sustenta-se de orvalho do Ceo, e das Aranhas da terra. Para evitar o seu veneno, dizem os Naturalistas, o melhor, e mais suave remedio he cantarlhe, e tangerlhe huma flauta, ou huma Cithara, porque gosta munto de Muzica. Vive ordinariamente nos buracos das pedras, e das Penhas, e quando o Sol está mais intenso na Apulia, sahe das tocas, e quando morde, e envenena, inquieta a todos de tal sorte, e com tal esquipação rara da natureza, que a huns fas cantar, a outros bailar, e a outros chorar<sup>23</sup>

---

est ascalabotes dicitur quod apud eos ασκαλαβοσ circus est. stelliones aut circulis quibudã depicti sunt: & veluti lucëtibus guttis in modũ stellarũ: vñ stelliões a nris vocitãt' pleni lêtigine stridor' acerbi. Romani vulgo Tarátulus vocant" (Perotti, 1507: Epigramma primum, Fol. XIIr, 2ª. coluna, 17-25). "Stellio, quòd stellis maculata, insignataque cernatur" (Matthioli, 1562:145 (*In Lib. Secundum Dioscoridis. Seps. Cap. LIX*).

<sup>23</sup> Sobre os sintomas ocasionados pela picada da tarântula-do-mediterrâneo escreveram muitos autores. Hecker (1859) dá um excelente apanhado sobre o assunto. Expomos aqui apenas uns poucos exemplos, de autores mais antigos: "The symptoms which Perotti enumerates as consequent on the bite of the tarantula agree very exactly with those described by later writers. Those who were bitten generally fell into a state of melancholy, and appeared to be stupefied, and scarcely in possession of their senses. This condition was, in may cases, united with so great a sensibility to music, that, at the first tones of their favourite melodies, they sprang up, shouting for joy, and danced on without intermission, until they sank to the ground exhausted and almost lifeless. In others the disease did not take this cheerful turn. They wept constantly, and as if pining away with some unsatisfied desire, spent their days in the greatest misery and anxiety, Others, again, in morbid fits of love cast their longing looks on women, and instances of death are recorded, which are said to have occurred under a paroxysm of either laughing or weeping" (Hecker, 1859:104). [Perotti, 1507: Epigramma primum, Fol. XIIr, 2a. coluna, 48-60 (damos aqui a versão latina sem as abreviações originais, tal como inserida por Hecker (1859:102), em sua nota 1): "Morsus ejus perraro interemit hominem, semistupidum tamen facit, et varie afficit, tarantulam vugo appellant. Quidam cantu audito, aut sono, ita excitantur, ut pleni laetitia et semper ridentes saltent, Nec nisi defatigati et semineces desistant. Alii semper flentes, quase desiderio surorum miserabilem vitam agant. Alii visa muliere, libidinis statim arfore incensi, veluti furentes in eam prosiliant. Quidam ridendo, quidam flendo moriantur"]. Bagliivi (1696) discorreu longamente sobre a mordida da tarântula e os sintomas dela decorrentes (na edição de 1715 há três capítulos sobre o assunto: Cap. V. De morsu tarantula, pp. 612-614; Cap. VI. Morbi, & symptomata morsum consequentia describuntur, pp. 614-615; e Cap. VII. Caetera symptomata ulterius exponuntur, & quam cum aliis morbis analogiam habent, demonstratur, pp. 616-619). Um jesuíta anônimo (Anônimo, 1627:41-43) compôs o poema "Occidunt vtraque risu", em que fala da morte pelo riso causada pela tarântula, que aqui incluímos como curiosidade:

[P. 41] "Nom tantũ ingentes habitat mors effera rictus;

Nom tantũ libycas horret arena iugas;

Maxima sunt minimi nonnum quam vulnera dentis;

Maxima sunt minimae saepe venena feræ.

Testis Arachneo metuenda Tarantula vultu es,

Cum tua mortifero gutture sella vomis.

Thessala te posito venerantur gramina tabo,

Praestituiq' suis Itala terra malis.

Stellio luce nocet, boa frigore, flumine natrix,

Vi iaculus, visu regulus, igne draco;

Sed tua (quis tantos vel Vlyses sentiat astus?)

Immodico risu blanda venena necant.

Vix lepor os reserat; mors occupat; inscia rident

Labra; natant lacrymis lumina funereis.

Scilicet ignarus vicini funeris augur

Risu, praesagas cogitur in lacrymas.

Nac tamen interea laeto pede plaudere terram,

Nec piget immodicis soluere froena iocis;

[P. 42] Venturi donec metuens ruat in tenebras sol,

Et radio terras emoriente legat.

Toxicccaaa tum subeunt, subit & Libitina; suoq'

Victa lepore, die vita cadente cadit.

Phoebe Thyestæo quid ferris in auia cursu?

Flecte rotam; aut Mundi si scelus omne fugis;

Perde diem, & terras aeternâ nocte fatiga:

Nil hoc ad Mundi toxica virus habet.

Si necat immodico funesta Tarantula risu;

Dulcius ille nocet; certius ille necat.

Testis, Agenoreae Chilon quem gloria palmae

Prima coronatis composuit manibus;

Testis Arbs, testes tumuli, quis nomen orexis,

Saeclaq', quæis vnam mors dedit vna ratem.

Atque vnam hoc ipsum, miseri, quod degimus, aevi



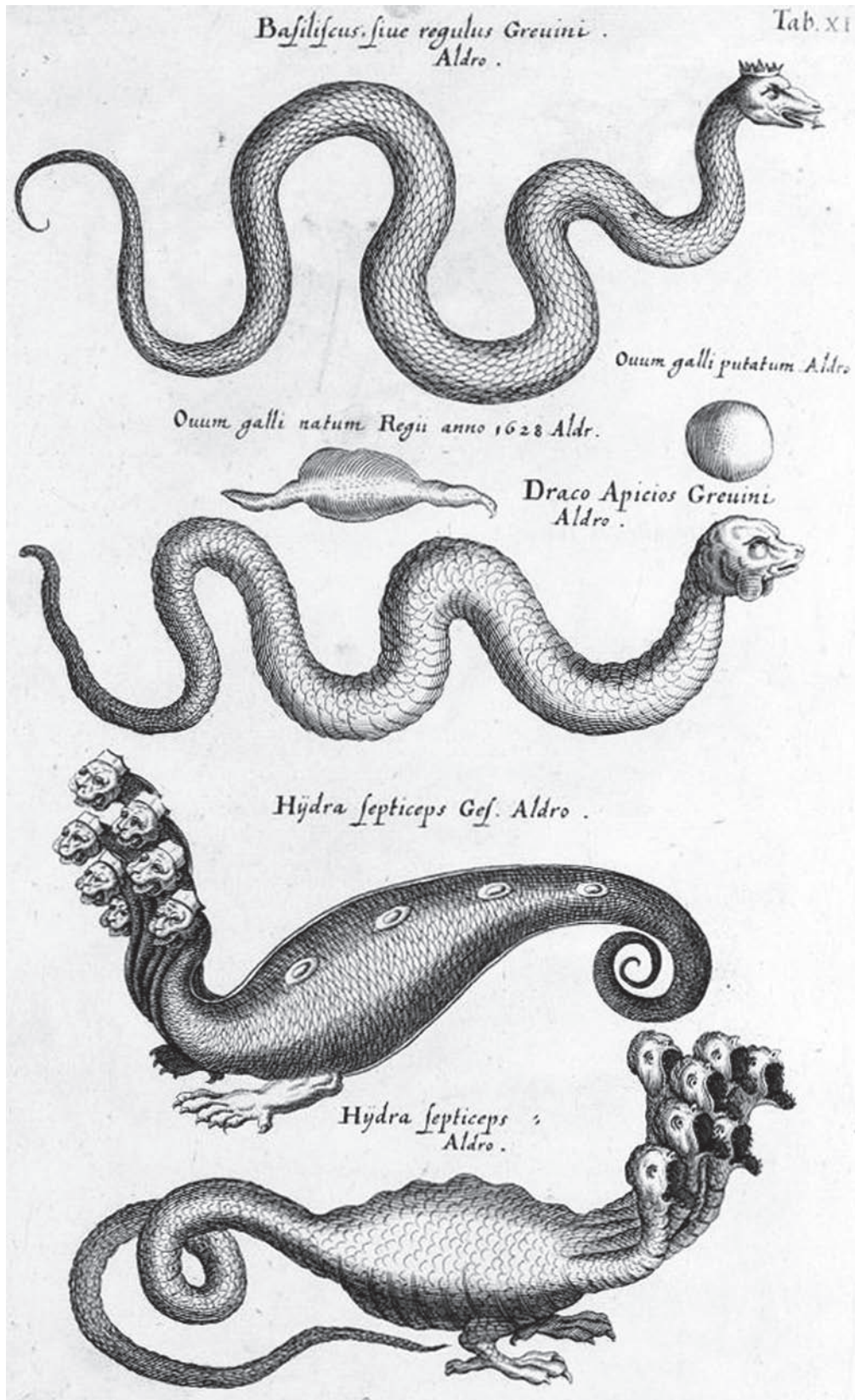


FIGURA 19: Prancha XI de Jonstonus (1653).

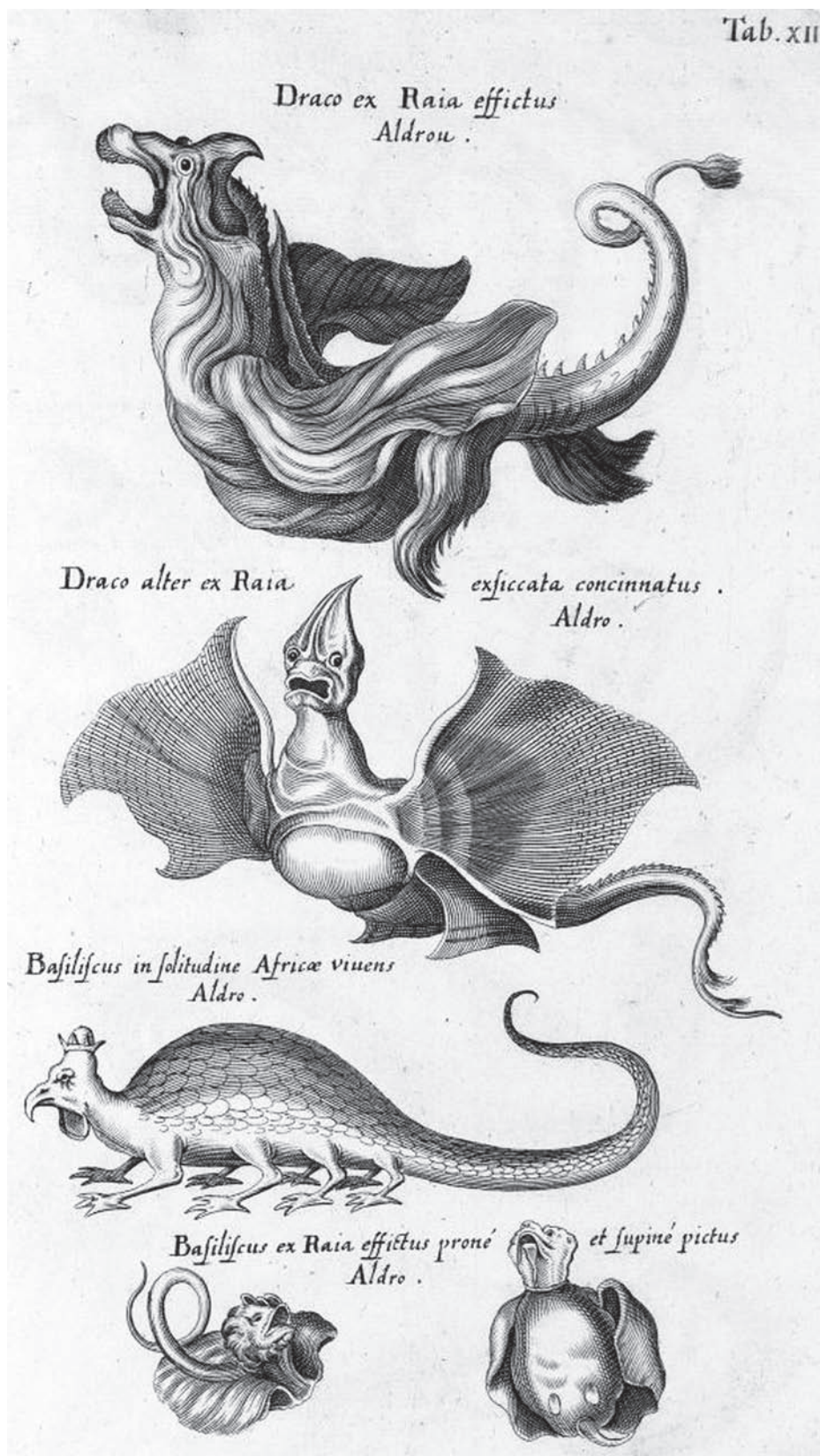


FIGURA 20: Prancha XII de Jonstonus (1653).



e a muntos até endoidecer, ou atarantar, nome que no nosso Portugues se diriva da palavra, e nome da Tarantula<sup>24</sup>; cauza estupores, e fas apodresser os nervos ate matar”.

TETRAUHCOATL [sic] (p. 24) “he huma Serpente, ou Cobra de tres palmos de comprido, e tem só hum dedo de grosso; o lombo he todo negro, o ventre branco, mas tambem mesclado de loiro, e a cauda para o fim he encarnada; e a cabeça he negra, e pello pescoço a cinge huma, cadea cor de oiro. O seu icto, ou mordedura he pestilente; o remedio para curar, e impedir o seu veneno he mamar [sic; sugar o lugar ofendido]”.

Publicado por primeira vez por Hernandez (*in* Recchi, 1628; cf. Recchi, 1651:67): “De Tetzahcoatl. Cap. XLII. Anguis est tres dodrantes longus, ac digitum crassus, cuius ictus pestilens est, dorsum nigrum, venter candescens ex pallido, & rubescens infernè cauda, venter autem, & cauda punctis nigris conspersa: caput nigrum, ac torque circumcinctum luteo, remedium morsus, est ictum locum sugere, sed comestu prius Picietl, ne venenum noceat praesidium adgerentibus, quod etiam velut egregiam antidotum admouere expedit vulneri: cùm nec solum aduersans illatae noxae, sed ipsis quoque serpentibus infensum sit, & inimicum”.

Jonstonus (1653:29, *Punctum V. De Bojobi, Tetrauhcoatl, Tleoa seu igneo, sanguineis & Trinhutili*): “Tetrauhcoatl [sic] serpens est tres dodrantes longus, ac digitum crassus, cujus ictus pestilens est; *dorsum* nigrum, *venter* candescens ex pallido, & rubescens infernâ caudâ, venter & cauda punctis Nigris conspersa, *caput* nigrum, ac torque circumcinctû luteo. Remedium morsus est, ictum locum sugere, sed commanso prius picietl, ne venenum noceat praesidium adferentibus, quod etiam velut egregium antidotum admovere expedit vulneri: Nec solum adversans illatae noxae, sed ipsis quoque serpentibus infensum & inimicum”.

O nome significa “cobra espantosa ou perigosa” (de *tetzahqui*, espantoso, perigoso; *coatl*, cobra) (Siméon, 2004:535).

THECOATL [sic] (p. 24) “que no latim se chama *ignitus Serpens*, Serpente que pairesse fogo, he huma Cobra, que tem seis palmos de comprido, e de largura tres dedos; pello lombo toda he cor de oiro, e pello ventre cor de cinza; criasse nas Penhas, ou nas montanhas, e principalmente nos montes Tepertlanios [sic;

---

*Lethiferos Mundo non gemat esse iocos!*  
*Ecce ciet digitos tremula cum vocè loquentes,*  
*Et Capitolinis gaudia nata cibus:*  
*Nec mora terra fremit, ruit aether, fulminat ignis,*  
*Et stygias súbito funere plangit aquas.*  
*I nunc, & Mundi lethalia spicula ride;*  
*Ebria si tanto gaudia melle necant.*

[P. 43] VIII

Que si la Tarantule vous at à fleur de peau  
 Doucement chatouüillé par son fatal museau;  
 Tu meurs en riotant: tel est le faux plaisir  
 Du monde desloyal; car son rire est mourir.

VIII

Gghelijck den soeten beet  
 Der Italiaensch spinn'  
 Soo ketelt, dat het sweet  
 V neemt en ziel', en sin:  
 Soo ded' de werelt opt;  
 Haer lachen is ons doodt”.

<sup>24</sup> Em Bluteau (1712:627) lê-se: “ATARANTADO. Segundo Covarrubias he a palavra Castelhana, derivada de *Tarantula*, que he hum insecto peçonhento, que se acha, principalmente nos campos de Taranto, Cidade da Provincia de Apulha, no Reyno de Napoles, & assi o mordido da Tarantula, se póde propriamente chamar *Atarantado*. E Alex. ab Alexandro no liv. 2 dos seus dias geniaes, cap. 17. lhe chama *Tarantatus, id est, Phalangium morsu vulneratus*. E porque os mordidos da Tarantula, costumão fazer movimentos descompostos de todo o corpo; diz Covarrubias no mesmo lugar, que quando hum homem menea a cabeça, & o corpo descompostamente, dizemos, que está *Atarantado*. Depois de escrever isto, ouço dizer, que no Alem-Tejo particularmête há hum bicho, a que chamão *Taranta*: dizem que he compridinho, negro, & tem azas, & a pessoa, a que morde, fica como tonta, ou douda; parece, que daqui veyo dizerse *Atarantado*”.

de Tepostlán], sempre anda enroscada para todas as partes, e he taõ venenosa, que a sua mordedura he mortal”.

Publicado por primeira vez por Hernandez (*in* Recchi, 1628; cf. Recchi, 1651:64): “De Tlecoatl, seu Igneo Serpente. Cap. XXX. Coluber est in sex dodrantum mensuram adolescens, triumque digitorum crassitudinem. Viuit montanius locis, & lethalem insert morsum: color est fuluus: Sed dilutior circa ventrem, ac vergens in cinereum: sinuosè incedit, in vtraque sese latera contorquens. Viuit in montibus Tepetzlanicis, vnde delatum ad nos, & describendum, & delineandum curauimus”.

Jonstonus (1653:30, *Punctum V. De Bojobi, Tetrauchcoatl, Tleoa seu igneo, sanguineis & Trinhutli*): “Idem auctor scribit de thecoatl [sic], s. ignito serpente: Coluber est sex dodrantem mensuram adolescens, triumque digitorum crassitudinem. Vivit montanis locis, & lethalem infert morsum: color est fulvus, sed dilutior circa ventrem, ac vergens in cinereum sinuosè incedit, in utraque sese latera contorquens, vivit in montibus Teportlanicis”.

THEOA [sic] (p. 25) “que tambem no latim se chama *ignis Coluber*, he huma Cobra longa de seis palmos, e da grosura de hum dedo, he munto vistoza pelas cores, e toda matizada de pintas, humas brancas, outras negras, outras fuscas, e outras cor de oiro; a cabeça he de Vibora, a cauda he munto terrivel, e finaliza em campainha. Ainda, que he peregrina na vista porque resplandece denoite [sic] com o [sc] fogo, he hospeda na America, onde vive domestica com todos; anda munto devagar, e sempre lus como hum Galalume. Naõ obstante ser munto mansa, a sua mordedura he mortal, quando he irritada, no perseguida”.

Publicado por primeira vez por Hernandez (*in* Recchi, 1628; cf. Recchi, 1651:63): “Tlehua, seu Igneo Colubro. Cap. XXVI. Anguis est sesquidodrantem longus, ac digitum crassus, squamis albis, nigris, fuluis, fuscisque distinctus; caput est viperæ nostratis capiti símile, caudaque iuxta finem subitò attenuata, interualloque binorum tantum digitorum, quæ desinit in sonalia; lethalem insert morsum, vrentemque, vnde euenit ei nomen, cùm incedit in latera vtrunque se conuoluit, ac lento procedit gressu: contra eius morsum, aiunt conferre tusam radicem herbae, quam vocant Amolam, de qua suo dictum iam à nobis est loco”.

Jonstonus (1653:30, *Punctum V. De Bojobi, Tetrauchcoatl, Tleoa seu igneo, sanguineis & Trinhutli*): “*Tleoa* [sic], *igneus coluber* angvis est sesquidodrantem longus, ac digitum crassus *squamis* albis, nigris, fulvis, fuscisque distinctus. *Caput* est viperæ nostratis capiti símile, caudaque iuxta finem subito attenuata, quæ desinit in sonalia. Lethalem infert morsum, urentemque unde evenit ei nomen”. Essa descrição foi copiada de Nieremberg (1635:277, *Capvt XXXI. De ignitu seroentibus, seu tleoa*), com pequenas diferenças. O trecho de Cunha “resplandece de noite com o fogo” está fora de contexto e refere-se à “Cumcoatl” (ver acima, sob “Cumcoali”).

TORQUATA (p. 25) “que no latim se chama *Turquata natrix*, e pellos circulos que forma como cadeas, quando anda, ou reptá sobre a terra, tem nella tambem o nome de Torques. Tambem no latim se chama *Nerophis*, *Serpens niger*, *Carbonarius*. He huma Serpente, ou Cobra munto gorda, ou muy grossa, mas vaisse atenuando mais para a cauda; tem o lombo negro, e entre algumas cor de lodo, e verdenegro, tem humas linhas, ou riscas totalmente pretas. Nasce nos prados, vargens, ou lizirias; costuma andar nas agoas dos xarcos, e lagoas, e assistir nos estercos; o seu manjar comum são ratazanas, ratoens, ratos, ratinhos; he munto amiga de leite de vacas, e lho chupa todo ate lhe tirar o sangue. Quando dormem os homens, ou os animais, entralhe munto subtilmene pella boca dentro; poreu com o cheiro, ou vapor do leite, que se beba, sahe ella logo para fora; aos que ella apanha descuidados, ou dormindo entra tambem pela boca, e os incita logo a cantar”.

Em Jonstonus (1653:32, *Articvlvs II. De Natrice torquata, & Rubetaria*; Pl. VIII [cf. fig. 17]): “*Natrix torquata* nomen à circulis quibus tanquam torquibus superior



animalis pars circumdatur, invenit. (...). *Nerophis* est modernorum Graecorum vocabulum, *Serpens niger* à Matthiolo impositum nomen. In Italia aliqui *Carbobarium* vocant. (...) Hujus natricis iconem ad vivum expressam servamus in Musaeo Illustrissimi senatus Bononiensis, ubi tenuis conspicitur circa *collum & caput*, crassior penes circa *ventrem*, qui postea in caudam admodum exilem finit. *Color* tergi nigricat, circa alvum, color inter luteum, & viridem est medius lineis Nigris virgatus (...). (...) In pratis uliginosis, aquis, & sterquiliniis stabulari solent. Muribus victitant (...). Vaccarum ubera sugere, & postea sanguinem sequi, Flandri prodidere, quod veteras Boae tribuunt. (...) Per ora dormientium irrepere, vapore lactis fervidi illectos, iterum egredi, quorundam traditio est. An verum sit, homines in quorum os intrarunt suaviter canere, penes lectorem sit iudicium”.

VIBORA (p. 26) “ou Vipera, e Vivipera, que assim se chama no latim, porque como dizem os Naturalistas *Vipera, quia Viparit, aut quod semper vivum pariat faetum*, commumente he como huma Cobra do tamanho de hum covado; tem a sua cor flava, como cor de oiro matizada com muntas pintas; a que he mais maligna tem cabeça munto pequena, e aguda, o pescoço mais grosso, mas o corpo mais tênue, e mais comprida no corpo. A femea he mais agil, ou ligeira, tem o pescoço mais estendido, e a cauda mais pequena. São muntas as diversas partes, onde se achaõ, como na Italia, Hespanha, India, Chypre, Chio, Malta, ate que São Paulo foi a dita Ilha<sup>25</sup>, e vendo-se rodeado de tantas, as converteo todas em pedras, cujas lingoas assim empedernidas são milagrozas, e celebres em toda a Europa por contra veneno espifico [sic] para os venenos; e ha tambem muntas no nosso Reyno de Portugal, e especialmente na Provincia da Beira. Habitaõ ordinariamente nas Penhas, e Lugares montuozos, nas agoas, e nas arvores, que chamamos choupos, e Alemos, e sahindo dellas se escondem nos penhascos, pedras e seixos; comem todas as ervas, escaravelhos, Bufoens, Scorpioens, e os filhos das Pegas; he tambem a Vibora munto amiga de leite, e vinho, que he o seu regalo. Tem algumas virtudes, mas muitas malignidades; a sua mordedura he taõ maligna, ou nociva, que cauza flatos, soluços, convulsoens, tumores no corpo, e fazem chagas semilhanes a queimaduras, cauzão sedes, e fluxos de sangue pelas jingivas, inflamaçoens do baço, e fígado, provoca a vomitos, cauza vertigens, tremor dos nervos, e retenção de ourinas, dores Neufriticas, e colicas, faz purificar, e avivar mais a vista, restituhir a prezença de menor idade, e mayor gentileza, e formozura”.

Jonstonus (1653:10, *Titulus II. De Serpentibus in specie. Caput I. De serpentibus terrestribus. Articulus I. De Vipera*; Pl. I [cf. fig. 10]). (...). [P. 10] *Viperam* quidã ab eo quòd vi pariat, nomè sortitam putant: quasi à faetu exeunte, alvus matris laceretur; alik, & quidè verissimè, quasi viviparam, & per contractionem *viparam* & *viperam*, quòd ova intra alvū concipiat, deinde faetū vivum enitatur. (...). *Serpens* est venenosus longitudine cubitali, saepè prolixiore, colore subflavo, pluribus maculis consperto, *Mari* caput angustum & acutū, collum crassus, corpus tenuius [sic]. (...). *Galenus*, fēminas subflavi coloris, admodū agiles, collū maximè porrigētes, oculis subrubētib’, inverecūdis, & ferini intuitus facit. (...). [P. 11] In multis inveniuntur regionibus, Italia, Hispania, Melita, Cypro, Chio (...). Delectantur imprimis locis montanis (...); aquis, populis arboribus (...). Hyeme latent, non tantum sub saxis, immotis fimo pręsepibus, ut Aristoteles & Virgilius prodidere; sed etiam statuis lapides, & terris. (...). [P. 12] In montanâ Phaenicia parte herbis vesci, & quasdam radices vorat, Pausanias prodidit. Non tantū herbis, sed & erucis, bruprestib’, Cātharidib’, phalangijs, mure araneo, stellionibus, scarabaeis, bufonibus, Galenus: scorpionibus Aristoteles: picae pullis, Albertus, Circulatores firfuribus in pyxidibus & capsis alunt. (...). Vino delectari aljs visum (...). Semper ferè corpus intumescit, pustulae ambustis similis erūpunt, sitis infestat, gingivae cruore suffundūtur, jecur inflāmatione vexatur, biliosi vomitus succedunt, vertigo, spoor, tremor, & urinae difficultas, ut Dioscorides & Aeginata reliquit, oboriuntur. [À p. 23 enumera algumas da “virtudes” da vibora na medicina].

<sup>25</sup> Cf. nota 16 acima.



FOTO 1: Fachada da Igreja de Nossa Senhora da Penha, Lisboa (Cortesia do Prof. Dr. Miguel Trefaut Rodrigues).



FOTO 2: O altar-mor da Igreja de Nossa Senhora da Penha, Lisboa. (Cortesia do Prof. Dr. Miguel Trefaut Rodrigues).



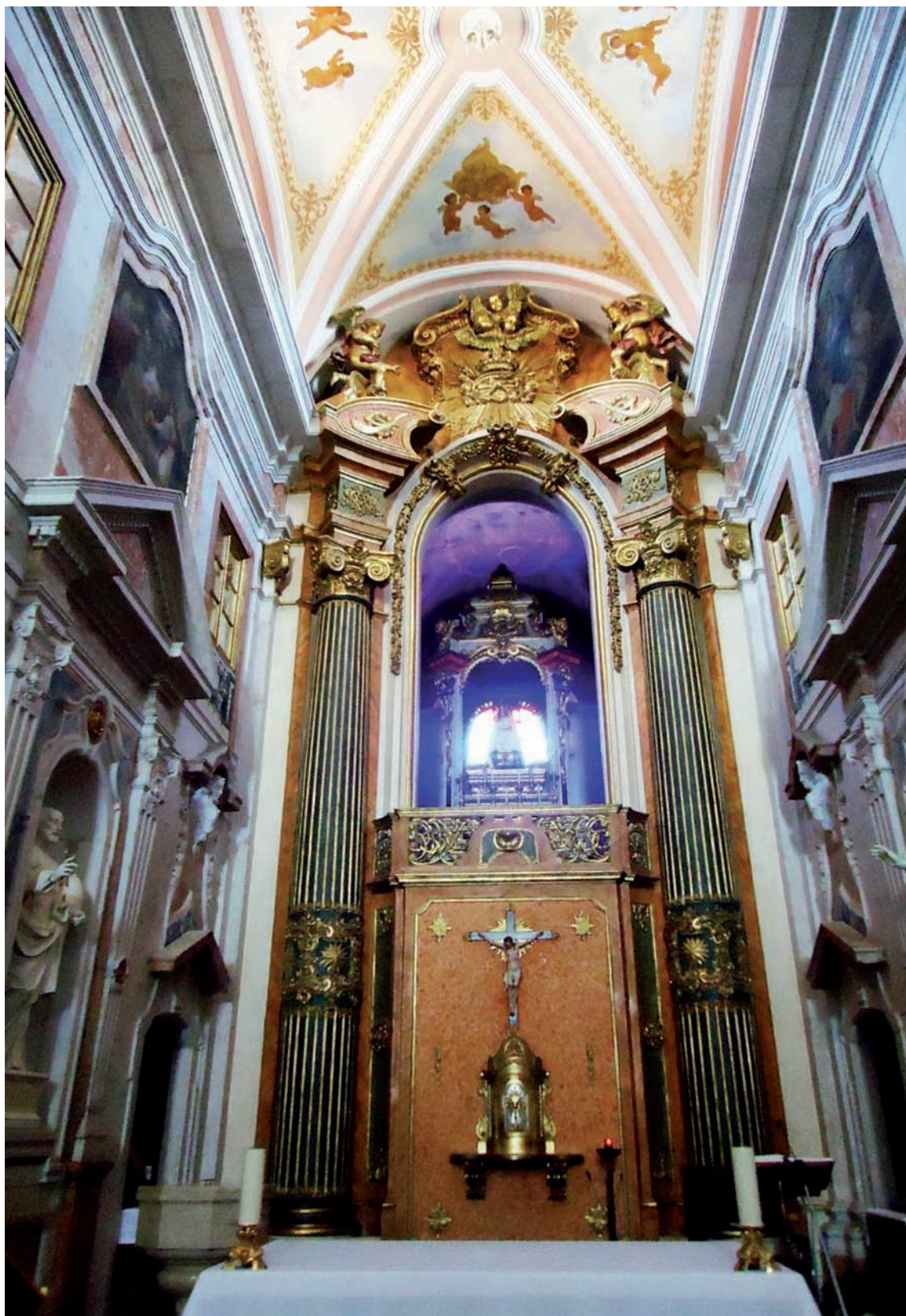


FOTO 3: Detalhe do altar-mor da Igreja de Nossa Senhora da Penha, Lisboa (Cortesia do Prof. Dr. Mario Eduardo Viaro).





FOTO 4: A imagem de Nossa Senhora da Penha do altar-mor de sua igreja em Lisboa (Cortesia do Prof. Dr. Mario Eduardo Viaro).



FOTO 5: Pintura no teto da Igreja de Nossa Senhora da Penha em Lisboa (Cortesia do Prof. Dr. Mario Eduardo Viaro).





FOTO 6: O ermiteiro adormecido; detalhe da imagem de Nossa Senhora da Penha do altar-mor de sua igreja em Lisboa (Cortesia do Prof. Dr. Mario Eduardo Viaro).



FOTO 7: Outra vista do interior da igreja de Nossa Senhora da Penha em Lisboa (Cortesia do Prof. Dr. Mario Eduardo Viaro).





**FOTO 8:** Escultura do “lagarto da Penha” na sacristia da Igreja de Nossa Senhora da Penha em Lisboa (Cortesia do Prof. Dr. Miguel Trefaut Rodrigues).



FOTO 9: Outra vista do “lagarto da Penha” (Cortesia do Prof. Dr. Mario Eduardo Viaro).



FOTO 10: Escultura da “cobra de Macau” na sacristia da Igreja de Nossa Senhora da Penha em Lisboa (Cortesia do Prof. Dr. Miguel Trefaut Rodrigues).





**FOTOS 11 E 12:** Outras vistas da escultura da “cobra de Macau” (Cortesia dos Profs. Drs. Miguel Trefaut Rodrigues (foto de cima) e Mario Eduardo Viaro (foto de baixo).



**FOTO 13:** Azulejos representando Nossa Senhora da Penha, o peregrino e o lagarto, da Igreja de Nossa Senhora da Penha em Lisboa (Cortesia do Prof. Dr. Mario Eduardo Viaro).





FOTO 14: Outra vista dos azulejos (Cortesia do Prof. Dr. Miguel Trefaut Rodrigues).





FOTO 15: Outra vista dos azulejos (Cortesia do Prof. Dr. Miguel Trefaut Rodrigues).





FOTO 16: Detalhe dos azulejos, com Nossa Senhora da Penha (Cortesia do Prof. Dr. Miguel Trefaut Rodrigues).



FOTO 17: Detalhe dos azulejos, mostrando o "lagarto da Penha" (Cortesia do Prof. Dr. Miguel Trefaut Rodrigues).





FOTO 18: Detalhe do 'lagarto da penha' nos azulejos da Igreja de Nossa Senhora da Penha em Lisboa (Cortesia do Prof. Dr. Miguel Trefaut Rodrigues).



FOTO 19: Lápide comemorativa da reforma da Igreja de Nossa Senhora da Penha em Lisboa (Cortesia do Prof. Dr. Mario Eduardo Viaro).

## RESUMO

Em janeiro de 1743, a nave portuguesa “São Pedro e São Paulo” partia de Macau, na China, com destino a Portugal. Sua chegada ao porto de Lisboa ocorreu a 12 de setembro de 1743. Descarregando o navio, descobriram que nele havia embarcado uma cobra, que foi morta e levada à Igreja de Nossa Senhora da Penha, juntamente com uma miniatura da embarcação, como agradecimento à Virgem, por tê-los salvo de vários perigos e por não ter a cobra matado ninguém da tripulação. Da cobra foi feito posteriormente um modelo em madeira, a fazer companhia ao célebre “lagarto da Penha”. Movido pela curiosidade, Frei Francisco da Cunha, padre agostiniano dessa igreja, tentou identificar a cobra, publicando, nesse mesmo ano de 1743, sob of pseudônimo de “Ricardo Fineça Fascunh”, o opúsculo *Relaçam da prodigiosa navegaçam da nao chamada S. Pedro, e S. Joam da Companhia de Macao*. Nessa obra, de certo modo um tratado de herpetologia, Cunha dissertou sobre a criação dos répteis por Deus do quinto dia da Criação, sobre a etimologia dos diversos nomes das cobras, sobre a geração desses répteis (tanto sexuada como por geração espontânea), as simpatias e antipatias das serpentes em relação a outros animais e plantas, finalmente enumerando cerca de 50 espécies de cobras, numa frustrada tentativa de identificar a cobra vinda de Macau. Seus comentários são paráfrases resumidas, com algumas alterações e erros de tradução, das obras de Jonstonus (1653), precipuamente, e de Nieremberg (1635), secundariamente; parece haver também consultado os livros de Gesner (1587) e Ray (1693), além de algumas outras obras. Por sua sumária e insuficiente descrição da cobra de Macau vinda com a nau “São Pedro e São Paulo”, podemos apenas conjecturar tratar-se de um espécime de *Pelamis platura* (Linnaeus, 1766) (Elapidae, Hydrophiidae).

**PALAVRAS-CHAVE:** Ricardo Fineça Fascunh (Frei Francisco Cunha); 1743; *Relaçam da prodigiosa navegaçam da nao chamada S. Pedro, e S. Joam da Companhia de Macao*; Macau; *Pelamis platura* (Elapidae, Hydrophiidae); Igreja de Nossa Senhora da Penha; Lisboa; “lagarto da Penha”; história da zoologia.

## AGRADECIMENTOS

Nossos mais sinceros agradecimentos ao Sr. Luís Sá, DD. Chefe da Divisão de Coleções do Fundo Geral da Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa, pela gentileza em autorizar-nos a reproduzir facsimilarmente o livro “*Relaçam da prodigiosa navegaçam*”, pertencente àquela Biblioteca. Aos Profs. Drs. Miguel Trefaut Rodrigues (Departamento de Zoologia, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo) e Mario Eduardo Viaro (do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo), pelas fotos da Igreja da Penha em Lisboa. Cabe destacar ainda o apoio concedido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) às pesquisas realizadas pelo autor sênior durante os últimos anos.

## REFERÊNCIAS

- ALIANUS, C. 1984. *Historia de los animales*. Editorial Gredos, Madrid.
- ALARCÓN HERRERA, R. 2004. *La huella de los templarios. Ritos y mitos de la Orden del Temple*. Ediciones Robinbook, Barcelona.
- ALMEIDA, M.L. DE. 1971. *Catálogo da coleção de miscelâneas. Tomo 5º. (Vols. CCCLXXV a CDXLV)*. Publicações da Biblioteca Geral da Universidade, Coimbra.
- ANCHIETA, J. DE, PE. 1988. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*. Editora Itatiaia & Editora da Universidade de São Paulo. [A carta de Anchieta de 1560, *Epistola quam plurimarum rerum naturalium quae S. Vicentii (nunc S. Pauli) provinciam incolunt sistens descriptionem*, traduzida, está às pp. 113-139].
- ANÔNIMO. 1627. VIII. Occidunt vtraque risu. In: RR.C.S.I.A. [Rhectores Collegii Societatis Iesu Antverpiae], *Typus mundi in quo eius calamitates et pericula nec non Diuini, humanique amoris antipathia, emblematicae proponuntur*. Ioan. Cnobbaert, Antverpiae. p. 41-43.
- ANÔNIMO. 1840. Lisboa. *O Panorama. Jornal litterario e instructivo da Sociedade Propagadora dos Conbecimentos Uteis*, Lisboa, 4(170):246-247.
- ANÔNIMO. 1856. *A handbook for travellers in Portugal. With a travelling map*. 2. ed. John Murray, London.
- ANÔNIMO. 1859. *Descriptive catalogue of the specimens of natural history in spirit contained in the Museum of the Royal college of Surgeons of England. Vertebrata: Pisces, Reptilia, Aves, Mammalia*. Richard Taylor and William Francis, London.
- ANÔNIMO. 1896. *Catalogue de la bibliothèque de M. Fernando Palha. Troisième partie. Histoire*. Imprimerie Libanio da Silva, Lisbonne.
- ANÔNIMO. 2009. Leyenda del lagarto de la Malena. *Ademar*, 63(Año XXV):56-58.
- ARAÚJO, F.A.J. DE. 1895. *Noticia historica da veneranda imagem de Nossa Senhora de Penha de França*. Eduardo Rosa Jun., Lisboa.
- AUDOUIN, J.V.; BOURDON, I.; BRONGNIART, A. & FÉRUSSAC, D. 1822. *Dictionnaire classique d'Histoire naturelle*. Rey et Gravier, Paris.
- BAGLIVI, G. 1696. *Dissertatio de anatome, morsu et effectibus tarantulae*. Roma.

- BAGLIVI, G. 1715. *Dissertatio VI. De anatomico, morsu, & effectibus tarantulae. In: seu Opera omnia medico-practica, et anatomica. Editio nona, cui praeter dissertationes, & alios tractatus octavae editionis adjunctos accedunt ejusdem Baglivi Canones de medicina Filidorum; Dissertatio de progressionem romani terramotus; de systemate & usu motus solidorum in corpore animato; de vegetatione lapidum & analogismo circulationis maris ad circulationem sanguinis: Nec non J.D. Santorini opuscula quatuor; de structura & motum fibrae; de nutritione animalis; de haemorrhoidibus. & de catamenii.* Antverpiae. p. 599-640.
- BAGLIVI, G. 1828. *Dissertatio de tarantula. In: seu Opera omnia medico-practica et anatomica. Editionem reliquis omnibus emendationem et vita auctoris auctam curavit C. Gottl. Kühn. Tomus secundus. Cum tabula aenea.* Leopoldi Vosii, Lipsiae [= Leripzig], [Scriptorium Classicorum de Praxi Medica nonnullorum Opera collecta. Volumen tertium]. p. 290-339.
- BAILEY, D.R.S. (ED. E TRAD.). 2003. *Statius Thebaid Books 8-12. Achilleid.* Loeb Classical Library, Harvard College, Cambridge, Mass.
- BARRIONUEVO, J. 1968. *Avisos de Don Jerónimo de Barrionuevo. Edición y estudio preliminar de A. Paz y Melia.* Atlas, Madrid. v. 1.
- BENASSAR, L. & BENASSAR, B. 1998. *Le voyage en Espagne – Anthologie des voyageurs français et francophones du XVIe. au XIX. siècle.* Robert Laffont, Paris.
- BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA. 1971. *Exposição. Cimélios e obras representantes da cultura portuguesa, e da sua difusão, especialmente nos séculos XVII e XVIII. Guia/ Exhibition. Rare books, manuscripts and works representative of Portuguese cultural life, and of its expansion, especially in the 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> centuries. Guide.* VI Congresso Internacional de Higiene e Medicina Escolares e Universitárias, Lisboa, 23 a 27 de Agosto de 1971. Biblioteca Nacional de Lisboa, Lisboa.
- BLUTEAU, R., PE. 1712. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasílico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiatico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomonico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichthyologico, indico, isagogico, laconico, liturgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, orthographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quidditativo, qualitativo, quantitativo, rethorico, rustico, romano, symbolico, synonymico, syllabico, theologic, terapeutico, technologico, uranologico, xenophonico, zoologico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e oferecido a El Rey de Portugal, D. Joao V pelo padre D. Raphael Bluteau, clerigo regular, doutor na Sagrada Theologia, Prêgador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França & Calificador no sagrado Tribunal de Inquisição de Lisboa, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Coimbra. [v. 1, A].*
- BONNAULT D'HOUEÛT, BARON DE. 1890. *Pèlerinage d'un paysan picard [Guillaume de Manier] a St. Jacques de Compostelle au commencement du XVIIIe. siècle. Publié et annoté par le Baron de Bonnault d'Houët.* Imprimerie Abel Radenez, Montdidier.
- BOYM, M. 1656. *Flora Sinensis, fructus floresque humillime porrigens.* Typis Matthaei Rictij, Viennae Austriae.
- BRAGA, T. 1885. *O povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições. Volume II. Crenças e festas publicas, tradições e saber popular.* Livraria Ferreira – Editora, Lisboa.
- BRANCO, M.B. 1888. *Historia das ordens monásticas em Portugal. Volume I.* Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, Lisboa.
- BREIDBACH, O. & GHISELIN, M.T. 2006. Athanasius Kircher (1602-1680) on Noah's Ark: Baroque "intelligent design" theory. *Proceedings of the California Academy of Sciences, Ser. 4, 57(36):991-1002.*
- BRITO, B.G. DE. 1909. *Historia tragico-maritima compilada por Bernardo Gomes de Brito com outras noticias de naufragios. Vol. XII.* Escrip-torio, Lisboa [Bibliotheca de Classicos Portuguezes]. v. 63.
- BUBBLE, A.F. 1990. Spontaneous generation in the Medieval Islamic tradition. *Journal of Semitic Studies, 35(2):265-282.*
- CALLEJO, J. 2001. *Un Madrid insólito. Guía para dejarse sorprender.* Editorial Complutense, S.A., Madrid. p. 106-109 (Reptiles americanos en iglesias cristianas).
- CAMÓS, N. 1657. *Jardín de María.* Barcelona.
- CARO, R. 1622. *Santuario de Nuestra Señora de Consolación y antigüedad de la Villa de Utrera.* Osuna.
- CLETO, J. & FARO, S. 1999. Santa Maria de Cáceres: Uma história de pernas. *O Comércio do Porto, Revista Domingo de 20 de junho de 1999, p. 21-22.*
- CLEYER, A. 1684. *Observatio 7. De Serpente magno Indiae Orientalis. Miscellanea medico-physica Academiae Naturae Curiosorum seu Ephemeridum medicum medicarum germanicarum curiosarum. Annus primus (Decuria II), Norimbergae, p. 18-20.*
- COLONNA, M.P. 1734. *Histoire naturelle de l'Univers, dans laquelle on rapporte des raisons physiques, sur les effets les plus curieux, & les plus extraordinaires de la Nature. Enrichi de figures en taille-douce.* André Cailleau, Paris. v. 2.
- COMES RAMOS, R. 1990. *Imagem y símbolo en la Edad Media andaluza.* Universidad de Sevilla, Secretariado de Publicaciones, Sevilla.
- CUNHA, F. DA, FREI. 1730. *Oração funebre, laudatoria, historica, e panegyrica, que nas Exequias do Summo Pontifice Benedicto XIII. de saudosa memoria mandadas celebrar por ordem do Emminentissimo Cardeal Pereira, na Sé da Cidade de Faro no Reyno do Algarve, pregou o Padre Mestre Fr. Francisco da Cunha Augustiniano.* Officina Augustiniana, Lisboa Oriental.
- CUNHA, F. DA, FREI. 1743. *Oração academica, panegyrica, historica, encomiastica, profana-sacra. Que pelos felices successos, e victoriosas armas da Augustissima, e Serenissima Rainha de Hungria, e Bohemia, &c. Com a discripção do mesmo Reyno... adornada de varias Poezias, e muntos versos dos milhores engenbos Portuguezes. Consagra, tributa, e oferece á mesma Soberana Senhora D. Maria Theresa Augusta, Christina, Amelia Walburga de Austria o M. Fr. Francisco da Cunha augustiniano, ex Prior do Convento de S. Agostinho de Leiria.* Officina Alvarense, Lisboa.
- DIAS, M.T. 2004. *Lisboa misteriosa.* Quimera, Liboa. ["Lagarto da penha" às p. 85-97].
- DOMÉNECH, J. DE D. 2000. *Cocodrils i balenes a les esglésies.* *Locus aenoens, 5:253-275.*
- ESLAVA GALÁN, J. 1987. La leyenda del lagarto de Jaén. *Revista Cajasur (Caja de Ahorros de Córdoba), 28:28-29.*
- ESLAVA GALÁN, J. 1991. *La leyenda del lagarto de la Malena y los mitos del dragón.* Editorial Universidad de Granada, Granada.
- ESPANTALEÓN MOLINA, A. 1905. *Raudal de la Magdalena. Memoria de 1904.* Imprenta La Regeneración, Jaén.
- FASCUNH, RICARDO FINEÇA [ANAGRAMA DE "FREI FRANCISCO DA CUNHA"]. 1743. *Relaçam da prodigiosa navegaçam da não chamada S. Pedro, e S. Joam da Companhia de Macao, por merce da milagrozissima imagem de N.S. de Penha de França venerada Padroeira das naos de comercio d'este reino, e singular amparo de todos os navegantes nas suas viagens. Com a explicaçam, e pintura da grande Cobra, que se achou na dita nao, e se criou dentro em huma pipa de agoa; a qual Cobra vejo tranquillamente na sua companhia, e se matou dentro na mesma nao anchorada no porto desta Cidade de Lisboa, onde foi vista, e admirada por monstruozo bicho; o que tudo se atribuo a prodigio, e merce da mesma milagroza Senhora. Nella se dá huma rara, e exacta noticia da criaçao do mundo, e produçao de todas as Cobras, e Serpentes desde a sua criaçao, ou dia quinto, em que Deos Senhor nosso criou todos os animaes, e primeiro, que todos aos animaes reptis. Dasse tambem nella*



- noticia de dois prodígios da mesma Senhora no mar, e da granulatoria festa, que lhe fizerao na terra, e na sua Igreja os seus devotos navegantes de Macao. Escrita por um devoto domestico da mesma Senhora Ricardo Finca, a Fascalinh.* Officina de José da Silva da Natividade, Lisboa.
- FONSECA, M.A. DA. 1896. *Subsidios para um dictionario de pseudonymos inicias e obras anonymas de escriptores portuguezes. Contribuição para o estudo da litteratura portugueza por Martinho Augusto da Fonseca. Com poucas palavras servindo de prologo pelo academico Dr. Theophilo Braga.* Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa.
- GARCÍA GUTIÉRREZ, P.F. & MARTÍNEZ CARBAJO, A. 1994. *Iglesias de Madrid*. 2. ed. Avapiés, Madrid.
- GESNER, C. 1587. *Conradi Gesneri Tigurini, Medicinae et Philosophiae Professoris in Schola Tigurina, Historiae animalium Lib. V. qui est de Serpentiū natura. Ex variis schedis et collectaneis eiusdem compositus per Iacobum Carronum Francofurtensem. Adiecta est ad calcem, Scorpionis insecti historia à D. Casparo Vuolphio Tigurino Medico, ex eiusdem Paralipomenis conscripta. Accesserunt indices nominum serpentium secundum diuersas linguas: & ante illos enumeratio eo ordine quo in hoc volumine continentur.* Officina Froschoviana, Tigvri.
- GODOY, J.P. DE. 2007. *Naus do Brasil Colônia*. Senado Federal, Brasília, D.F.
- “GOLOZO DAS SORTES”. [SÉC. XVIII]. *CRISIS APOLOGETICA, QUE A HUMA ORAÇAM TAMANHA, COMO A NOITE DE INVERNO (QUE COMPOZ UM PRÉGADOR, QUE SÓ PREGA, PARA QUEM O ENTENDE) FEZ QUEM MAIS NAM ENTENDIA. RECITADA DA SALA DO CAZAMENTO DO LAGARTO DA PENHA, COM A SENHORA DONA COBRA, DA NÃO DE MACÃO NO DIA DAS SUAS VODAS. PELO GOLOZO DAS SORTES. IMPRESSA NO MONTE APENINO. S. L., S. D. [CF. ALMEIDA, 1971:138].*
- GRONOVIVS, A. 1744. *Αιλιανου Περι Ζωων Ιδιουτητος βιβλια ΙΖ'. Aeliani De Natvra Animalium libri XVII. Cum animadversionibus Conradi Gesneri, et Danielis Wilhelmi Trilleri: cvrante Abrahamo Gronovio, qui et suas adnotationes adjecit.* Guglielmus Bowyer, Londini.
- GUIMARÃES, J.R. 1872. *Summario de varia historia: Narrativas, lendas, biographias, descripções de templos e monumentos, estatisticas, costumes civis, politicos e religiosos de outras enas.* Rolland & Semiond, Lisboa. v. 1.
- HECKER, J.F.C. 1859. *The epidemics of the Middle Ages. Translated by B.G. Babington. Third edition, completed by the author's treatise of Child-pilgrimages.* Trübner & Co., London.
- HERNANDEZ, F. 1651. *Historiae animalium et mineralium Novae Hispaniae liber vnicus in sex tractatus divisus Francisco Fernandez Philippi Secundi primario Medicó authore*, pp. 1-90, in Recchi, q. v.
- HILBERG, I. 1912. *Corpus scriptorum ecclesiasticorum latinorum. Editum consilio et impensis Academiae Litterarum Caesareae Vindobonensis. Vol. LV. S. Eusebii Hieronymi opera (Sect. I Pars II). Epistularum pars II: Epistvlae LXXI-CXX.* F. Tempsky, Vindobonae [= Viena] & G. Freytag, Lipsiae [= Leipzig].
- HIRAI, H. 2006. Kircher's chymical interpretation of the creation and spontaneous generation, pp. 77-87, in Principe, L.M., ed., *Chymists and chymistry. Studies in the history of alchemy and early modern chemistry.* Watson Publishing Internacional LLC, Sagamore Branch, MA.
- “HUMA DEVOTA”. 1756. *Obsequio devido em louvor da Virgem Nossa Senhora de Penha de França, que á mesma Senhora offerece huma sua devota em agradecimento de huma mercê, que confessa ter recebido por intercessão da mesma Senhora.* Offic. De Domingos Rodrigues, Lisboa.
- “IMPARCIAL”. [SÉC. XVIII]. *BREVE RESPOSTA AO INSOLENTÉ PRÓLOGO DA REDICVLA ORAÇAM ACADEMICA, RECITADA NA ACADEMIA DO SAPATEIRO ANTONIO FERREIRA DE MESQUITA NO ARCO DA GRAÇA. POR HUM IMPARCIAL, S. L., S. D. [CF. ALMEIDA, 1971:132].*
- ISIDORUS HISPALIENSIS. 1911. *Isidori Hispaliensis episcopi Etymologiarum sive originum libri XX. Recognovit brevique adnotatione critica instruxit W.M. Lindsay in Vniuersitate Andream Litterarum Humaniorum Professor. Tomus I. Libros I-X continens.* E Typographeo Clarendoniano, Oxonii [= Oxford]. [Scriptorium Classicorum Bibliotheca Oxoniensis].
- JONES, W.H.S. 1951. *Pliny. Natural History. With an English translation in ten volumes. Volume VI. Libri XX-XXIII.* Harvard University Press, Cambridge & William Heinemann Ltd., London.
- JONSTONUS, J. 1653. *Historia naturalis de insectis. Libri III. De serpentibus et draconib., Libri II. Cum aeneis figuris.* Haeredii Merianorū, Francofurti ad Moenum.
- KIRCHER, A. 1664a. *Mundi subterraneus, in XII libros digestus; quo divinum subterrestris mundi opificium, mira ergasteriorum naturae in eo distributio, verbo παντάμορφον Protei Regnum, universae denique naturae majestas & divitiae summa rerum varietate exponuntur. Abditorum effectuum causae acri indagine inquisitiae demonstrantur; cognitae per artis & naturae conjugium ad humanae vitae necessarium usum experimentorum apparatus, necnon novo mundo, & ratione applicantur. Tomus I.* Joannes Janssonium & Elizeum Weyerstraten, Amstelodami [= Amsterdam].
- KIRCHER, A. 1664b. *Mundi subterranei Tomus II<sup>o</sup>. In V libros digestus quibus mundi subterranei fructus exponuntur, et quidquid tandem rarum, insolitum, et portentosum in foecundo naturae utero continetur, ante oculos ponitur curiosi lectoris.* Joannes Janssonium & Elizeum Weyerstraten, Amstelodami [= Amsterdam].
- KIRCHER, A. 1667. *China monumentis, qua sacris quā profanis, nec non variis naturae & artis spectaculis, aliarumque rerum memorabilium argumentis illustrata, auspiciis Leopoldi Primi, Roman. Imper. semper Augusti, munificentissimi Mecaenatis.* Jacobum à Meurs, Amstelodami.
- KIRCHER, A. 1675. *Arca Noe in tres libros digesta.* Amsterdam.
- LAET, J. DE. 1633. *Novvs Orbis seu Descriptionis Indiae Occidentalis Libri xviii. Authore Ioanne de Laet Antwerp. Novis tabulis geographicis et variis Animantium, Plantarum Fructuumque Iconibus illustrati.* Elzevirios, Lugd. Batav.
- LAET, I. DE. (ORG.). 1648. *Historia naturalis Brasiliae. Auspicio et beneficio illustriss. I. Mavritii Com. Nassav illis provinciae et maris summi praefecti adornata. In qua non tantum plantae et animalia, sed et indigenarum morbi, ingenia et mores describuntur et iconibus supra quingentas illustrantur.* Franciscum Haeckium, Lugdun. Batavorum & Lud. Elzevirium, Amstelodami.
- LINNAEUS, C. 1766. *Systyema naturae per regna tria naturae, secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus, differentiis, synonymis, locis. Tomus I. Editio duodecima, reformata.* Laurentii Salvii, Holmiae [= Stockholm].
- LLOMPART, G. 1984. *Entre la historia del arte y el folklore: Folklore de Mallorca, folklore de Europa. Miscelanea de estudios II. Prólogo de Lenz Kriss-Rettenbeck.* G. Llompart, Palma de Mallorca. [Fontes Rerum Balearium. Estudios y textos, Vol. VI].
- LLORENTE, T. 1887. *Valencia. Sus monumentos y artes. Su naturaleza e historia.* Establecimiento tipográfico-editorial de Daniel Coertezo y C<sup>a</sup>., Barcelona. v. 1.
- MARCGRAVE, G. 1648. *Historiae rerum natvralivm Brasiliae, libri octo: Quorum Tres priores agunt de Plantis. Quartus de Piscibus. Quintus de Avibus. Sextus de Quadrupedibus & Serpentibus. Septimus de Insectis. Octavus de ipsa Regione, & illius Incolis. Cvm appendice de Tapuyis, et Chilensibus, in Laet, q. v.*

- MARCOS ARÉVALO, J. 2003. Roles, funciones y significados de los animales en los rituales festivos. La experiencia extremeña. *Zainak*, 22:59-85.
- MARTÍNEZ DE MAZAS, J. 1794. *Retrato al natural de la ciudad y término de Jaén, su estado antiguo y moderno con demostración de quanto necesita mejorarse su población, agricultura y comercio*. Imprenta de Pedro de Doblas, Jaén.
- MATTHIOLI, P.A. 1562. *Petri Andreae Matthioli senensis Serenissimi Principis Fernandi Archiducis Austriae &c. Medici, Commentarii deo avcti in libros sex Pedacii Dioscoridis anazarbei de medica materia. Adiectis quamplurimis plantarum, & animalium imaginibus, quae in prioribus editionibus non habentur, eodem authore. His accessit eiusdem Apologia adversus Amathum Lusitanum, quin & censuram in eiusdem enarrationes*. Gabrielem Coterium, Lvgdvni.
- MCCARTNEY, E.S. 1920. Spontaneous generation and kindred notions in Antiquity. *Transactions of the American philological Association*, 51:101-115.
- MELLO, T. DE. 1904. *Recordando*. Livraria Editora Tavares Cardoso, Lisboa.
- MENEZES, O.B. DE. 1993. A origem dos seres vivos, à luz da evolução do pensamento humano. Da decadência da civilização grega, até o século XVIII: O destronamento da teoria da geração espontânea. Parte II. *Sitientibus*, Feira de Santana, 11:47-80.
- MÜNZER, H. 1494-1495. *Itinerarium sive peregrinatio per Hispaniam, Franciam et Alemaniam, excellentissimi viri artium ac utriusque medicinae doctoris Hieronimi Monetarii de Feltkirchen civis nurembergensis*. MS, Codex Latinus Monacensis 431, Hof- und Staatsbibliothek München.
- NIEREMBERG, I.E. 1635. *Historia naturae, maxime peregrinae, libris XVI. distincta. In quibus rarissima naturae arcana, etiam astronomica, & ignotum Indiarum animalia, quadrupedes, aues, pisces, reptilia, insecta, zoophyta, plantae, metalla, lapides, & alia mineralia, fluuiorumque & elementorum conditiones, etiam cum proprietatibus medicinalibus, describuntur; nouae & curiosissimae quaestiones disputantur, ac plura Sacrae Scripturae loca eruditè enodantur. Accedunt de miris & miraculis naturis in Europâ libri duo: item de iisdem in terrâ Hebraeis promissâ liber vnus*. Officina Plantiniana Balthasaris Moreti, Antverpiae.
- NISARD, M. 1842. *Stace, Martial, Manilius, Lucilius Junior, Rutilius, Gratius Faliscius, Némésianus et Calpurnius; oeuvres completes avec la traduction en français*. J.J. Dutrochet et Compagnie Éditeurs, Paris.
- ORDÓÑEZ DE CEBALLOS, P. 1628. *Historia de la antigua y continuada nobleza de la ciudad de Jaén*. Pedro de la Cuesta, Jaén.
- OWEN, C. 1742. *An essay towards a natural history of serpents: In two parts. I. The first exhibits a general view of serpents, in their various aspects; such as their kinds, bulk, food, motion, propagation, coverture, colours. In which is inserted a short account of vegetable, mineral, and animal poison, particularly that of the serpent; and its cure in various nations; where also the serpent is used as food and physic. II. The second gives a view of most serpents that are known in the several parts of the world; described by their various names, different countries, and qualities. Illustrated with copper-plates, engraved by the best hands. III. To which is added a third part; containing six dissertations upon the following articles, as collateral to the subject. 1. Upon the primeval serpent in Paradise. 2. The fiery serpents that infested the Camp of Israel. 3. The brazen serpent erected by Moses. 4. The divine worship given to serpents by the nations. 5. The origin and reason of that monstrous worship. 6. Upon the adoration of different kinds of beasts by the Egyptians, with divers instances of the same stupidity in other nations. The whole intermix'd with variety of entertaining digressions, philosophical and historical*. John Gray, London.
- PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D.M. & LLORENTE-BOUSQUETS, J. 1997. *História da Biogeografia no período pré-evolutivo*. Editora Pêiade & Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, São Paulo.
- PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D.M. & RAMOS, M. DE C. 1997. *A "Protogaea" de G.W. Leibniz (1749): Uma teoria sobre a evolução da Terra e a origem dos fósseis*. Editora Plêiade e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, São Paulo.
- PEROTTI, N. 1507. *Cornucopiae. Habes amice ac studiose Lector insigne opus Cômmentariorum linguae latinae: quod ob multiplies atq' beatas verborum & rerum diuitias quas cõtinent Praeclarissimus eius autor: Reuerêdus pater Dominus NICOLAVS PEROTTVS Põtifex sipõtinus vir Romanae facundiae & votius Latinae subtilitatis facile princeps CORNVCOPIAE intitulauit*. Vdalrici Gering & Magistri Bertoldi Rembolt, Paris.
- PEANDL, L. 1920. Hieronymus Monetario [Münzer], Itinerarium hispanicum, 1494-1495. *Revue hispanique*, 48:1-179.
- PISO, G. 1648. De medicina brasiliensi libri quatvour: I. De aëre, aquis, & locis. II. De morbis endemis. III. De venenatis & antidotis. IV. De facultatibus simplicium, [8] + 122 + [2] pp., in Laet, q. v.
- PISO, G. 1658. *De Indiae utriusque re naturali et medica libri quatuordecim, quorum contenta pagina sequens exhibet*. Ludovicum et Danielelem Elzevirios, Amstelodami [= Amsterdam].
- PLINY, 1979. *Natural History*. Loeb Classical Library & W. Heinemann, London & Cambridge, Mass.
- PORCAR, J., PERE. 1934. *Coises evengudes na civtat y reino de Valencia: Dietari de Mosen Juan Porcar, capellán de San Martin (1589-1629)*. Transcripció e pròleg de Vicente Castañeda Alcover. Ed. Góngora, Madrid.
- PORTA, I.B. 1619. *Io. Baptistae Portae neapolitani, Magiae naturalis libri viginti, in quibus scientiarum naturalium diuitia, & delicia demonstrantur. Iam de novo, ab omnibus mendis repurgati, in lucem prodierunt. Accessit Index, rem omnem dilucidè repraesentans, copiosissimus. Librotum ordinem, qui in hoc opere continentur, versa pagina indicabit*. Typis Wecheliani, impensis Danielis ac Daudis Aubriorum & Clementis Schleichii, Hanoviae.
- PORTA, J.B. 1664. *Job. Baptistae Portae neapolitani Magiae naturalis libri viginti. Ab ipso quidem authore adaucti, nunc vero ab infinitis, quibus editiones priores scatebant, mendis, optime repurgati: in quibus scientiarum naturalium divitiae & deliciae demonstrantur. Accessit Index, rem omnem dilucidè repraesentans, copiosissimus. Librotum ordinem, qui in hic opere continentur, post praefactionem inveniet lector*. Elizeum Weyerstraten, Amstelodami [= Amsterdam].
- PUYOL, J. 1924. Jerónimo Münzer, Viaje por España y Portugal en los años 1494 y 1495. *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 84(2):179-279.
- QUINTANA I TORRES, 1992. *La memòria que es perd: El Drac de na Coca*. El Tall, Palma de Mallorca.
- RAY, J. 1693. *Synopsis methodica animalium quadrupedum et serpentini generis. Vulgarium notas characteristicas, rariorum descriptiones integras exhibens: cum historiis & observationibus anatomicis perquam curiosis. Praemittuntur nonnulla de animalium in genere, sensu, generatione, divisione, &c*. S. Smith & B. Walford, Londini.
- RECCHI, N.A. 1651. *Rerum medicarum Novae Hispaniae thesaurus sev Plantarvm Aninalium Mineralium Mexicanorum Historia ex Francisci Hernandez Noui Orbis medici primarij relationibus in ipsa mexicana vrbe conscriptis a Nardo Antonio Recchio Monte Coruinate Cat. Maiest. Medico et Neap. Regni archiatro generali jussu Philippi II, Hisp, Ind. etc. regis collecta ac in ordine digesta a Ioanne Terrentio lynceo*

- Contanstiense Germ<sup>o</sup>. phō ac medico notis illustrata. Nunc primum in naturaliū rer' studiosor' gratiā lucubrationibus Lynceorū publicis iuris facta. Quibus jam excussis accessere dermum alia qior' omnium synopsis sequenti pagina ponitur. Opus duobus voluminibus diuisum, Philippo IIII. Regi Catholico magno Hispaniar' uriusq' Siciliae et Indiarū etc. Monarchae dicatum. Typographeio Vitalis Mascardi, Romae.
- REDI, F. 1671. *Esperienze intorno a diverse cose naturali, e particolarmente a quelle, che ci son portate dall'Indie fatte da Francesco Redi e scritte in vna lettera al Reverendissimo Padre Atanasio Chircher della Campagna di Gesu*. All'Insegna della Nave, Firenze.
- REDI, F. 1675. *Experimenta circa res diversas naturales, speciatim illas, quae ex Indiis adferuntur. Ex Italico Latinitate donata*. Andreae Frisii, Amstelodami.
- REISKIUS, J.J. 1684. *De Glossopetris Luneburgensis epistola*. Johann Georg Lepper, Lipsiae.
- RENTNER, R.M. 1974. Ambrosius Spiera: A fifteenth-century Italian preacher and scholar. *Church History*, 43(4):448-459.
- RIISING, A. s/D. *LIBER PETRI MATHIE CURATI ECCLESIAE SANTI PETRI RIPIS. THE BOOK OF PEDER MADSEN, CURATE AT ST. PETER'S CHURCH IN RIBE. 1454-1483. Msc. Ny kgl. Samling 123 4*, The Royal Library, Copenhagen. [www.sdu.dk/~l.../F0CD327DED2241C7A99571AAAD-034C9B.ashx, acessado em 25.iv.2010].
- RODRIGUEZ PLASENCIA, J.L. 2007. El lagarto de Calzadilla y otras historias de lagartos. *Revista de Folklore*, 27b(321):101-106.
- ROMEU I FIGUERAS, J. 1993. La llegenda del drac de Coll de Canes, pp. 168-170, in seu *Materials i estudis de folklore*. Alta Fulla, Barcelona.
- RUSSELL, P. 1796. *An account of the Indian serpents, collected on the coast of Coromandel, containing descriptions and drawings of each species; together with experiments and remarks on their several poisons*. George Nicol, London.
- SANTA MARIA, A., FREI. 1707. *Santuario Mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora, e das milagrosamente apparecidas, e em graça dos pregadores. Tomo I*. Oficina de A. Pedrozo Galráo, Lisboa.
- SCHNEIDER, I.G. 1799. *Historiae amphibiorum naturalis et literariae. Fasciculus primus continens ranas, calamitas, bufones, salamandras et hydris in genera et species descriptiones notisque suis distinctos*. Friederici Frommanni, Iena.
- SCHÜTTE, J.F., S.J. 1964. *El 'Archivo del Japón'*. Vicisitudes del Archivo Jesuítico del Extremo Oriente y descripción del fondo existente en la Real Academia de la Historia de Madrid. Real Academia de la Historia, Madrid [Archivo Documental Español, Tomo XX].
- SEBA, A. 1735. *Locupletissimi rerum naturalium thesauri accurate descriptio, et iconibus artificiosissimis expressis, per universam physicas historiam. Opus, cui, in hoc rerum genere, nulum par existitit. Ex toto terrarum orbe collegit, digessit, descripsit, et depingendum curavit Albertus Seba, Eizela Oostrisius, Academiae Caesariae Leopoldino Carolinae Naturae Curiosorum collega Xenocrates dictus; Societatis Regiae Anglicanae, et Instituti Bononiensis, sodalis. Tomus II. J. Wetstenium, & Gul. Smith, & Janssonio Waesburgios, Amstelaeidami [= Amsterdam]*.
- SHAW, G. 1802. *General zoology or systematic natural history. With plates from the first authorities and most select specimens engraved principally by Mr. Heath. Vol. III. Part II. Amphibia*. G. Rearsley, London.
- SILVA, I.F. DA. 1862. *Dicionario bibliographico portuguez. Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil. Tomo Septimo*. Imprensa Nacional, Lisboa.
- SIMÉON, R. 2004. *Diccionario de la lengua Náhuatl o mexicana*. Siglo XXI Editores, México, D.F.
- SWAN, C. 1824. *Gesta Romanorum: Or, entertaining moral stories; invented by the monks as a fire-side recreation; and commonly applied in their discourses from the pulpit; whence the most celebrated of our own poets and others, from the earliest times, have extracted their plots. Translated from the Latin, with preliminary observations and copious notes. In two volumes. C. and J. Rivington, London. v. 2*.
- VASCONCELLOS, L.L. DE. 1959. *Páginas olisiponenses*. Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa.
- VERGÉS I MIRASSÓ, A. 1871. *Sant Llorens del Munt: Son passat, son present y venider. Historia de aquell antiquíssim monastir. Utilíssima als qués dedican al estudi de las antigüetats de Catalunya, y en especial als vehins de las més importants poblaciones de Vallés*. Estampa y Librería Religiosa y Científica del Hereu Den Pau Riera, Barcelona.
- VOSMAER, A. 1774. *Beschryving van twee verschillende en voor als nog zeer weining bekende platstaart slangens, zynde de bruin-rug uit Mexico, en de gerigde uit de Indische Zeen. Beide, met mof eene verschillende soorte van de laatsgemelde bewaard wordende in het Museum van zyne Doorluchtigste Hoogheid, den Heere Prinse van Oranje en Nassauw, Erf-Stadhouder, Erf-Gouverneur, Erf-Capitein-Generaal em Admiraal der Vereenigde Nederlanden, enz. enz. Beschreeven em uitgegeeven door A. Vosmaer. Pieter Meijer, Amsterdam*.
- WALL, F. 1911. A popular treatise on the common Indian snakes. Illustrated by coloured plates and diagrams. Part XVIII with Plate XVIII, Diagram and Map. *Journal of the Bombay natural History Society*, 21:1009-1021.
- WALLIN, L. 2001. *Catalogue of type specimens. 4. Linnaean species*. Uppsala University, Museum of Evolution, Zoology Section, Uppsala.
- XIMÉNEZ PATÓN, B. 1628. *Historia de la antigua y continuada nobleza de la ciudad de Jaén*. Imprenta de Pedro de la Cuesta, Jaén.
- YULE, H. & BURNELL, A.C. 1903. *Hobson-Jobson. A glossary of colloquial Anglo-Indian words and phrases, and of kindred terms, etymological, historical, geographical and discursive. New edition edited by William Crooke, B.A. John Murray, London*.
- ZAMORA, F. DE. 1973. *Diario de los viajes hechos en Catalunya. Seguit de la resposta del corregiment de Barcelona al seu questionari feta per Josep Albert Navarro-Mas i Marquet. A cura de Ramon Boixareu*. Curial, Barcelona.

Aceito em: 19.03.2012

Publicado em: 29.06.2012



## ANEXO

Fac-Simile do texto do Opúsculo

"RELAÇAM PRODIGIOZA DA NAVEGAÇAM DA NAO CHAMADA S. PEDRO, E S. JOAM DA  
COMPANHIA DE MACAO"  
(FASCUNH, 1743)

# RELACAM

PRODIGIOZA NAVEGAC,AM DA NAO CHAMADA  
S. PEDRO, E S. JOAM  
DA COMPANHIA DE MACAO,  
POR MERCE DA MILAGROZISSIMA IMAGEM

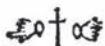
D E  
N.S. DE PENHA DE FRANCA  
VENERADA PROCTETORA DAS NAOS DE  
Comercio deste Reino, e singular amparo de todos os  
Navegantes nas suas viagens.

COM A EXPLICAC,AM, E PINTURADA GRANDE  
*Cobra, que se achou na dita Nao, e se criou dentro em hu-  
ma pipa de agoa; a qual Cobra veyo tranquillamente na  
sua companhia, e se matou dentro na mesma Nao ancho-  
rada no porto desta Cidade de Lisboa, onde foi vista,  
e admirada por monstruozo bicho; o que tudo se atri-  
bubio a prodigio, e merce da mesma milagroza  
SENHORA.*

NELLA SE DA' HUMA RARA, E EXACTA  
noticia da criaçãõ do mundo, e produçãõ de todas as Co-  
bras, e Serpentes desde a sua criaçãõ, ou dia quinto, em  
que Deos Senhor nosso criou todos os animaes, e pri-  
meiro, que todos aos animaes reptis.

DASS ẽ TAMBEM NELLA NOTICIA DE DOIS PRODIGIOS  
da mesma Senhora no mar, e da gratulatoria festa, que lhe fizeraõ  
na terra, e na sua Igreja os seus devotos navegantes de Macao.

ESCRITA POR HUM DEVOTO DOMESTICO DA MESMA SENHORA  
RICARDO FINECA, A FASCUNH.



L I S B O A:

Na Officina de Jozẽ da Silva da Natividade, anno de 1743.  
*Com todas as licenças necessarias.*



(4)



Riou Deos Senhor nosso esta admiravel fabrica do mundo cheia de várias species , e singulares produções; e para maior variedade do mundo, e melhor formozura do Univerſo, criou nelle, tudo quanto podia ſer util, e deleitavel, variavel, e vizivel. No primeiro dia a empenhos da ſua Divina Omnipotencia, e dezempenhos do ſeu grande poder, criou eſte mundo todo; e nelle ſe divizou logo a terra, e admirou o Céu. Para nelle tudo ſer vizivel, e ſe ver nelle o variavel, logo Deos, como Divina luz , dividiu as ſombras das luzes, para ſe ver tambem neste mundo hum aſſombro da Omnipotencia Divina. Fez logo nelle a luz generica , de que logo criou as tres ſpecies de luzes, Sol, Lua, e Eſtrellas, collocando logo todas eſſas luzes nos lugares mais proprios dos ſeus, reſplandores; não ſó para ornato dos Ceos, mas para divizaõ dos tempos, e mediçaõ dos dias. Eſta foi logo a primeira fabrica, ou factura ſingular do primeiro dia. No ſegundo formou Deos o Firmamento, onde collocou as luzes, e logo dividiu nelle tambem as agoas ſuperiores , das inferiores Elementais, e fabricando aſſim o Ceo Criſtalino, criou tambem o criſtallino eſpelho das meſmas agoas. Eſte como fabrica munto grande no vaſtiſſimo Elemento das agoas, foi ſó o ſeu unico empenho do ſegundo dia. No terceiro ajuntou as agoas todas, que tinha criado debaixo do Ceo, e as collocou em hum lugar da terra, que logo appareceu firme, e eſtavel, feca, e arida. Aſſim apellidou Deos logo a terra, e a Congregaçaõ das agoas chamou mares; equivocando logo o ſeu nome proprio de *maria*, ao ſoberano nome de *Maria* Senhora mais poderoza nas agoas. Para ſingularizar eſte poder da Senhora, com o titulo da *Penha*, na divizaõ do Ceo a terra, do firmamento das agoas do Ceo, ao firmamento no meio das agoas, pos logo no mundo huma *Penha* figura da Senhora, para infinituar nella, e na ſua Imagem da *Penha* o ſeu poder; e para moſtrar, que o nome *maria*, ou *Maria* era proprio da Senhora da *Penha*, logo na criaçaõ do Ceo, e da terra pos a *Penha* na ſua Imagem no meio deſſa ſua fabrica, como medianeira dos homens da terra, para confeſguir os empenhos do Ceo; foi contemplaçaõ do veneravel Beda: *Poſuit Dominus altiffimam. Rupem tanquam inter Cælum, & terram. Maria virgo, ut duriffima Rupes* diſſe hum Douto da Religiaõ de S. Agoſtinho Carlos Wanhorn, no ſeu celebrado *Marial*, e literaria Cornucopia, que como a eſta Religiaõ, por ſer proprio das Aguias pertence a *Penha* da Senhora; ſó della, e de hum ſeu eſcriptor



( 5 )

criptor de França, havia fer taõ singular esta authoridade, que he a unica para a Senhora da Penha o que naõ descobrio para a sua *Polynthea Mariana* a vastissima indagação, e devoção aos singulares titulos da Senhora, o grande seu escriptor *Marracio*. Na terra, depois de vista aquella Penha natural Imagem da soberana Penha da Senhora, criou logo Deos toda a variedade singular de flores, arvores, pomos, e frutos para regalo dos homens, e delicia do seu gofsto; e porisso tudo produzio logo a terra a gofsto de Deos, e mais dos homens; este foi o empenho, e dezempenho do terceiro dia. No quarto para mayor formozura do mundo, e distincta variedade das suas formozas partes, fes Deos aquellas duas taõ grandes luzes, ou aquelles dois Luminares a todas as luzes grãdes, o Sol, e mais a Lua; a Lua para lus da noite, o Sol para resplandor do dia; formando tambem logo com esse globo brilhante das Estrellas, ou as Estrellas, que collocou no mais luzido globo; e assim luzio essa brilhante obra de Deos no quarto dia.

No quinto porém, e antes de todas as mais criaçoens terrestres, e volateis; antes de criar as aves do Ceo, e appareferem na terra os animais, e tantos, que produs, e andaõ tanto na terra; as primeiras couzas, ou produçoens, que antaõ appareferaõ nella foraõ logo as sevandigas todas, que assim se chamaõ a todos os bixos da terra, criando Deos, e aparecendo nella primeiro, que tudo os animais reptis, ou os bixos, que reptam sobre a terra toda; assim o pode ver no *Genesis* todo o escripturario, ou coriozo. Chamaõ-se *reptis* esles bixos, ou animais, porque naõ lhe dando Deos pés para andar, tanto andaõ de rastos na terra, e arrastaõ tantos, naõ so animais, mas homens cõ a força da sua natural crueldade, e violencia. Este nome *reptil*, que se diriva de *reptar*, he nome generico a todos os animais, e sevandijas, que tantos andaõ na terra, naõ sem pés, nem cabeça, mas alguns com cabeça, mas essa má, e sem pés, nem maos, nem bons. O Doutissimo P. *Nieremberg* coriozo investigador das naturalidades, fallando desses reptis dis assim. Naõ criou Deos os reptis na terra sem uzo da natureza, nem elles engradem menos a Magestade de Deos, ou a grandeza do Senhor com a sua humildade, nem ainda com a mesma peste dos seus venenos deixaõ de ostentar a bondade de Deos; porque o mesmo Omnipotente Senhor sabe calcinar essas pestes, e permitir esles pessimos, porque naõ só ao Divino, mas ao humano servem os mesmos venenos de remedios, servindo o mesmo veneno mortifero da melhor triaga para a Medicina. Quiça por isso diga o comum Proloquio fundado, em que Deos naõ cria couza

B

má,



(6)

m., que não ha no mundo couza tão má que não tenha tambem alguma couza boa; não fallando só da bondade transcendente, que se acha em toda a entidade, ou ente, que Deos cria; e ainda nestes sevandijas da terra de tão pouca entidade. Desfes animais propriamente reptis, porque sem pes são quatro as mais vulgares, e sabidas species nas suas produçoens, *Serpentes*, *Viboras*, *Cobras*, ou *Cobrinhas*, a que chamamos *Anguilas*. *Serpentes*, que no latim se chamaõ *Serpens*, nome proprio de quem Serpa, ou separa a terra sem pés, e anda derastros. A Cobra segunda specie tem este nome, que no latim he *Coluber*, porque he munto amante das sombras, e escuridades, e porisso ordinariamente vive nos bosques, buracos, ou covas subterraneas. A Cobrinha pequena, a que damos propriamente o nome de Anguila, e no latim se chama *Anguis*. Tem assim este nome, porque he toda anguloza, ou consta de varios angulos, com que anda sempre enroscada; porisso habita ordinariamente nos angulos, ou cantos da terra, e das cazas, quando são manchas, e domesticas, ou nos cantos, e recantos do mar, e dos rios. A Vibora finalmente, que sendo mais pequena, e couza mais redicula, como redicula, que he, he mais pessonhenta, e por pequena, que he, he mais animoza. No latim se chama *vipera*, ou *Vivipera*, porque produs, ou pare as suas Viboras com munta força; ou porque sempre vivo, e munto vivo pare o parto, que lança, e porisso he tanta, e mais, que das outras Cobras a sua viva produçãõ.

Da terra, e na mesma terra criou logo Deos no principio do mundo toda essa produçãõ, e quantidade de sevandijas, de que estão cheas as terras todas. Porém não só da terra, mas de tanta sevandijaria, que se cria nella, fórma a mesma natureza estas, e semelhantes produçoens. Do sangue de muntas aves, e de outros animais, e bichos afirma Democrito, e confirma Plinio a sua produçãõ. Tambem se geraõ, ou criam de cadaveres humanos, e principalmente da medulla do espinhafço corrupto; e assim o mostra a experiencia nas covas, e cemiterios, e o afirma Plinio, Plutarcho, Eliano, Camerario, e outros muntos, a que alludio Ouvidio, quando assim o decantou no livro 15. dos seus *Metamorphozes*.

*Sunt, quæ cum clauso putrefacta est spina sepulchro  
Mutari credant humanas angue medullas.*

Da podridãõ da materia terrestre, ou da corrupçãõ da mesma terra nascem nella semelhantes sevandijas, animais, ou bichos; no seu mundo subterraneo assim o afirma o P. Kircher, e tambem de muntas plantas, principalmente da Salva seca, ou podre, e de outras  
muntas



(7)

muntas ervas, e couzas estercoreais. Avicena afirma, que dos cabellos das mulheres se podem gerar Sapcs, e Lagartos, e criar Cobras, ou bichos; porque para semelhantes produçoens, são mais humidos por natureza. Supposto isto, não parecerá ja fabula, que Meduza tivesse cabellos de Cobra, ou que por castigo da Deoza Minerva se lhe convertessem em peçonhentas Cobras os seus cabellos loiros, que tanto namoraraõ ao Deos Neptuno, e eraõ os mais formozos laços, e amantes prizoens de quem admirava na sua formozuia rara a singularidade dos seus cabellos. Por cauza da sua humidade, porque della se criaõ, e podem criar estes bichos, são estas produçoens mais proprias, e mais comuas nas terras alvas, que nas pretas; porque como o temperamento da terra preta he mais calido, e seco, e o temperamento da terra branca he mais frio, e humido, porisso as Serpentes, Cobras, Lagartos, Anguillas são por natureza frias. Tambem por accesso, ou coito das mesmas sevandijas, Cobras, ou bichos se produzem as suas species na terra; e por serem alguns ajuntamentos de animais de diversa specie se produzem, e aparesem na terra as monstrozidades, que todos admiraõ no mundo. Não só a natureza produs estes bichos, mas tambem na opiniaõ do mesmo P. Kircher se podem formar por arte; pois como afirma o mesmo Douto, das mesmas Serpentes, e Cobras assadas no fogo, ou torradas no forno, e feitas, ou desfeitas em partes munto pequenas, e diminutas, e lançadas em terras munto humidas, oleadas, ou bituminozas se produzem, e nascem os mesmos bichos. A mayor admiracão dos Authores nesta produçãõ das Serpentes, e Cobras he serem taõ prolificas, ou generativas, que ate produzem nas mesmas pedras duras, e grandes Penhas; porisso das roturas das Penhas, e concavidades dos penhascos ordinariamente sahe huma multiplicidade prodigioza, e geraçãõ continua das Serpentes, e das Cobras. Tambem ha Serpentes milagrezas, como a de Moyzes exaltada na sua vara, e da mesma sua vara, e de Aram convertidas em Serpentes, que devoraraõ as varas dos E gypcijs. Muntas vezes por milagre do Ceo como chuva tem aparecido na terra quantidade de Cobras, e Serpentes; assim tem succedido muntas vezes nas Indias Occidentais de Hespanha nos sububios da Cidade de Quito, pois quando naquelle calido Paiz, o Sol está mais intenso, e cor de fogo, costumaõ cahir do Ceo Serpentes, e cobras, que tem pouco mais de hum palmo de tamanho, e de largura de hum dedo, todas rodeadas de escamas brancas, e taõ resplandecentes, que paresem ser de prata, quando luzem; tem esta admiravel produçãõ de Cobras duas cabe-



## (8)

cabeças, huma na parte superior, seu lugar proprio, e outra na parte inferior, ou na sua cauda.

Logo, que Deos criou no mundo, e nelle se produzirão as Cobras, e Serpentes, as criou logo o mesmo Deos com suas sympathias a humas terras, e a muntas couzas terrestres, e tambem anthipathias a muntas couzas, e terras. Tem sympathias as Cobras na terra com Rapozas, Gatos, Ratos; Enguias, e folhas de Hera. Tem anthipathia grande, primeira, e mayor com homens, e mulheres, e principalmente com a sua saliva. Tambem tem a mesma anthipathia com muntos animais, como Aguia, Gaviam, Aranha, Baziliſco, Sapo, Azor, Corça, Cabra montes, Porco espinho, Carangueijos, Viado, Chamaleam, Cegonha, Rato da india, Elephante, Ourico cacheiro, Andorinha, Sanguexugas, Bibes, e Gallos, Lontra, Lagarticha, Doninha, Gafanhotos, Furaõ, Lagarto, Pavaõ, Porco, Rato de campo, Tartaruga, e Buytre. &c. Tambem tem suas antipathias com algumas terras, Provincias, ou Reynos, onde não nascem, nem se achão Serpentes, Cobras, ou animais venenozos. São estas felices terras, a Ilha de Creta, a Ilha de Sardenha, a ilha, e Reyno de Inglaterra, Hybernia, e Ilha de Malta. Tambem com muntas arvores, plantas, e ervas, e as mais dellas munto celebres, e singulares, outras odoriferas, e peregrinas tem tambem natural antipathia as mesmas Serpentes, e Cobras; São ellas o Freixo, Carvalho, Galbano planta odorifera semelhante a canafrexa, plantas de Rozeiras, e outras plantas semelhantes a ellas, Legacam erva, ou como outros lhe chamam Alegria campo, Salsa parrilha, erva de feijoens, e Trepadeiras, Beiço de asno, huma planta affim chamada, planta do cordeiro, chamada Agno casto, Erva Aneveda, Erva campana, ou Ala, Alecrim, Arruda, Alho, Trifolio erva de tres folhos chamada Trevo, Abrotea, erva de Lombrigas, flor da vide, Betonica, e Alcaparra.

A Antipathia com que Deos Senhor nosso, como Author da natureza criou no mundo as Cobras, e as Serpentes, foi a mulher, a qual disse logo o mesmo Deos, que ella lhe havia armar filadas, e fulminar traiçoens; mas com virtude superior da mesma mulher, que huma lhe havia quebrar a cabeça, e fazer a todas andar de rastos na terra. No sentido literal do mesmo texto, e natural intelligencia esta mulher tão prodigioza, ou poderoza tanto foi a *Senhora*, e singularmente com o titulo da *Penha*; e porisso debaixo da sua mesma *Penha*, e dos seus pes, como triumpho de seu poder, e diviza da sua Imagem, tem a mesma Senhora ao seu grande *Lagarto*;



( 9 )

garto, e agora terá mais esta prodigioza Cobra, que appareceo, e se matou no Navio de Macáo, e que da mesma Cidade para esta Corte navegou na companhia dos devotos navegantes da mesma Senhora; sendo toda a sua navegação felis até este Porto, e nelle a aparição desta Cobra; tudo prodigio, e milagre da Senhora; sendo na singular diviza destes bixos a milagroza Senhora de Penha de França aquella verdadeira Minerva, e melhor Deoza Fortuna; está venerada pelos antigos Patrona do mar, e das navegaçoens, e viagens; aquella singularizada no seu Templo com a insignia de Cobras, e Lagartos. A Deoza Minerva celebravaõ antigamente os Romanos, e sendo Deoza, que se persuadiaõ chymericos, que dava saude nas enfermidades do seu povo, e porisso lhe ofertavaõ da divas, e ofereciaõ sacrificios, como dizem os Escriutores Romanos, Rozino, e Carthario: *Offerebant dona ac Sacrificia pro salute populi*: tambem a pintavaõ como a Imagem da Senhora da Penha, huma Imagẽ muito formosa com hum Sceptro na sua maõ, insignia do seu poder, porque ao lado do seu Templo tinha a diviza de huma Serpente, ou de hum Lagarto; *Pingebant pulchram manu dextra tenentem Sceptrum, & ad latus erat Serpens*. Qual aquella Penha singular da natureza, e que lá refere Claudiano a que se guia a prodigioza, e innata geraçãõ das feras nas suas pedras, quando disse.

*Te lapis, & montes innataque Rupibus altis  
Robora te seva progenere fera.*

Ou aquella misterioza Penha, que servindo naõ só de hospicio mas, de Sepulchro de S. Paula como elogiou S. Hieronimo.

*Aspicis angustum praeclara Rupe Sepulchrum.  
Hospium Paulae caelestia regna tenentis.*

Nessa mesma Penha, sympathica com os a nimais reptis, ainda hoje como disse o mesmo Santo, se vem nella Lagartos, Cobras, ou Serpentes: *visuntur etiam nunc Serpentes ibi*, disse o Santo; na qual como no Tribu de Dan ha cadeas da mesma Senhora, e nos seus escravos, para prender a furia dessas feras, sem que haja algum humano Perseo, que possa soltar as Andromedas ferinas, que a mesma Penha liga ao poder, e Remora dos seus Penhascos, e Iman das suas pedras, como do poder do antigo Perseo nas Penhas do Tribu de Dan, refere *Adrichonio* no Itinerario, ou Theatro da terra Santa, quando disse: *In cujus litore monstrantur saxa, ad qua catenis alligata fuisse dicitur Andromeda bellua marina nisi Perseus illam liberasset*. A Deoza Fortuna, que tambem veneravaõ os Romanos, e nelle representava a Imagem da Senhora da Penha, pintavaõ os mesmos Romanos, elevada em hum alto Throno sobre huma pedra, ou huma Penha com hum Sceptro tambem na sua maõ, e huma Coroa na cabeça; *Pingebatur*



(10)

*tur in saxi vertice, montisque Cacumine Matróna pulchra sedens in throno radiata corona tenens manu Sceptrum*; era o Sceptro da Deoza Potuna para a infinuarem Patrona dos mares, e dos navegantes, como verdadeiramente o he a Senhora da Penha, o gubernaculo, ou timaõ; e em bom Portugues, o lème das Embarçaõs, assim afirmou Carthario, que refere o *Alapide: tenens manu gubernaculum Hispanice el timon*. Como melhor, e verdadeira fortuna, para fortuna das suas viagens he a Senhora da Penha Patrona dos navegantes; a fim o publicaraõ na sua taõ devota, como taõ grandiosa acçaõ de graças, que dedicaraõ a mesma Senhora os navegantes de Macão para esta Cidade no dia 27 deste mes de Outubro, ofertando à Senhora naõ só o seu amante Coraçãõ todo devoto, e obzequioso, mas trazendolhe por oferta propria do poder da mesma Senhora, e da fortuna da sua navegaçaõ, huma custoza, e formoza Nao, que fica guardada no mesmo Templo para publica, e eterna Cõfiçaõ da mercê da mesma Senhora. He ella verdadeiramente a mais prodigiosa Minerva filha do mayor, e verdadeiro *Jupiter*, que he Deos com a insignia, e diviza do seu antigo Lagarto, e com a publicidade agora desta prodigiosa Cobra da mesma Nao. 55 species de animais reptis, Serpentes, ou Cobras criou Deos, e produs a natureza, de que trataõ os Authores Naturalistas; o que referirei aqui brevemente, para pela sua semilhanca ou propriedade dellas sabermos, ou conjecturarmos qual destas era aquella grande Cobra, que se achou dentro de huma pipa neste Navio de Macão, que com tanta fortuna da sua felis viagem chegou a este Porto de Lisboa neste mez de Setembro, que tudo se attribuiu com grande fé na Senhora de Penha de França á prodigio singular da mesma soberana Senhora, q̄ tanta Antipathia tem com estes bixos, como o mostra assim a diviza antiga do seu Lagarto, e agora o ostenta mais a novidade de Cobra. Da produçaõ, e nomes dellas formaremos aqui hum coriozo Cathalogo pelo Abecedario para mayor clareza, e para novidade dos coriozos.

Acoati, ou como lhe chamaõ outros Miocaoati he huma Serpente, ou Cobra aquatil, que na sua cor imita a espiga de Maizio tem dentes pequenos. De comprimento tem cinco palmos, e de largura huma polegada grossa. Cria-se nas Lagoas, e agoas de tanques, ou estagnadas em Charcos, nas Regioes mais temperadas.

Acontias, Serpente, que por ter apparencia de huma seta aguda, e ter azas se chama no latim *Jaculum; Serpens volans, Chersydrus; Acoran sagittarius*, he esta Cobra escura, ou de cor de cinza no lombo, e cor branca no ventre. A natureza para a armar com escudos, a fórma toda de escamas na sua apparencia: e pelo ventre a adorna, e fortalece como laminas de bronze. Da cabeça discorrendo pelo lombo até a cauda tem duas risas,

ou



## ( II )

ou linhas brancas , e toda ella chea de pintas negras, ou matizada de manchas pretas. Achaõse estas Cobras , e muntas na *Lybia* , e no *Egiptho* ; tambem se viraõ ja muntas na Norvega. O seu commum sustento he carne humana , e de todos os animaes. He taõ manhoza , e astuta esta Cobra , que se enrosca , e esconde entre as folhas , e as arvores junto aos caminhos , e a modo de huma ligeira seta fere os pasageiros , e animaes, que passaõ. He taõ ligeira para o emprego do seu jaculo , ou fibilo venenozo , que salta de repente 20 covados , sendo a sua mordedura mais pestilente, que a da Vibora.

*Ammodites* , ou como outros dizem *Centrias* , ou *Centitres* pela dureza da sua cauda. No latim se chama *Vipera Cornuta* por ter semelhanças de Vibora, e ter na cabeça humas pontas, como xifres. Tambem *Illyiica*, e *Monoceros*. He huma Serpente cõr de area , tem a cabeça munto grande , e a pelle toda matizada com manchas pretas, e tem a cauda mui dura. Acha-se em muntas terras da Italia, e especialmente na terra Illirica. He taõ venenozza esta Cobra , que com o seu veneno mata munto depreça. Na mordedura que faz cauza huma dor muito grande, e faz hum mayor tumor, com elle cauza tambem hum fluxo de sangue , e logo na parte mordida produs huma corrupçaõ, inflige huma infoportavel dor de cabeça, a que se segue por effeito hum desmayo grande , que he muitas vezes mortal. O veneno desta Féra sendo femea, he munto mais activo , que quando he de specie masculina.

*Amphisbena* , que no Latim tem o mesmo nome , ou tambem *Amphicephalos*, *Amphiselene*, e *Armena*, he huma Cobra prodigioza, que a natureza singularizou com a monstruosidade de duas cabeças, a sua cõr he da mesma terra , onde nasce. Chama-se Cobra cega , porque a mesma natureza lhe formou taõ groçasas faces, ou taõ grandes as genas , que mal se vem nella os olhos, e por cauza tambem dellas naõ vê ella bem. He taõ contraria, e opposta ás molheres prenes, que a sua vista faz logo degenerar em infelices abortos os seus felices partos, e persegue a todas, correndo a trás dellas. A sua mordedella , ou mordedura , he tambem taõ venenozza, como a de hum Javali, ou huma Vibora.

*Anguis*, que sendo nome generico de qualquer Cobra pequena, he nome proprio de huma Cobra chamada Esculapio, e porisso no Latim se chama *Anguis Esculapii*, ou *Paras*, e *Paria* , ou *Pogerina*. He huma Cobra de duas castas, ou species; huma he toda palida, ou amarella, a outra he de cõr preta. He huma Cobra munto comprida cõr de lodo escuro, que para a parte do lombo tem mais viva a sua cõr preta; pela parte interior he mais branca , e mais para baixo he de cor verde. He toda formada de escan a , e cada huma dellas tem a forma , ou semelhança de huma

Cruz.



( 12 )

**Cruz.** Ha muntas destas Cobras em muntas partes, como na Italia, Alemanha, Polonia, Hespanha, na Azia, em Africa, e na America. Ainda, que esta Cobra por singularidade he mais mança, que todas as mais, e tambem vive domestica, como por natureza he como ellas, irritada fere, e maltrata como as mais todas.

**Epachycoatl**, he huma Serpente, ou Cobra, que tem de comprimento 5. covados, e toda ella formada de escamas negras, e brancas; e só se acha nos povos Parimineses. A sua mordedura he taõ nociva, e venenosa como as mais.

**Aspide**, que no Latim se chama *Aspis*, dizem huns, que pela aspereza desse animal; outros, que de asperfar com o seu veneno, quando o lança; e outros que pela grande aspiciencia ou esperta, e expedita potencia viziva; he hu na Serpente azulada, ou Cobra de cor azul; tem os seus dentes fóra dos Labios, e a imitação dos Javalins; o tamanho he de humma Cobra pequena, criaõ-se ordinariamente em paizes calidos, e terras quentes, e porisso produzem muito em Africa, e nas orilhas do Rio Nillo; e porisso affi-te em lugares humidos, e sombrios. Gosta tanto do fumo do Incenso, que com elle se embebeda, e perde a sua força natural. Taõ amante he a Cobra masculina da outra Cobra feminina, como sua confórte, que nunca sae da sua gruta humma sem outra, e taõ irascivel, e raivosã he qualquer dellas, que impacientes para o envenenarem buscaõ o matador de qualquer, que primeiro se mata. A sua ferida he muito futil, e taõ fórte, que logo causa sono, a quem a vé, cega-lhe os olhos, e transfórma a todos palidos, ou macilentos.

**Aquaseo**, he huma Serpente, ou Cobra, que vive nas Penhas, Montes, e Lugares secos. He de cor fusca, tem a cabeça grande, mas toda xata he taõ envenenada, e nociva, que mata dentro em meya hora, fazendo cahir a pedaço, e pedaço a carne contigua à mordedura, que logo apodrece.

**Bambas**, que no Latim se chamaõ *Bamba*, ou Serpentes magnas natraticeas; saõ huns bichos muito horrendos, Serpentes, ou Cobras de extraordinario comprimento das quaes escrevem alguns Autores, que tem 25. covados de comprimento, e 5. de largura, porisso tem hum ventre taõ grande, e disórme, que devoraõ hum Javalim, e hum Boy; sendo as mayores, as que vivem nas Lagoas. Achaõ-se muntas destas na Ethiopia, e comem toda a casta de animaes, que com as suas filadas, ou emboscadas apanhaõ, pois de tudo o que castaõ se sustentaõ, saem da agoa, onde nascem a buscar pasto à terra. Sobem astutas, e manhosas ás mayores arvores, e nellas como em atalayas estaõ sempre à vigia, para verem os animaes, e fazerem as suas prezas. Mudaõ varias vezes a sua pelle, e  
taõ



(17)

saõ munto golozas, e regaladas, e goftando munto das melhores dilicias do gofto.

Bitia, he huma Cobra affim chamada, toda he cõr de terra falpicada de pintas negras, encarnadas, e brancas; tem a cabeça, como de hum Veado grande, e affim o feu fucinho até os olhos, q̃ saõ munto pretos, e luzidios a maneira de hum viſtozo Iris, habita nas Penhas, ou nas montanhas, a panha os Boys, e Javalis, que põde. Ha munta quantidade dellas na Ilha de Cuba; tambem he taõ ſagás, e ardiloza, que ſóbe ás arvores, e ſe enroſca nellas para vigiar, e acometer todo o bixo, e animal, que põde engulir.

Boa, Serpente affim chamada, ſendo bem má, e naõ tendo nada de boa mais, que o feu nome. A eſta coſtumaõ todos chamar Cobra de agoa porque no latim ſe chama *Anguis capri mulgus*, & *Cervone diſtus* He Serpente, ou Cobra de agoa munto grande; tem ſeis ordens de dentes, quatro na parte mais interior, e dois na parte mais exterior; os olhos ſaõ taõ videntros, ou reſplandecentes, que pareſſem de vidro. Goſta munto de leite de vacas, come todo o gado, que apanha, e goſta de toda a caſta de carnes, até devorar os homens, que mata; perſegue todos os rebanhos, que vé, e bebe, eu chupa tanto leite, que de o chupar todo mata tudo, e mama até morrer.

Boigaucu, a que os Portuguezes chamaõ Giboya ou Cobra de Veado; entre todas as Cobras, ou Serpentes he a mayor de todas, pois tem o peito taõ groſſo como o de hum homem munto gordo, e no tamanho, e groſſura ſe equivoca no Brazil com os mais famosos, e frondozos troncos das meſmas arvores do Certam; toda ella he de varias cores, ſobre ſahindo nella mais a cor de cinza, ou a cor de caſtanha, e baya, he munto voras, ou voradora, ſuſtenta-ſe de todas as carnes, e taõ forte que até põde devorar Corças inteiras, e Cabras, mais mamando, ou chupando o que apanha, do que comendo, ou maſtigando. Achaõ-ſe muntas domeſticas nas meſmas cazas, onde bebe, ou ſorve os o vos das galinhas. He taõ animoza, e forte nas grandes forças, que tem, que ſõ com huma enroſcadura ſua, ou com hum abraço mata os homens, quando os aperta; naõ tem porém veneno algum, e a ſua carne he delicioza para o goſto, e a come no Brazil munta gente, que goſta dellas, que para tudo ha goſto nos homens, ſendo alguns bem depravados.

Boiobi, a que os meſmos Portuguezes chamaõ Cobra verde, he do tamanho de hum braço, e de groſura de huma polegada; he huma Cobra munto bonita, e toda reſplandecente, ſendo a ſua cor toda verde. Achaõ ſe muntas no noſſo Brazil, e folga munto viver nos e dificios, ou

D

nas



( 14 )

nas cazas; a ninguem fas mal , se a não perseguem , ou irritaõ , porém a sua mordedura he venenosa.

Boiquira ou tambem no latim *Boicininga*, *Theutlacocabqui* chamada Cobra de calcavel, ou tangedor ; a quem o erudito P. *Nieremberg* chama *Domina Serpentum*. Muntos Authores com grande variedade explicaõ a figura , ou representaçãõ desta Cobra. He da grossura de hum braço , e de comprimento tem cinco pés , e tem a lingua bifulsa , ou de dois cortes , todos os annos cresce na cauda , e nella se augmenta o seu veneno ; tem as costas , ou o lombo ao modo de huma cadea palida , amarela , ou cor de oiro , e toda ella tem figura cubica de anzois pequenos , como calcaveis , com os quais , quando anda , ou serpa sobre a terra fas hum estrondo grande como hum som de campainhas , que se ouvem munto ao longe , e porisso lhe chamaõ Cobra de calcavel , ou tangedor. Nas mais remotas Provincias , Regioens da India se ouvem , e vem estas prodigiozas Cobras , e nas terras mais quentes , ou Provincias mais Calidas ; habitaõ mais frequentes nos lugares mais remotos , invios , e sem caminhos. He taõ ligeira no reptar sobre a terra esta prodigioza Cobra , que mais pareffe , que voa , do que anda ; todos os annos formaõ hum novo som os seus Calcaveis , servindolhe a sua cauda , como de cordade fino , ou rabo de Campainha ; e pelo diverso toque de cada anno se conhece a sua idade. Quando mais se enfurece , e raiva mais , mais toca , e melhor tange. He munto venenosa a sua mordedura , fas logo nella appareffer podridam , de que nascem erpes.

Boitiapo , a que tambem os Portuguezes chamaõ Cobra de Cipò ; he huma Serpente , ou Cobra , que tem 7. ou 8. pès de comprido , tem a grossura de hum braço , e he gibosa , ou corcovada no lombo , que o tem todo a cuminado , e erguido. A sua cor he verde negro , cor de o liveira ; o ventre cor de oiro , mas toda formada de galantes , e vistozas escamas , em fôrma de triangulos , ou em figura triangular. Vesse esta Cobra nas Regioens mais remotas , e peregrinas da India ; sustenta-se de Rans , e bixos , e he munto venenosa.

Borobi , he huma Serpente , ou Cobra do nosso Brazil ; toda ella he cor de ferro , e no ventre branca , e verde ; de comprimento tem tres pès , e hum dedo de largura ; tem huma boca munto grande , e he munto venenosa. He Cobra domestica , que muntas vezes vem , e vive nas mesmas cazas ; e nellas gosta munto de ovos de galinha.

Bazilisco , a que alguns Authores chamaõ *Serpens Nilliaca* , he o animal mais terrivel , e venenozo , que cria Deos , e produs a natureza ; pois não só mata com o seu mortifero veneno em hum sopro , ou sibilo



( 15 )

sibilo , mas até com á sua maligna viãta , em huma viãta de olhos. He observaçoõ porẽm de alguns Phizicos Naturalistas , que naõ mata o Bazilisco , a quem só para admirar a sua galantaria , e esperteza olha para as suas cores pelas costas , mas sim a quem olha diante delle , e diviza nelle , ou emprega os seus olhos ; por cauza , e medo desta qualidãde taõ maligna fogem delle , e elle mesmo a fugenta as outras feras . O seu halito he taõ nocivo , e o seu vapor taõ envenenado , que até com elle inficiona o ar , e o mesmo Ceo . Outros Phizicos afirmaõ , que se algum animal , ou homem vê primeiro o Bazilisco , do que ella o veja , elle morre , e naõ quem o ve ; porẽm se elle o vê primeiro , mata a tudo , quanto vê . Admiravel em tudo foi a invençaõ dos espelhos , para com elles tambem pilharem este taõ venenozo animal , pois lançãdo no mesmo espelho o seu venenozo halito , com elle reverberãdo no mesmo espelho , que se lhe poem á viãta , se mata elle á sy proprio , e fica livre o dono do espelho com a sua artificioza invençaõ .

Cecilia , he huma Cobra assim chamada pela sua cegueira , e porisso fallãdo della os Latinos dizem assim *Cecilia accitate nomen habet* ; tambem elles lhe chamaõ *Cacula Carialla* . A sua cor he munto fusca , ou escura , mas tem nella algumas pintas , que tem alguma cor de oiro ; varea estas cores pelos lados , que se misturaõ com manchas pretas , e cor purpurea ; he singular tambem a sua lingoa , porque tem nella duas pontas . Sam muntas em toda a Germania , e assistem entre os espinheiros . He munto velõs no seu reptar ; e tambem a maneira de Viboras produzem munto vivas as suas produçoins ; a sua pesõha he mais venenosa para os Boys .

Caninãna , he huma Serpente , ou Cobra de 8 palmos de comprimento , pelas costas he toda verde , e pelo ventre cor de oiro . Ha muntas na Africa , e na America , sustenta-se de aves , e dos seus ovos . He menos venenosa , que as mais ; e tirada a cabeça , e a cauda , onde só tem a pesõha , tudo o mais se come , e goãtaõ della os povos de Africa , e Americanos .

Cenchrus , que outros chamaõ Milliaris , porque nasce entre os mi-lharais , he huma Cobra que só aparece no tempo do milho , pois quando elle florece , ou cresce , antaõ he mais venenosa . A sua estatura he munto grossã , mas finaliza em partes munto delgadas . Tem a cor verde , mas degenerãdo em cor de lodo , e tem dois covãdos de comprimento . Achaõ-se na Ilha de Lemos , e na terra de Samia ; aperta a todos os animais com a sua cauda , e fazendo-lhe



( 16 )

He arrebentar as veas he chupa todo o sangue ; pelo Estio anda sempre pelos montes ; e he taõ venenozza , que a sua mordedura he mortal a maneira da Vibora , que formando hum tumor aquatil no ventre , cauza huma obstruçãõ , ou Hydropezia , que mata.

Ceraſtes , que no latim ſe chama *Coluber Thebanus* , ou *Criſtallis* , *Ceriftalis* , *ſirtalis* , e *Trifcalis* , he huma Cobra , que tem de comprimento hum covado , e todo o corpo he de cor de arèa , e cheyo todo de eſcamas , mas munto mais para a cauda ; na cabeça tem duas pontas , como xifres. Acha-ſe na Lybia , e ordinariamente anda , ou repta pelos caminhos de carros , e carretas , e a tudo , o que en contra acomete , e mata. He huma Cobra munto amante de agoa , e porifſo naõ pòde nunca tollerar a ſede. Com as ſuas pontas acomete as aves , e as caſſa , e come. A maneira de Viboras produs os ſeus fetos ; e anda , ou repta com paſſos nunca rectos , mas ſempre tortos. Nas ſuas mordeduras cauza logo hum tumor preto , ou huma corrupçãõ nigrante ; fas en louquecer a gente , que a liena os ſentidos , tira a viſta , ou cauza nella grande falta , e deixa humas grandes dores de olhos.

Cumcoali , he huma Cobra , que tem quatro covados de comprimento , e a largura de hum braço , e vive , ou naſce ordinariamente na America ; reſplandece munto denoite , porque he munto eſpacular a ſua apparencia , e a ſua mordedura he lethal.

Cuilcahuila , que ſignifica o meſmo , que quem pelleja com finco homens , he huma das Cobras mais fortes , e mais poſantes , que ha ; com grande impeto acomete os homens , que encontra , e com tal força os oprime , que huma só **ves** , que ſe enroſque com qualquer homem o fas logo em pedaços , e o mata ; tanto ſe aperta aſy meſma com a ſua forte cauda , quando lhe eſcapa algum , que ſe mata aſy meſma. Quem pois lhe ſabe eſta qualidade da natureza , para ſe defender della lhe lança hum madeiro , ou huma arvore , e cuidando ella , que he hum homem , com que ſe abraça , tanto aperta o meſmo madeiro , que aſy propria ſe mata.

Cuba , Serpente , ou Cobra aſſim chamada , porque na Ilha de Cuba naſcem muntas , e munto prodigiozas ; tem o comprimento de huma lebre , e he ſemilhante a ella . tambem tem ſua eſpecie de Rapoza , porque tem a cauda , como ella , mas he ainda munto mayor. A cabeça he como a de huma Doninha , o pello , ou cabelo , que tem he como de hum Texugo , e os pés a modo de hum Coelho ; comem ordinariamente huns animais terreſtes.

Chiappa



( 17 )

Chiapa, he nome de huma Vibora assim chamada, e porisso no latim se chama *vipera Chiappæ*, nome da mesma terra, onde ha quantidade dellas. Saõ humas todas pretas, e outras matizadas de varias cores; taõ venenzas saõ, que a tudo aquillo, que mordem mataõ logo; pois como, dizem os Naturalistas, ainda ao mais ferõs cavallo mataõ no espaço de hum dia, fazendo-lhe derramar o sangue por todas as juntas, ou junturas, que tem o seu corpo; tendo ellas quatro, como jenellas da natureza, ou partes distinctas, por onde lançaõ; ou vomitaõ o seu veneno. Tanta, e tal dependencia, como mayores sublunares, tem estes bichos com a Lua, que na Lua chea, ou Quarto crescente saõ mais brandas, e mais terriveis no Minguante da Lua. Tem tambem outra singularidade da natureza, que fazem lancar sangue pella mordedura, e mataõ logo, se mordem pella manhã; porem se mordem detarde, naõ saõ mortais, ou mortiferas as suas mordedelas. Tanta he a quantidade de pessõha, que tem dentro de si, que se a maltrataõ, ou pizaõ com hum pao, falta o veneno ao braço de quem a maltrata, e o mata logo.

Dypsas, a que S. Izidoro chama *Situla*, he huma Cobra do tamanho de hum covado, o corpo todo alveja com malhas brancas, das quaes humas inclinaõ para cor amarela, e outras para cor preta. Andaõ muntas destas por Africa, Lybia, Arabia, e pella Syria; saõ munto venenzas; e os sinaes do seu veneno saõ huma dor vehemente, huma infaciavel sede, huma abundancia de suor, e huma expulção grande de curinas; fazem no ventre hum grande tumor no seu redenho, como huma especie de hidropezia.

Drifnus, que no latim se chama *Querculus Illyricus*, *Andrias*, *Brymus*, *Durissos*, *Glandolosa*, &c. he huma Serpente, ou Cobra munto grossa, e com o corpo munto obesso; tem muntas escamas, e munto asperas, e tais, que dentro nellas formaõ as moscas os seus ninhos, ou enxames. Tem a cor algum tanto denegrida; a cabeça como de Hydra, e igual a ella; porẽm a parte posterior munto mais larga. Nas montanhas, e lugares mais interiores de Africa se achaõ muntas; buscaõ para viver os paus, vargens, lizirias, ou prados humidos; comem todas as sevandias da terra, como Gafanhotos, e Rans, &c. chamaõ-se *Quercus*, porque esta Cobra habita ordinariamente nos fotos de Carvalhos; quando anda por entre elles, ou por qualquer outra parte, he com tal estrondo, e violencia, que levanta a areia, e põ da terra, que pareffe huma nuvem de fumo. O seu veneno he taõ maligno, que cauza tumores negros, exalta a melancolia, e fas cegueira nos olhos, ocasiona tristezas, dores, e tremores

E

res



( 18 )

res dos nervos; quando morde fas gemer a gente, e animais, como gemidos, ou ballidos das ovelhas, e excita a vomitos biliozos, e languineos.

*Elaps, Elops*, ou *Elapis*, he huma Cobra, que tem o ventre cor de lodo, e as costas cor de leivas da terra com tres riscas, ou linhas pretas desde a cabeça ate a cauda. Acha-se esta Cobra em muntas partes, e diversas Regioens, principalmente na Provincia de Apulia no Reyno de Napoles; não he munto venenoza, porem quando morde fas chagas, que corrompem a carne.

*Hemorrhous*, que pello fluxo do fangue, que cauza como de *Hemmoroidas* he huma Serpente, ou cobra assim chamada, e ate no mesmo latim se chama *Hemorrhouis, Afrodius, Afudius, e Thomias*, he huma Cobra de pequeno corpo, mas munto viva, e esperta nos olhos, que não só são cor de fogo, mas cada hum delles pareffe o mesmo fogo natural, que scintilla, e lança faiscas; tem a pelle toda munto viutoza, e resplandecente com muntas mancias, ou malhas pello lombo, que todo he matizado de preto, e branco; tem a cervis munto pequena, e a cauda munto tenue. Nascem muntas destas na India, e no Eyptho; são natural, e amante he das Penhas, que só nellas vive dentro dos seus buracos mais escondidos, e roturas mais reconditas. He munto vagaroza no seu reptar, ou andar sobre a terra; mas he munto venenoza a sua mordedura, que logo fica cor de fangue, e cauza munto fluxo de fangue, não só onde morde, mas tambem pellos narizes; nas chagas, que fas, quando morde, fas logo huma grande excrecencia da carne, e a enerva munto, que fica como morta, e fas tambem grandes faltas de respiração.

*Hemorrhouis*, outra Cobra semelhante a outra deste nome, que tambem se chama assim pella cor de fangue, que fas lançar, quando morde; tem quatro palmos de longa, tem a sua cor fusca com manchas encarnadas. A sua mordedura he tão pestilenta, que dentro em huma hora comessa hum homem a exvairse em fangue, e dentro em hum dia o lança de toda aparte do corpo ate morrer ex-haurido de todo elle, e stitico. Ha muntas destas Cobras nos campos de Luca, ou Lucatenses.

*Hyena*, Serpente, ou Cobra Hemaphordita, porque como dizem os naturalistas participa de ambos os sexos; e com tal singularidade, ou singular providencia da natureza, que em hum anno mostra hum sexo, e em outro ostenta outro diverso; este he só a raridade, que referem della os Naturalistas.

*Hydrus*, que tambem no latim se chama *Natrix*, e *cobber aqua*.



( 19 )

*aquaticilis*, he huma Cobra, que tem semilhança de hum Áspide, excepto na cabeça, que não he tão larga. He toda cor de cinza com muntas escamas, ou manchas, e tem dois sibilos, ou pontas na sua lingua, e em tudo o mais he como as mais Cobras; produzem munto na ilha de Corfu, e no lago Mycleo junto a Tarracina no fim do estado Eccleziastico, e raya do Reyno de Napoles; no mesmo Reyno todo, e principalmente no lago de Pozuolo, e na lagoa Aymani junto a elle. Vive munto, e affute nas agoas calidas, e sulphurêas, e porisso gosta das agoas Thermais, ou de banhos. He munto vorás, e guloza come muntos peixes do Mar, e dos Rios, Lagoas, e Xarcos. He munto venenoza, e mais cruel na terra, do que na agoa; tem pessonha tão pernicioza, que he mortal.

Hydro marinho, ou no latim *Hydrius marinus*, he huma Cobra de extraordinaria grandeza, e delimitado tamanho, semilhante em tudo ás mais Serpentes, e Cobras; e sendo por natureza aquatil, não gosta de agoa doce, mas vive na agoa salgada. Quando se quer apanhar esta Cobra, pertende, e consegue com o rasto, e com o rosto levantar tanto pó, e areia, que cega a gente.

Ibiboboca, que no nosso Brazil chamaõ Cobra formoza, bonita, ou linda, e porisso no latim se chama *Anguis pulcher*, os mesmos Portuguezes lhe chamaõ Coral, ou Cobra de corais; he Cobra da casta das cobras mais peregrinas, e admiraveis, tem dois pés de cõprido, e huma polegada de largo; toda ella he de cor branca com manchas negras, e pintas rubicundas; na cabeça tem muntas escamas brancas, mas cubicas. Ha muntas no nosso Brazil, e na India; terrivel, e maligna he a sua mordedura, e tão funesta, que logo mata, e quando não mata logo, a sua pessonha he tão mortal, que vai matando lentamente, a quem morde.

Iraraca, he huma pequena Cobra, que rara ves passa de meyo covado de tamanho; toda he cor de terra, e toda ella chea de manchas pretas; he Cobra munto especial, e peregrina, que só vive nas regioens mais calidas, e terras quen tes. He munto envenenada, e a sua mordedura tem os mesmos efeitos, e simphomas, que a da Vibora.

Lagarto, Lagarta, ou Lagartilha, nomes saõ de animais venozos, mas continuos, e conhecidos em todas as terras, e em todo este Reyno, pella prodigioza multiplicidade, e grande abundancia; que em toda a terra ha de semilhantes bixos; no latim se chama *Lacertum*, ou *Lacerta*; sendo bem celebre neste Reyno, e visto nesta Corte o grande, e prodigiozo Lagarto de Fenha de França singular,



( 20 )

lar, e propria diviza de taõ celebrada Imagem, e de taõ prodigioza Senhora. He comum proloquio nas continuas romagens, ou romarias, que fazem os seus devotos a sua santa Caza a ver aquella milagroziissima Senhora, Sanctuario mais celebre, e mais frequente desta Corte, onde nunca acabou deste o seu principio a sua grande devoçaõ, nem ao menos se intibiou por algum tempo, como a devoçaõ, e romaria de outras milagrozas Imagens. Costumaõ pois huns aos outros dizerem com devoçaõ mas por graça: *Ob Mana fostes á Penha, vistes o Lagarto, feyo bicho*. A noticia da sua apariçaõ, que dizem foi neste citio, ou lugar da sua Igreja, e Convento Augustiniano, que como filhos primogenitos, e em tudo legitimos da grãde Aguia da Igreja, e dos Doutores seu Pai, e primeiro fundador S. Agostinho, como Aguias buscaraõ, e so se lhe devia dar o citio daquella Penha; porque só nas Penhas, como disse Job, he onde habitaõ, e vivem as Aguias. Antigamente era huma Penha, ou penhaço inculto chamado cabeça de Alperche. A incuria, e pouca coriozidade dos noslos antigos, que só tratavaõ mais da sua sincera devoçaõ a taõ prodigioza Senhora, do que da noticia, e historia singular de taõ milagroza Imagem, e de taõ prodigiozo Lagarto, fas com que só ficasse em pia tradiçaõ huma historia certa, e verdadeiro milagre do seu Lagarto; sendo tambem comua tradiçaõ, que acometendo para matar, e comer ao Hermitaõ da mesma Senhora; este implorando o grande poder, e singular patrocínio de taõ milagroza Imagem; ouviu della hume vós, que lhe dizia; *tem animo contra esse bicho, e matao com essa navalha, que tens contigo*; o que tudo succedeo assim, collocando-se logo o mesmo Lagarto na Igreja da mesma Senhora, para vizivel despojo do seu triumpho, e insignia especial, que quis ter na sua Igreja a mesma milagroza Imagem. Até o anno de 1739. se conservou na dita Igreja, e na caza que nella tem, e se chama ainda caza do Lagarto o mesmo monstruozo bicho com a sua pelle desde o pescoço até a cauda, todo formado, e organizado com os seus pes, e maõs, e cheyo por dentro de palha; mas como se hia ja corrópendo por cauza da humidade, e do munto tempo se tirou, e se vio de novo, a que concorreu munta gente por devoçaõ, e coriozidade, naõ só desta Corte, mas de todos os seus redores, e de muntas terras, e distantes Villas deste Reyno; sendo tal a sua sincera devoçaõ, e grande fé na Senhora, que pediaõ delle pedaços, como se fossem reliquias, furtando humas, e cortando outras, persuadidos da mesma fé, e devoçaõ, que eraõ antidoto, e remedio para cezoens, e febres; pois sei de algumas pessõas, que

fa-



( 21 )

fazendo os mesmos pedaços em pos be Lagarto , sem ferem effes da botica , mas da Apotheca Medicinal da mesma prodigioza Senhora, a quem S. Bernardo chama Apotheca, ou Botica Medicinal : *Maria est Apotheca Medicinaria*; sendo nella Christo seu filho o melhor, verdadeiro, e Divino Medico , e a Senhora a melhor Botica, e singular Apotheca, nella formou a medicina especifica, e singular triaga, para curar todo o mundo enfermo pello mortal veneno da primeira culpa original, que originou a Serpente, Cobra, ou Lagarto, que logo no Paraizo terrial tentou , e enganou a Eva nossa Mãy, que como mulher enganadora, corioza, e gulozza até se tentou logo com hum bicho, ou com huma horrenda Serpente, e a todos os homens transfuzos na cabeça de Adam, enganou, perdeo, e envenenou a todos, e porisso disse fallando da Senhora, Richardo de S. Lourenço : *Maria est Apotheca Christi Medici, qui per Mariam venit sanare mundum languidum qui per Evam egrotabat morfu Serpentis*. Sendo a Senhora de Penha de França, Penha verdadeiramente da faude de todos, como na gentildade veneravaõ Penha da faude aqnella Penha, ou monte de Arnon de quem disse Ambrozio Tarvisino : *Mons Arnon, qui in fastigiatam protenditur Rupem*, a que elle especializou este lemma: *Te pereunte salus*. O cóprimen-to do prodigiozo Lagarto de Penha de França mostrava ser de 14 palmos da cabeça até á cauda todo elle cor verdenegro, e em partes mais claro formado de escamas taõ duras, e groças, que o naõ passariaõ tiros de balas, mas antes poderiaõ servir de escudos para rebater as balas, tiros, ou golpes; a sua grossura de mais de hum homem bem gordo. Para rebater o grande concurso de gente, que o vinha ver, ou admirar, e naõ o cortarem de todo, e o levarem comsi-go, para assim se naõ perder a sua apparencia, e conservar-se a tradiçaõ do milagre do Lagarto da Penha, se penduráraõ na sua antiga caza muntos pedaços d'elle, ou muntas postas, que ainda hoje se conservaõ, e parellem postas de toucinho, ou pelspernas, pas, ou prezuntos, que estaõ pendurados. Da outra parte, e onde estava antigamente na sua mesma caza do Lagarto se collocou outro de madeira entalhada, e pintada, que representa o seu tamanho, e figura, para memoria eterna do prodigiozo cazo do Lagarto da Penha, insignia, que tanto quer, e com que se conhece nesta Corte, e neste Reyno a prodigioza, e milagrozissima Imagem de N. Senhora de Penha de França. Ha muntos destes Lagartos no nosso Brazil, a que la chamaõ Jacareos.

Maripeto, que no mesmo latim se chama *Maripetus Anguis* he  
F
huma



( 22 )

humã Cobra aquatil, que não apparece sempre, mas só em algum tempo, e quando apparece he só na India; para enganar a gente da terra se mete no mar, e com a sua cauda abre as ondas, e corria os mares, parecendo as suas escamas a modo de Polypo s, ou Polvos em que se transmudaõ.

Macacoati, he huma Serpente, ou Cobra de 20 pés de comprimento, na gordura, ou grossura tem a quantidade de hum homem; a cabeça, he como hum Veado, e porisso em latim se chama *Coluber Cervinus*; quando envelhece se lhe divizaõ de novo humas pontas, ou xifres; achão-se muntas na America, e especialmente no Mexico.

Prophirio, e no latim *Prophyrus*, he huma Cobra do tamanho de hum só palmo tem a cabeça branca, mas não tem dentes. Achão-se nos montes da India contra a parte do meyo dia, e nella achão os seus cassadores a precioza pedra Sardo, ou Rubim, e porisso he munto procurada, e estimada de todos. Não morde esta prodigioza, e precioza Cobra, porque não tem dentes; mas o seu vomito cauza podridaõ, e tem tanto veneno, e taõ activo, que fas lançar fora da cabeça o mesmo cerebro.

Polpoch, Serpente, ou Cobra pequena, que tem de comprimento tres palmos, e he da grossura de hum braço; he em partes de cor fusca, da cabeça até o meyo he preta, tem a cabeça pequena, e os olhos grandes, e munto resplandecentes; a cauda quazi taõ grossa como o corpo, e tem munta semilhança com o Scorpian. Não só de hum modo, mas de dois; todo he malefico este animal, pois com a cauda aperta, e com a boca morde, e todo elle he pessonhento. Vem-se nas arvores estas cobras enroscadas, para verem quem passa, e pilharem tudo; a sua mordedura he taõ pestilencial, que mata dentro em tres dias, apodresce logo a carne, descarna os ossos, tira a cor do rosto, que fica palida, e exhala hum fedor horrendo; não he munto grande a dor, quando pica, ou morde, mas a pouco, e pouco vai debilitando as forças, enfraquece, ou prende os nervos, e mata aos homens com hum tremor; achão-se estas Cobras nas Indias, e nas Provincias de Jucatá.

Podalitzá, nome de huma Cobra, que se acha no Reyno de Polonia, onde he munto nociva. He munto grande, e chea de muntas pintas, ou manchas munto vistozas, e porisso em tudo he munto formozas nos campos; os camponezes a conhecem todos, e fogem della, quando ouvem o seu sibilo, ou asubio; mata todos os cains, que morde.

Prester, assim no latim he o nome de huma Cobra, que tem munto



( 23 )

munto prestimo, para fazer mal, pois para algum bem não presta, como também munta gente, que o podiaõ fazer. He tao veneroza, que a couza, ou pessoa, a quem morde, logo fica estúpido, e imovel, louco, e alheo do discurso; caenlhe logo os cabellos da cabeça, e cauzando huma evacuaçãõ de vomitos pella boca, ao mesmo tempo forma huma Diarrhea, que mata!

Ruberaria, que no latim se chama *Ruberaria natrix*, e os Polacos a apellidaõ Podalica, he huma cobra munto chea de maculas, ou manchas; e he Cobra, que vive munto, e dura munto tempo; com o grande sibilo, com que grita, ou assobio ella mesma se entrega aos Rusticos, que a acham. Acha-se no Reyno de Polonia, e em outras muntas partes; o seu sibilo he como vos sonora, que imita a vós suave de hum pintarroxo.

Serpente grande da India, que até no latim se chama *Serpens magnus Indiae Orientalis*; tem mais de 25 pés de comprimento, a que chamaõ Raynha das Serpentes. A sua grandeza extraordinaria correspondem as suas desmarcadas forças; mata toda a casta de homens, animais, Bois, Veados, Javalis, que tudo devora inteiro, e assim consta de muntas experiencias; cinge ao que apanha com o corpo, e com mayor força com a sua cauda, pegada para mayor violencia a huma arvore, e de tal forte os abraça, e com elles se enroscas, que quando aperta lhe quebra os ossos, e faz tudo, ou os desfaz em polme. Saõ munto luxuriosos estes monstruosos bichos, e até com as mulheres castiçao, e propagaõ; pois como escreve D. Andre Cleyoro nas noticiazas Ephemeridas da Germania, na Cidade de Ambona nas Ilhas Molucas, se achou huma mulher pejada de huma destas Serpentes. O seu corpo he todo branco, mas todo rodeado de escamas pretas a maneira de redes, ou cadeas.

Serpen au chaperon, que assim se chama em Frances a Cobra de capello, no latim he *coluber capillatus, aut pilosus*. Tem este nome assim, porque tem huma capa, ou hum veo pella cabeça, e quando o alarga parelhe huma Freira com toalha, e com patas a antiga. Nella nasce huma pedra como Triaga, que lançada em agoa, e bebida, com a virtude da mesma pedra he singular contraveneno. Ha muntas em Africa, Melinde, Monsambique, India, e China. Também se applica esta pedra, que chamamos de Cobra a qualquer mordedura venenoza, e posta sobre ella pega tanto, que não se tira até ella não tirar o veneno de todo; he experiencia continua, e eu a fis, não ha munto tempo.

Scorpio, ou Escorpiam, he huma Serpente, ou Cobra, que vive



( 24 )

ve nas Penhas. He munto manhoso este animal, e munto enganador na cabeça, ou face, que dizem he tão agradável como de mulher, pois sempre mostra agrado, a que n' o ve; e para final do seu agrado fingido abraça a gente, e lhe cinge os braços; na cauda, que he munto aguda, he onde tem o seu ferraõ peffonhento, e nocivo, etanto, que logo he mortal; e só lançado em agoa perde o veneno.

Sacro, e no latim *Sacrum*, assim se chama huma Serpente, ou huma Cobra. He ella munto pequena, mas sendo assim fogem della as mais Serpentes grandes, porque só com huma mordedura sua a qualq'uer dellas, logo lhe apodrece todo o corpo. Della se conta, que matando hum homem, e só com huma mordedella, ate fes apodrecer logo os proprios vestidos do mesmo homem morto.

Scolopendra, a que se dá o titulo de Cobra marina he semelhante a Scolopendra da terra. He affinalada, ou singularizada da natureza, pois na ultima parte da cauda tem huma ponta aguda, como hum xifre, e pella parte eminente tem hum ferraõ mui sutil, e munto agudo. São de duas maneiras, ou de duas castas estas Cobras, porque humas se chamaõ nuas, porque naõ tem pes reptis, e outras que tem huns pezinhos munto enteriçados; mas todas são de cor de Amethisto. A Cobra marinha sempre anda no mar, pesca-se com hum anzol, e devorando-o, ou engulindo-o lança tudo, quanto tem no seu ventre; torna despois a comer o vomito, e lança hum fedor horrendo, e horrivel fetido. A sua mordedura pica, e arde, como de hum molho de ortigas.

Seps, que tambem no latim he *Patrio*, *Sepes*, *Sepedo*, e *Selsie*, he huma Serpente, ou Cobra com huma cabeça grande, pesçoço pequeno, e cauda curta; tem de comprimento dois covados, e he toda variegada, ou matizada de varias cores. Achaõ-se ordinariamente estas cobras na Syria, e na Arcadia. He munto venenosa, e tanto, que a carne, que morde logo se corrompe.

Terrauhcoatl, he huma Serpente, ou Cobra de tres palmos de comprimento, e tem só hum dedo de grosso; o lombo he todo negro, o ventre branco, mas tambem mesclado de loiro, e a cauda para o fim he encarnada; e a cabeça he negra, e pello pesçoço a cinge huma, cadea cor de oiro. Produzem na America, e nas regioens calidas, onde se achaõ. O seu icõ, ou mordedura he pestilente; o remedio para curar, e impedir o seu veneno he mamar.

Thecoatl, que no latim se chama *ignitus Serpens*, Serpente que pare se fogo, he huma Cobra, que tem seis palmos de comprimento, e de largura tres dedos; pello lombo toda he cor de oiro, e pello ventre



( 25 )

ventre cor de cinza; criasse nas Penhas, ou nas montanhas, e principalmente nos montes Tepertlanios, sempre anda enroscada para todas as partes, e he taõ venenosa, que a sua mordedura he mortal.

Theoa, que tambem no latim se chama *ignis Coluber*, he huma Cobra longa de seis palmos, e da grosura de hum dedo, he munto vistosa pelas cores, e toda matizada de pintas, humas brancas, outras negras, outras fuscas, e outras cor de oiro; a cabeça he de Vibora, a cauda he munto terrivel, e finaliza em campainha. Ainda, que he peregrina na vista porque resplandece denoite com o fogo, he hospeda na America, onde vive domestica com todos; anda munto devagar, e sempre lus como hum Cagalume. Naõ obstante ser munto mansa, a sua mordedura he mortal, quando he irritada, ño perseguida.

Torquata, que no latim se chama *Torquata natrix*, e pellos circulos, que forma como cadeas, quando anda, ou reptta sobre a terra, tem nella tambem o nome de Torques. Tambem no latim se chama *Nerophis*, *Serpens niger*. *Carbonarius*. He huma Serpente, ou Cobra munta gorda, ou muy grossa, mas vaiße atenuando mais para a cauda; tem o lombo negro, e entre algumas cor de lodo, e verdenegro, tem humas linhas, ou riscas totalmente pretas. Nasce nos prados, vargens, ou lizirias; costuma andar nas agoas dos xarcos, e lagoas, e assistir nos esterco; o seu manjar comum saõ ratazanas, ratoens, ratos, ratinhos; he munto amiga de leite de vacas, e lho chupa todo ate lhe tirar o sangue. Quando dormem os homens, ou os animais, entralhe munto subtilmente pella boca dentro; porem com o cheiro, ou vapor do leite, que se beba, sahe ella logo para fora; aos que ella apanha descuidados, ou dormindo entra tambem pella boca, e os incita logo a cantar.

Tarantula, que no latim se chama *Phalangium*, ou *Siellio*, he huma Cobra na apparencia de Lagarto. Tem este nome, porque toda ella he matizada de malhas brancas, que pareßem estrellas, que muda todos os annos. Debaxo de taõ luzido engano tem ella em si o mais refinado, e mais esquipatico veneno; he de si taõ maligno, que sendo a sua pelle medicinal para a Epilepsia, como quem sabe este remedio ate devora a sua mesma pelle, para naõ f car esse seu remedio na terra. A sua mordedura cauza estupores, fraqueza de nervos, e tremores de corpo. Sustenta-se de orvalho do Ceo, e das Aranhas da terra. Para se evitar o seu veneno, dizem os Naturalistas, o melhor, e mais suave remedio he cantarlhe, e tangerlhe huma flauta, ou huma Cithara, porque gosta munto de Muzica. Vive



(26)

ordinariamente nos buracos das pedras, e das Penhas, e quando o Sol está mais intenso na Apulia, fáhe das tocas, e quando morde, e envenena, inquieta a todos de tal sorte, e com tal esquipaçãõ rara da natureza, que a huns fas cantar, a outros baillar, e a outros chorar, e a muntos até endoidecer, ou atarantar, nome que no nosso Portugues se diriva da palavra, e nome da Tarantula; cauza estu-pores, e fas apodresser os nervos ate matar.

Vibora, ou Vipera, e Vivrpera, que assim se chania no latim, porque como dizem os Naturalistas *Vipera, quia Vipariu, aut quod semper vicum pariat factum*, communmente he como humia Cobra do tamanho de hum covado; tem a sua cor flava, como cor de oiro matizada com muntas pintas; a que he mais maligna tem cabeça munto pequena, e aguda, o pescoço mais grosso, mas o corpo mais tenue, e mais comprida no corpo. A femea he mais agil, ou ligeira, tem o pescoço mais estendido, e a cauda mais pequena. São muntas as diversas partes, onde se achaõ, como na Italia, Hespanha, India, Chypre, Chio, Malta, ate que São Paulo foi a dita Ilha, e vendo-se rodeado de tantas, as converteo todas em pedras, cujas lingoas assim empedernidas são milagrozias, e celebres em toda a Europa por contra veneno espifico para os venenos; e ha tambem muntas no nosso Reyno de Portugal, e especialmente na Provincia da Beira. Habitaõ ordinariamente nas Penhas, e Lugares montuozos, nas agoas, e nas arvores, que chamamos choupos, e Alemos, e sabindo dellas se escondem nos penhascos, pedras, e seixos; comem todas as ervas, escaravelhos, Bufoens, Scorpioens, e os filhos das Pegas; he tambem a Vibora munto amiga de leite, e v nho, que he o seu regalo. Tem algumas virtudes, mas muntas malignidades; a sua mordedura he tão maligna, ou nociva, que cauza flatos, solu-cos, convulsoens, tumores no corpo, e fazem chagas semelhantes a queimaduras, cauzaõ sedes, e fluxos de sangue pellas jingivas, inflamaçoens do baço, e figado, provoca a vomitos, cauza vertigens, tremor dos nervos, e retençaõ de ou inas, dores Neufriticas, e colicas, fas purificar, e avivar ma s a vista, restituir a presença de menor idade, e mayor gentileza, e formozura.

Estas são as mais conhecidas species de animais reptis, e venenozos, que Deos Senhor criou para credito da sua Omnipotencia, e formozura do mundo, Serpentes, ou Cobras, que nelle andaõ, ou reptãõ sobre a terra; sendo muntas mais as varias species, que criou o mesmo Deos, cujas produccens apparesem continuamente na terra, e em humas mais, do que em outras, e porisso não ha



( 27 )

ha taõ exacta noticia dellas , nem dellas trataõ os Naturalistas , porque, ou se ignoraõ as suas species diversas, e diversos nomes , ou porque em huns Reynos, Provincias , ou terras tem diversos nomes, que naõ sabem todos. Segundo as species mencionadas , e referidas nenhuma dellas era aquella grande Cobra, que se achou dentro desta Nao da Companhia da Macao, e se criou dentro em huma pipa de agoa ; porque pareffe quis a milagroza Senhora de Penha de França, e assim o premetio o mesmo Deos , que ella fosse em tudo, e por tudo prodigioza, para ser mayor, e mais publico o prodigio de taõ soberana Senhora, e taõ milagroza Imagem. Para noticia delle exporei brevemente o successo milagroso , e prodigioso caso. Navegava do Porto de Macao para este Porto de Lisboa a Nao S. Pedro , e S. Joaõ, e como ja naõ era tempo opportuno da sua navegaçaõ, porque era fóra da monçaõ a sua viagem ; taõ preciza , e necessaria circumstancia para viagem taõ grande ; logo ao fahir do Porto de Macao a impulsos da sua grande devoçaõ , e mayor fé no auxilio , e favor de N. Senhora de Penha de França persuadio o Capitaõ da dita Nao, que vindo a ella a salvamento, e trazendo felis viagem, todos os seus navegantes veriaõ agradecer a mesma Senhora o seu felis arribo, e publicar com huma grandioza festa o seu beneficio; para o que todos lhe fizeiaõ publicamente hum voto, e promessa solemne , e de lhe trazerem por final da sua felis viagem a mesma Nao na representaçaõ de hum pequeno Navio; que de facto trouxeraõ em huma devota procissaõ cantando o Rozario da Senhora no dia 27 de Outubro deste presente anno; e per, publico final do prodigio da Senhora, muntos dias esteve exposto atodo o povo, que concorreo a vello, e admirar a sua galantaria, custo e perfeiçaõ na Igreja da mesma Senhora , e despois se collocou, e está penduado como triumpho publico da mesma Imagem na caza anterior a Sanchristia do mesmo Convento. Naõ pareceo acazo , mas novo prodigio da milagroza Senhora de Penha de França, que estando o tempo havia muntos dias munto tempestuozo com muntos ventos, e copiozas chuvas, e amanhecendo o dia da sua custoza festa , ou grandioza acçaõ de Graças dos mesmos navegantes devotos, e agradecidos á Senhora , munto mais medonho, e carrancudo atè as nove horas da manhan, prometendo, e com ella a universal , e espessa nevoa, que cobria a terra, e que se desfe em munta agoa, que todo o dia feria hum universal Diluvio , que naõ só impediria assistir á festa da Senhora toda esta Corte, que dezejoza, e devota a taõ milagroza Imagem,

da



( 28 )

dezejava, que o seu Templo fosse toda esta Corte, e ainda munto mayor o seu exceço para entrarem nelle, e louvarem a Senhora, e prezenciarem o publico louvor dos seus devotos; mas nem elles poderiaõ vir, e assistir a ella pella grande distancia das suas cazas, a caza, Sanctuario, Templo, e Convento da mesma Senhora, nem os mesmos Muzicos, que sendo os mais distinctos, e os melhores da Corte poderiaõ concorrer a cantar os seus aplauzos; quazi como milagrozo acazo, ou cazo prodigiozo; logo que sahio a prociffaõ por seus devotos cantando a Senhora o seu agtadavel Rozario, trazendo nella o seu prodigiozo Navio na companhia dos seus devotos da Companhia de Macao, que dezejavaõ por mayor devoçaõ, e fineza virem por bacho de agoa do Ceo, pois tambem escaparaõ por merce da mesma Senhora naõ ficarem todos debacho da agoa do mar; serenou o tempo logo de tal forte, e com taõ prodigiozo acazo, e misteriozo successo, que nunca mais choveo no dito dia, ate que nelle ao Solpoito finalizou a festa, e se pös no seu Sacrario o melhor, e verdadeiro Sol do Sacramento, que exposto todo o dia no Throno Real da sua Penha, onde luzio sempre na companhia singular, e poderosa maõ da melhor Aurora da Senhora, a quem o mesmo Santo Agostinho Aguia da Penha da Senhora, e Dono tambem da sua Caza, chamou Penha da melhor Aurora, e Aurora da mais prodigioza Penha, quando a admiraçaõ dos Anjos do Ceo, vendo nelle a Senhora diziaõ assim na sua admiravel Assumpçaõ, e nascimento prodigiozo: *Quæ est ista, quæ progreditur, quasi aurora coarsurgens*, disse o mesmo Santo na terra: *Quasi aurora in Rupe*. Foi tanta a gente, que concorreo nesse grande dia da Penha a sua Igreja, e a sua festa, que receando-se haver nesse dia hum diluvio de agoa em Lisboa appareço na Penha hum diluvio de gente; e a naõ haver a acertada providencia no Convento em pedir ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marques de Marialva Governador das Armas vinte e quatro Soldados de Cavallos para evitar algumas defordens de semelhantes concursos, naõ se fariaõ todas as funçoens plauziveis da festa sem algum cazo infausto. Ate na Capella mór para atemorizar a munta gente, e impedir; pois nem todos, os que entravaõ na Igreja, podiaõ hir a Capella mór, e ver, ou admirar a linda fabrica, e singular estrutura do Naviozinho de Macao, estavaõ a vista do Senhor dos exercitos, e na sua presença, muntos Soldados, com aquella exalta singularidade, ou exaçaõ, com que os Soldados da terra  
estaõ



( 29 )

estã publicamente nas suas guardas, e sentinelas no Corpo da guarda, quanto mais na guarda, e sentinela diante do Corpo de Deos, ou do Corpo de Christo Sacramentado. A Tribuna do mesmo Senhor, e da Senhora estava toda riquissimamente, ou primorosamente armada; a Igreja toda, com aquella, mesma magnificencia, ou culto magnifico, com que no mesmo Templo se faz, e se tributa a mesma milagroza Senhora, o seu celebrado, e aparatozo Triduo. Para mayor solemnidade, e declamação continua do seu prodigio houve Sermaõ de manhã, e detarde, das singulares circumstancias, e successos prodigiozos de toda a navegação felis, e misteriozo cazo, ou acazo raro da prodigioza Cobra.

Sahida a Nao S. Pedro, e S. Joã do Porto de Macao com voto, e promessa de taõ plauzivel festa a Senhora; quis ella logo mostrar aos seus devotos navegantes, que só ella como verdadeira estrella do Norte, e Senhora do mar, que essa he a Ethimologia do soberano nome de Maria: *Maria, idest, Domina maris; inserperraur stella maris*; especialmente a Senhora com o titulo prodigiozo da Penha, singular Patrona dos navegantes deste Reyno, qual aquella singular de que lá falla o Poeta *Statio*, que estando no meyo das agoas, e com universal Imperio no mar, naõ só naõ teme as suas furias, e tempestades do ar, mas com o seu poder, e patrocínio, ou grande força domina as ondas, sucega os mares, nelles ninguem teme, mas o mesmo mar a teme a ella; assim o disse o Poeta falando ao Prophano, e o podem dizer todos os navegantes falando ao Divino.

*Ceu fluctibus obvia Rupes*

*Cui neque de Cælo metus, & fracta æquora cedunt*

*Stat cunctis inmotaminiis, timet ipse rigentem*

*Pontus, &c.*

*Hic mole tenet, se*

*Robore sic proprio grande stat imperium.*

Este soberano imperio de taõ Magestoza Senhora, e grande poder de taõ prodigioza Penha, experimentaraõ duas vezes na sua viagem os seus devotos navegantes de Macao, tendo nella duas horrendas, ou horrotozas tempestades, onde destituhidos de todo o remedio humano, pois quazi sempre hindo ja a Nao a pique, e dando a costa, o Divino amparo da Senhora de Penha de França, a que só recorriaõ, e em quem só confiavaõ, os livrou de todo o perigo. Foi o primeiro vendo-se quazi dar a costa em huma Ilha desconhecida habitada de homens Silvestres, ou humanas feras, a que chamamos Papagentes, e se chamaõ

H

Negros



( 30 )

Negros bravos , onde feriaõ laltimozo despojo das suas vidas , e deliciozo manjar do seu depravado gosto. Foi o segundo apor-  
 rem por instantes a outra terra dezerta de homens , e só habita-  
 das de feras , onde a escaparem de serem sustento dos peixes  
 do mar, naõ escapavaõ por instantes a serem pasto dos bichos  
 da terra, das Serpentes, e das Cobras. Estes foraõ os dois prodi-  
 gios , que experimentaraõ no mar, e de que os livrou a Senhora na  
 dilatada navegaçaõ de oito mezes a hida , e de perto de outros  
 oito na vinda. Para ella se prepararaõ de novo as pipas, e se en-  
 cheraõ de agoa, para elemento da sua viagem. Na agoada, que fi-  
 zeraõ no Porto de Macao casualmente, como só assim se pode  
 conjecturar, entrou na dita pipa huma antaõ pequena Cobra, a qual  
 criando-se mais , e crescendo nella chegou ao comprimento de  
 quatorze palmos, tendo de grossura mais de hum de circunferen-  
 cia, cabeça comprida, a cauda farpada , ou dividida em duas pon-  
 tas ; a sua cor fusca com malhas amarelas , e por algumas partes  
 verdeneira. Este famozo , e horrorozo bicho se foi criando na  
 dita pipa, e depois augmentando-se na mesma Nao. Ao principio  
 da viagem, e quando hia tirar agoa da pipa, para se fazer o susten-  
 to aos navegantes , e para elles beberem, la deu fe della hum Ra-  
 pas da mesma Nao, ou hum Gurumete pequeno, pois como elle  
 referio ao Capitaõ do Navio, sentia movimento de algum bicho,  
 quando tirava agoa da pipa , e pello suspiro da mesma pipa la vio  
 de algum modo , que era bicho grande. Pareseu incrivel o cazo,  
 ou o dito do Rapas, pois de ditos de Rapazes, e ainda de muntos  
 homens se naõ deve fazer cazo algum , e naõ se acreditou pellos  
 passageiros da Nao aquelle dito, pareseu incrivel a afirmaçaõ  
 do Rapas. Beberaõ todos da agoa da pipa, ou da agoa da Cobra,  
 ou da Cobra de agoa , e quando esta se acabou, sahio , mas sem  
 ninguem a ver peilla portinhola da pipa a mesma Cobra, e me-  
 tendo-se no conves da Nao lá se escondeo, e nunca deu final de si  
 com o seu sibilo, ou com o seu assubio. Chegou ao porto desta Ci-  
 dade a Nao no dia 12 de Setembro, e passados muntos dias, quan-  
 do se descarregou a Nao appareceo a Cobra. Foi grande antaõ o  
 medo dos navegantes, vendo na sua companhia hum hospede , ou  
 tal bicho , que naõ só o naõ quereriaõ vello , e munto menos tra-  
 zello comfigo ; e acreditaraõ antaõ com a experiencia , e com a  
 vista a sincera afirmaçaõ do Rapas inocente. A Cobra se mostrou  
 tambem inocente com todos, pois naõ fes , nem cauzou mal a nin-  
 guem . Perrederaõ matalla com espadas , tiros , e paos , e final-  
 mente



( 31 )

mente lançando-lhe huns arpeos da mesma Nao , e pegando nella a feriraõ, sangraraõ, e assim morreo, e veyo finalizar na maõs dos Rapazes de Lisboa, que saõ piores , que as Cobras ; porque a Lançaraõ na praya , e tomando logo posse della os Rapazes a arrastaraõ, e trouxeraõ como em porçillaõ pellas Ruas, e Praças desta Cidade com grande admiração de todos , que atr buhiraõ a produção , inocencia, vida, e morte da mesma Cobra a prodigio singular de N. Senhora de Penha de França para dar nesta horrivel Cobra, huma tambem horrenda companheira ao seu horrorozo Lagarto. Sobre estes bichos deu Deos Senhor nosso poder aos seus Santos , quando lhes disse por S. Lucas : *Ecce dedi vobis potestatem calcandi supra Serpentes , & Scorpicnes , & super omnem virtutem inimici , & nihil vobis nocebit ;* e por S. Marcos tambem lhe deu poder sobre as Cobras , e Serpentes, para naõ nos fazer mal o seu veneno quãdo o beberem, os homens, e quando lhes disse : *Serpentes tollent, & si morti ferum , quid biberint non eis nocebit ;* mas munto mais singular, e primeiro, que a ninguem o deu a Senhora, logo primeira figura da Senhora da Penha, quando fallando o meimo Deos com a primeira Cobra, ou Serpente, que criou, lhe disse logo : *Inimicitias ponam inter te , & mulierem , tu insidiaberis calcaneo ejus ; ipsa conteret caput tuum ;* seja tudo para mayor gloria de Deos , e da milagroza Imagem da Senhora de Penha de França de Lisboa.

F I M.



## EDITORIAL COMMITTEE

**Publisher:** Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. Avenida Nazaré, 481, Ipiranga, CEP 04263-000, São Paulo, SP, Brasil.

**Editor-in-Chief:** Carlos José Einicker Lamas, Serviço de Invertebrados, Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, Caixa Postal 42.494, CEP 04218-970, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [editormz@usp.br](mailto:editormz@usp.br).

**Associate Editors:** Mário César Cardoso de Pinna (*Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, Brasil*); Luís Fábio Silveira (*Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, Brasil*); Marcos Domingos Siqueira Tavares (*Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, Brasil*); Sérgio Antonio Vanin (*Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, Brasil*); Hussam El Dine Zaher (*Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, Brasil*).

**Editorial Board:** Rüdiger Bieler (*Field Museum of Natural History, U.S.A.*); Walter Antonio Pereira Boeger (*Universidade Federal do Paraná, Brasil*); Carlos Roberto Ferreira Brandão

(*Universidade de São Paulo, Brasil*); James M. Carpenter (*American Museum of Natural History, U.S.A.*); Ricardo Macedo Corrêa e Castro (*Universidade de São Paulo, Brasil*); Mario de Vivo (*Universidade de São Paulo, Brasil*); Marcos André Raposo Ferreira (*Museu Nacional, Rio de Janeiro, Brasil*); Darrel R. Frost (*American Museum of Natural History, U.S.A.*); William R. Heyer (*National Museum of Natural History, U.S.A.*); Ralph W. Holzenthal (*University of Minnesota, U.S.A.*); Adriano Brilhante Kury (*Museu Nacional, Rio de Janeiro, Brasil*); Gerardo Lamas (*Museo de Historia Natural "Javier Prado", Lima, Peru*); John G. Maisey (*American Museum of Natural History, U.S.A.*); Naércio Aquino Menezes (*Universidade de São Paulo, Brasil*); Christian de Muizon (*Muséum National d'Histoire Naturelle, Paris, France*); Nelson Papavero (*Universidade de São Paulo, Brasil*); James L. Patton (*University of California, Berkeley, U.S.A.*); Richard O. Prum (*University of Kansas, U.S.A.*); Olivier Rieppel (*Field Museum of Natural History, U.S.A.*); Miguel Trefaut Urbano Rodrigues (*Universidade de São Paulo, Brasil*); Randall T. Schuh (*American Museum of Natural History, U.S.A.*); Ubirajara Ribeiro Martins de Souza (*Universidade de São Paulo, Brasil*); Paulo Emilio Vanzolini (*Universidade de São Paulo, Brasil*); Richard P. Vari (*National Museum of Natural History, U.S.A.*).

## INSTRUCTIONS TO AUTHORS - (April 2007)

**General Information:** *Papéis Avulsos de Zoologia (PAZ)* and *Arquivos de Zoologia (AZ)* cover primarily the fields of Zoology, publishing original contributions in systematics, paleontology, evolutionary biology, ontogeny, faunistic studies, and biogeography. *Papéis Avulsos de Zoologia* and *Arquivos de Zoologia* also encourage submission of theoretical and empirical studies that explore principles and methods of systematics.

All contributions must follow the International Code of Zoological Nomenclature. Relevant specimens should be properly curated and deposited in a recognized public or private, non-profit institution. Tissue samples should be referred to their voucher specimens and all nucleotide sequence data (aligned as well as unaligned) should be submitted to GenBank ([www.ncbi.nlm.nih.gov/Genbank](http://www.ncbi.nlm.nih.gov/Genbank)) or EMBL ([www.ebi.ac.uk](http://www.ebi.ac.uk)).

**Peer Review:** All submissions to *Papéis Avulsos de Zoologia* and *Arquivos de Zoologia* are subject to review by at least two referees and the Editor-in-Chief. All authors will be notified of submission date. Authors may suggest potential reviewers. Communications regarding acceptance or rejection of manuscripts are made through electronic correspondence with the first or corresponding author only. Once a manuscript is accepted providing changes suggested by the referees, the author is requested to return a revised version incorporating those changes (or a detailed explanation of why reviewer's suggestions were not followed) within fifteen days upon receiving the communication by the editor.

**Proofs:** Page-proofs with the revised version will be sent to e-mail the first or corresponding author. Page-proofs *must be returned to the editor, preferentially within 48 hours*. Failure to return the proof promptly may be interpreted as approval with no changes and/or may delay publication. Only necessary corrections in proof will be permitted. Once page proof is sent to the author, further alterations and/or significant additions of text are permitted only at the author's expense or in the form of a brief appendix (note added in proof).

**Submission of Manuscripts:** Manuscripts should be sent to the **SciELO Submission** (<http://submission.scielo.br/index.php/paz/login>), along with a submission letter explaining the importance and originality of the study. Address and e-mail of the corresponding author must be always updated since it will be used to send the 50 reprints in titled by the authors. Figures, tables and graphics **should not** be inserted in the text. Figures and graphics should be sent in separate files with the following formats: ".JPG" and ".TIF" for figures, and ".XLS" and ".CDR" for graphics, with 300 DPI of minimum resolution. Tables should be placed at the end of the manuscript.

Manuscripts are considered on the understanding that they have not been published or will not appear elsewhere in substantially the same or abbreviated form. The criteria for acceptance of articles are: quality and relevance of research, clarity of text, and compliance with the guidelines for manuscript preparation.

Manuscripts should be written preferentially in English, but texts in Portuguese or Spanish will also be considered. Studies with a broad coverage are encouraged to be submitted in English. All manuscripts should include an abstract and key-words in English and a second abstract and key-words in Portuguese or Spanish.

Authors are requested to pay attention to the instructions concerning the preparation of the manuscripts. Close adherence to the guidelines will expedite processing of the manuscript.

**Manuscript Form:** Manuscripts should not exceed 150 pages of double-spaced, justified text, with size 12 and source Times New Roman (except for symbols). Page format should be A4 (21 by 29.7 cm), with 3 cm of margins. The pages of the manuscript should be numbered consecutively.

The text should be arranged in the following order: **Title Page, Abstracts with Key-Words, Body of Text, Literature Cited, Tables, Appendices, and Figure Captions**. Each of these sections should begin on a new page.

(1) **Title Page:** This should include the **Title, Short Title, Author(s) Name(s) and Institutions**. The title should be concise and, where appropriate, should include mention of families and/or higher taxa. Names of new taxa should not be included in titles.

(2) **Abstract:** All papers should have an abstract in **English** and another in **Portuguese or Spanish**. The abstract is of great importance as it may be reproduced elsewhere. It should be in a form intelligible if published alone and should summarize the main facts, ideas, and conclusions of the article. Telegraphic abstracts are strongly discouraged. Include all new taxonomic names for referencing purposes. Abbreviations should be avoided. It should not include references. Abstracts and key-words should not exceed 350 and 5 words, respectively.

(3) **Body of Text:** The main body of the text should include the following sections: **Introduction, Material and Methods, Results, Discussion, Conclusion, Acknowledgments, and References at end**. Primary headings in the text should be in capital letters, in bold and centered. Secondary headings should be in capital and lower case letters, in bold and centered. Tertiary headings should be in capital and lower case letters, in bold and indented at left. In all the cases the text should begin in the following line.

(4) **Literature Cited:** Citations in the text should be given as: Silva (1998) *or* Silva (1998:14-20) *or* Silva (1998: figs. 1, 2) *or* Silva (1998a, b) *or* Silva & Oliveira (1998) *or* (Silva, 1998) *or* (Rangel, 1890; Silva & Oliveira, 1998a, b; Adams, 2000) *or* (Silva, *pers. com.*) *or* (Silva *et al.*, 1998), the latter when the paper has three or more authors. The reference need not be cited when authors and date are given only as authority for a taxonomic name.

(5) **References:** The literature cited should be arranged strictly alphabetically and given in the following format:

- **Journal Article** - Author(s). Year. Article title. *Journal name*, volume: initial page-final page. Names of journals must be spelled out in full.
- **Books** - Author(s). Year. *Book title*. Publisher, Place.
- **Chapters of Books** - Author(s). Year. Chapter title. *In: Author(s) ou Editor(s), Book title*. Publisher, Place, volume, initial page-final page.
- **Dissertations and Theses** - Author(s). Year. *Dissertation title*. (Ph.D. Dissertation). University, Place.
- **Electronic Publications** - Author(s). Year. *Title*. Available at: <electronic address>. Access in: date.

**Tables:** All tables must be numbered in the same sequence in which they appear in text. Authors are encouraged to indicate where the tables should be placed in the text. They should be comprehensible without reference to the text. Tables should be formatted with vertical (portrait), not horizontal (landscape), rules. In the text, tables should be referred as Table 1, Tables 2 and 4, Tables 2-6. Use "TABLE" in the table heading.

**Illustrations:** Figures should be numbered consecutively, in the same sequence that they appear in the text. Each illustration of a composite figure should be identified by capital letters and referred in the text as: Fig. 1A, Fig. 1B, for example. When possible, letters should be placed in the left lower corner of each illustration of a composite figure. Hand-written lettering on illustrations is unacceptable. Figures should be mounted in order to minimize blank areas between each illustration. Black and white or color photographs should be digitized in high resolution (300 DPI at least). Use "Fig(s)." for referring to figures in the text, but "FIGURE(S)" in the figure captions and "fig(s)." when referring to figures in another paper.

---

**Responsibility:** Scientific content and opinions expressed in this publication are sole responsibility of the respective authors.  
**Copyrights:** The journals *Papéis Avulsos de Zoologia* and *Arquivos de Zoologia* are licensed under a Creative Commons Licence (<http://creativecommons.org>).

---

For other details of manuscript preparation of format, consult the CBE Style Manual, available from the Council of Science Editors ([www.councilscienceeditors.org/publications/style](http://www.councilscienceeditors.org/publications/style)).

*Papéis Avulsos de Zoologia* and *Arquivos de Zoologia* are publications of the Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo ([www.mz.usp.br](http://www.mz.usp.br)). Always consult the Instructions to Authors printed in the last issue or in the electronic home pages: [www.scielo.br/paz](http://www.scielo.br/paz) or [www.mz.usp.br/publicacoes](http://www.mz.usp.br/publicacoes).



ISSN 0066-7870



9 770066 787009